

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**



Dissertação

**Imagens da cidade: representação e modernização na cidade do Rio Grande
na década de 1950**

Maria Clara Lysakowski Hallal

Pelotas, 2014

Maria Clara Lysakowski Hallal

**Imagens da cidade: representação e modernização na cidade do Rio Grande
na década de 1950**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em História.

Orientadora: Professora Dr^a Elisabete da Costa Leal

Pelotas, 2014

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

H174i Hallal, Maria Clara Lysakowski

Imagens da cidade : representação e modernização na cidade do Rio Grande na década de 1950 / Maria Clara Lysakowski Hallal ; Elisabete da Costa Leal, orientadora. — Pelotas, 2014.

205 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2014.

1. História - Brasil. 2. Juscelino Kubistchek. 3. Modernização. 4. Representação. 5. Rio grande - RS. I. Leal, Elisabete da Costa, orient. II. Título.

CDD : 981.65

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB: 10/1733

Maria Clara Lysakowski Hallal

Imagens da cidade: representação e modernização na cidade do Rio
Grande na década de 1950

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em História,

Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de
Pelotas.

Data da Defesa: 15/04/2014

Banca examinadora:

Prof. Dr^a. Elisabete da Costa Leal (Orientadora). Doutora em História
Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr^a. Larissa Patron Chaves. Doutora em História pela Universidade
do Vale do Rio dos Sinos

Prof. Dr^o. Alberto Gawryszewski. Doutor em História pela Universidade
de São Paulo.

Agradecimentos

A trajetória para a conclusão dessa dissertação foi extensa e impossível de ser feita sozinha. Inúmeras pessoas foram importantes para a concretização dessa etapa, aqui, nesse momento, restringirei as mais próximas e/ou importantes.

Primeiramente, agradeço a CAPES pela bolsa de estudos concedida que me permitiu a dedicação exclusiva ao mestrado e, além disso, participar de congressos que foram de extrema importância para o desenvolvimento desse trabalho. Aproveito também para agradecer a UFPEL e ao PPGH pela acolhida e receptividade com o meu ingresso no mestrado.

Agradecimento seria pouco para demonstrar o quanto sou grata por ter sido orientanda da Prof. Dr^a. Elisabete da Costa Leal. Com profissionalismo e dedicação, ela auxiliou de forma imprescindível na trajetória desse trabalho. Apoiou-me nas minhas escolhas, por vezes inusitadas, e entendeu a minha eventual necessidade de “independência”. Levarei seus ensinamentos por toda a minha profissão.

Também agradeço aos professores do PPGH, especialmente, aos professores Aristeu Lopes, Marcia Janet Espig e Larissa Patron Chaves, pela dedicação e competência no ensino de suas disciplinas. Agradeço a turma da disciplina “Imagem e Teorias da História – estudos bibliográficos” pela acolhida e apoio durante meu estágio docente.

A banca de qualificação para o mestrado, Prof^a Dr^a Zita Possamai e Prof^a Dr^a Larissa Patron Chaves e agora, na defesa da dissertação, pela presença do Prof^o Alberto Gawryszewski.

Não poderia deixar de agradecer o companheirismo e amizade dos colegas de mestrado, Felipe Kruger, Geza Guedes, Marília Bas e Luiane Mota, pelas trocas de ideias, bibliografias e companheiros do “Papueira”.

Na esfera pessoal, agradeço a minha mãe pelo apoio e por entender minhas (constantes) ausências, a Sirlei, minha segunda mãe, e ao meu pai, que infelizmente não pode ver a conclusão desse trabalho, porém, sei que, no lugar especial onde se encontra, está torcendo por mim. Ao querido amigo Marcelo França, companheiro de pesquisa, poeira e ácaros e da recompensa pós-pesquisa: o maravilhoso cappuccino da Vanguarda. Ao amigo Rodrigo Valentini, por ser sempre um ombro

amigo. As amigas: Helissa Gründemann, Gláucia Peripolli, Maritza Dode, Sara Munaretto e Débora Kreuz pela amizade, companheirismo e torcida. Obrigada gurias!

Aos amores da “titia”: Inês, mesmo possuindo apenas nove anos de idade, compreendeu que eu tinha que ficar longos períodos ausentes das brincadeiras e diversões. A pequena Sarah, com suas risadas e doçura relativas aos seus quatro anos, lembrou-me, mesmo nas horas difíceis, como a vida é doce.

Uma fotografia é um segredo sobre um segredo. Quanto mais ela te conta, menos você sabe.

Diane Arbus

Cada visível guarda uma dobra invisível que é preciso desvendar a cada instante e em cada movimento.

Adauto Novaes

Não é o discurso que promove o que está do lado de fora, é o lado de fora que é revelador do discurso.

Górgias, quatro séculos antes de Cristo

O desenho e a luz da fotografia já estão dentro do fotógrafo. Você traz com você da sua origem.

Sebastião Salgado

Resumo

Este trabalho tem como recorte temporal a década de 1950, mais especificamente, o período de governo do presidente Juscelino Kubistchek, 1956-1961. Momento marcado por inúmeras transformações: a modernização estava em vigor, perpetuada através das transformações urbanísticas e questões como o desenvolvimentismo e as modificações industriais. O Plano de Metas, lançado logo após a posse do novo presidente, consistia em 31 metas, e tendeu a dar bases desenvolvimentistas para o Brasil, dentre os objetivos estava à expansão das áreas de energia, alimentação, indústria de base e transporte para todo o Brasil, inclusive, para o interior. Também abarcava a meta síntese, a construção da nova capital federal, Brasília. A partir disso, faz-se a seguinte questão: a partir de imagens do jornal *Rio Grande*, considerado o de maior circulação da cidade, e do estúdio Casa Foto Rio Grande, será estudado a representação da nova visualidade urbana e se e como a modernização brasileira chegou a Rio Grande, no período estipulado. Os objetivos que norteiam este trabalho são: compreender como se expressou a visualidade urbana, consequentemente a modernização e urbanização na cidade do Rio Grande; identificar as modificações urbanas na cidade durante a década de 1950 e identificar as obras de infraestrutura, embelezamento e os problemas oriundos da possível modernização riograndina. Dessa forma, foi possível constatar enquanto que as fontes, primordialmente, objetivavam mostrar o belo, oriundo das reformas, o antigo e defasado também foi evidenciado pelas fotografias do estúdio e fotorreportagens do jornal. Nota-se, então, que na cidade do Rio Grande, o antigo e novo faziam parte da constituição moderna da cidade. Também foi possível perceber que os discursos da modernização não eram simplesmente virtudes, mas sim organização das forças, seja dos governos ou da população, pois esta, através do jornal ou fotografias do estúdio, poderia sentir-se parte integrante desse ideal e participar, visto que a industrialização, cidadãos/habitantes, governos e urbanização estão interligados e são dependentes no processo.

Palavras chave: Brasil; Juscelino Kubistchek; Modernização; Representação; Rio Grande

Abstract

This work covers the decade of 1950s, more specifically, Juscelino Kubistchek presidential administration period, from 1956 to 1961. This period is marked by many changes: modernization was in effect, perpetuated by urban transformations and its recurrent issues such as development and industrial transformations. The *Plano de Metas*, released shortly after the president inauguration, consisted of 31 targets, and tended to give development bases to Brazil. Among them were the expansion of energy, food, basic industry and transportation within all the country, inland included. Also encompassed the main goal, the construction of a new capital, Brasília. Based on this, the following question can be made: Whether and how the modernization reached Rio Grande from *Rio Grande* newspaper's images, considered the largest in circulation, and from the *Studio Casa Foto Rio Grande*. Also the representation of the new urban view will be studied within the stipulated period. The sources for this research were the Photo Reports journal and photos from Rio Grande Home Photo Studio. The goals that guided this work were to understand how the urban view expressed thus modernization and urbanization in the city of Rio Grande, to identify urban changes in the city of Rio Grande in the 1950s, its infrastructure, beautification and the problems stemming from its possible modernization. Thus, it was found that - while the sources primarily aimed to show the beautiful, arising reforms, the old and outdated where also spotted by the photography studio. It was noted, then, that in Rio Grande the old and new were part of the modern city's constitution. Also it was noted that modernization discourses were not simply virtues, but power arrangements whether of governments or its population. Since the people, through the newspaper and/or photos from the Studio, felt integrating this ideal and active participants within, whereas in industrialization, citizens/residents, governments and urbanization are interrelated and dependent on the process.

Keywords: Brazil - Juscelino Kubistchek - Modernization - Representation - Rio Grande

Lista de Imagens

Mapas

Mapa nº1 mapa Rio Grande 1926	49
Mapa nº2 mapa Rio Grande 1944.....	51
Mapa nº3 mapa Rio Grande década 1960.....	52

Fotorreportagens

Fotorreportagem 1: JR, 4 de julho de 1959.....	85
Fotorreportagem 2: JR, 13 de julho de 1957.....	92
Fotorreportagem 3: JR, 25 janeiro de 1958.....	98
Fotorreportagem 4: JR, 17 de junho de 1959.....	105
Fotorreportagem 5: JR, 15 janeiro 1958	117
Fotorreportagem 6: JR, 24 de janeiro de 1958.....	121
Fotorreportagem 7: JR, 7 de novembro de 1959.....	126
Fotorreportagem 8: JR, 7 de novembro de 1959.....	131
Fotorreportagem 9: JR, 18 de abril de 1959.....	140
Fotorreportagem 10: JR, 27 de junho de 1959.....	145
Fotorreportagem 11: JR, 27 de junho de 1959.....	149
Fotorreportagem 12: JR, 18 de julho de 1959.....	160
Fotorreportagem 13: JR, 18 de abril de 1956.....	165
Fotorreportagem 14: JR, 17 de outubro de 1957.....	169
Fotorreportagem 15: JR, 19 de abril de 1956.....	175
Fotorreportagem 16: JR, 17 de outubro de 1957.....	181

Fotografias

Fotografia 1: Rua Andradas, 1959.....	111
Fotografia 2: Imagem aérea Porto Novo, década 1950.....	113
Fotografia 3: Praça Xavier Ferreira. 1958.....	153
Fotografia 4: Mercado Público Municipal de Rio Grande, 1959.....	156

Lista de Tabelas

Tabela 1: Taxas médias de crescimento do PIB.....	41
Tabela 2: Taxas de crescimento do Brasil.....	43
Tabela 3: Crescimento horizontal da cidade do Rio Grande (loteamentos 1940/1985).....	54
Tabela 4: Volume da movimentação de cargas e descargas de mercadorias nos principais portos situados no território brasileiro.....	56

Lista de Abreviações

PP - Partido Progressista de Minas Gerais

PSD - Partido Social Democrático

PTB - Partido Trabalhista Brasileiro

BNDE - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico

CEPAL - Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe

ONU - Organização das Nações Unidas

CODENE - Coordenação do Desenvolvimento do Nordeste

SUDENE - Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste

PIB - Produto Interno Bruto

FMI - Fundo Monetário Internacional

ISEB - Instituto Superior de Estudos Brasileiros

PEM – Plano de estabilização monetária

JR – Jornal Rio Grande

JK – Juscelino Kubistchek

Sumário:

Introdução.....	15
Trajetória, Objetivos, Objeto e Problematização:	15
Revisão sobre bibliografia:	18
Fontes e Metodologia:.....	22
Categorias de Análise:	26
1 Conceituações: Brasil anos 1950, urbanização e fotorreportagens	32
1.1 Brasil anos 1950.....	33
1.1.1 As dificuldades do governo.....	44
1.1.2 Aspectos sociais do governo	45
1.1.3 Rio Grande: 1956-1961	47
1.2 Cidades – Urbanismo – Fotorreportagem	59
1.2.1 Cidades – Urbanismo	59
1.2.2 Modernização e Imprensa Brasileira.....	63
1.2.3 Imprensa no Rio Grande do Sul.....	66
1.2.4 Fotografia e Fotorreportagem	68
2 Obras de infraestrutura: a modernização e a urbanização em Rio Grande.....	75
2.1 Representações das cidades nas imagens fotográficas	76
2.2 Novos bairros, velhas ruas: sinalizações do ideal de modernização em Rio Grande	80
2.3 Ampliação do saneamento básico riograndino na década de 1950	116
3 Obras de embelezamento: enfim... a modernização chega á cidade?	138
3.1 Novos prédios, belas ruas: a presença do traçado moderno.	139
3.2 Modernização e Problemas: controvérsias do crescimento urbano	159
Considerações Finais	185
Fontes Consultadas	193
Referências Bibliográficas	194

Introdução

Trajetória, Objetivos, Objeto e Problematização:

No Brasil anos 1950, mais precisamente os anos 1956-1961, ocorriam mudanças históricas - um novo presidente eleito, Juscelino Kubistchek de Oliveira, doravante denominado JK. Um plano que abarcava questões elementares, denominado Plano de Metas¹, foi lançado e implantado na tentativa de eliminar a pobreza e a miséria do País. Porém, mais que isso, os anos 1950 eram marcados pelo desejo e anseio pela urbanização e, conseqüentemente, modernização. No entanto, era um governo contraditório: ao mesmo tempo em que ocorriam construções de novas rodovias, investimentos em indústrias, principalmente, a automobilística, questões negativas surgiam: em 1959, a inflação alcançou o índice de 39,5%, fazendo com que setores de serviços e a indústria obtivessem queda considerável. Assim, os anos 1950, mais precisamente o governo JK, foram fascinantes, devido a sua proposta, objetivos e, inclusive, contradições, proporcionando reflexões no campo da história.

Dentro do processo de construção desta pesquisa, é necessário salientar que esta iniciou-se em 2009, ainda na graduação² em História. Ao ingressar em um projeto de pesquisa³ referente à cidade do Rio Grande, começaram os estudos primordiais sobre a urbanização da cidade.

Posteriormente, chegou-se aos estudos sobre a década de 1950 na cidade e, devido a elementos interessantes, como a questão industrial e o próprio Porto de Rio Grande, foi realizado uma análise mais aprofundada sobre essas situações.

Iniciou-se, então, um trabalho de discussão bibliográfica, leituras de obras, dissertações e teses que estudavam o período de JK no Brasil. Assim, questões norteadoras desta década, como a urbanização e a modernização, começaram a se constituir como objeto de interesse de pesquisa.

¹ Era constituído por 30 metas mais a meta síntese, a construção de Brasília. Dentre os investimentos previstos, estavam a educação, transporte, energia elétrica e indústria de base.

² Graduação em História, na Universidade Federal do Rio Grande, FURG.

³ Projeto de extensão, com bolsa Proext.

Seguindo a sugestão da professora orientadora da época⁴, foi realizada a pesquisa em jornais. Descobriu-se que o jornal de maior circulação na cidade era o jornal *Rio Grande*. Durante averiguação de fotografias da cidade, na Fototeca Municipal Ricardo Giovannini, chegou-se ao arquivo do então estúdio Casa Foto Rio Grande.

Estando no dilema de todo estudante, ao ter que escolher um tema para o TCC⁵, foi sugerido o aproveitamento desse projeto de pesquisa. Após analisar as fontes e bibliografia disponíveis, chegou-se ao acordo de que o trabalho seria o processo de modernização da cidade do Rio Grande durante os dois primeiros anos do período de Juscelino Kubistchek (1956-1957). Porém, em virtude do tempo e limitações que ocorrem em um TCC, foi decidido que só seriam utilizadas as reportagens e a coluna *Corujando*⁶ do referido jornal.

Posteriormente à formatura no curso em História e à escolha de um projeto de pesquisa para ingressar no mestrado em História da UFPEL, decidiu-se utilizar as fotorreportagens do jornal e as fotografias da cidade. Com o ingresso no Programa e a orientação da Professora Elisabete Leal, assim como, a participação em eventos, a dissertação adquiriu contornos mais precisos.

Dessa maneira, chegou-se ao recorte temporal deste trabalho: os anos 1956 a 1961, cujo presidente era Juscelino Kubistchek. Dentro desse período, tem-se a expansão industrial e a divulgação de discursos modernizadores envolvendo a urbanização. O período foi marcado pelo Plano de Metas, e seu governo tinha, como lema, “50 anos em 5”, cujo objetivo era proporcionar um grande crescimento econômico em apenas cinco anos de mandato.

JK tendeu a dar bases desenvolvimentistas para o Brasil. Teoricamente, dentre os objetivos do Plano de Metas, estava a expansão das metas de energia, alimentação, indústria de base e transporte para todo o País. Também pretendia promover a expansão, crescimento e modernização do interior do Brasil (SKIDMORE 1982). A partir disso, pôde-se delinear o recorte espacial e o objeto deste trabalho: a cidade do Rio Grande.

⁴ Professora Julia Matos, da Universidade Federal do Rio Grande.

⁵ Trabalho de Conclusão de Curso.

⁶ Coluna destinada a publicação de cartas que os leitores enviavam ao jornal, geralmente com reclamações ou considerações pertinentes a estrutura urbana da cidade.

A construção de Brasília era a meta síntese para o governo de JK, e a nova cidade representava o que de mais moderno havia em termos urbanísticos, arquitetônicos e de progresso. Assim, como se sabe, que na década de 1950, ainda que seja um período sem a existência da internet ou celular, por exemplo, a circulação de ideias era rápida. Como justificativa a isso, deve-se porque os órgãos citadinos fotografavam a urbes, suas modificações, crescimento e transformações. Dessa forma, a urbanização circulava através da narrativa visual, seja através dos jornais, onde os habitantes e leitores de outras cidades ficavam conhecendo a realidade de Rio Grande, ou por meio das fotografias do estúdio, que ainda que não estivessem sendo vendidas comercialmente, a prefeitura tinha a opção de distribuir como uma forma de repassar as ideias urbanísticas da cidade.

O tema principal (problemática) que norteará a pesquisa é se e como se expressa, através da visualidade urbana, a modernização brasileira na cidade do Rio Grande. Para trabalhar com tal tema, serão utilizadas duas fontes: fotografias da cidade do Rio Grande, feitas pelo estúdio Casa Foto Rio Grande e fotorreportagens do jornal *Rio Grande*. Os objetivos que norteiam este trabalho são, primeiramente, compreender como se expressou a visualidade urbana, consequentemente a modernização e urbanização na cidade do Rio Grande; em seguida, identificar as modificações urbanas na cidade na década de 1950 e identificar as obras de infraestrutura, embelezamento e os problemas oriundos da possível modernização riograndina..

Obviamente, nesse trabalho não se pretende analisar se todos os elementos modernos estiveram presentes na cidade, a finalidade é compreender e questionar de que forma Rio Grande apropriou-se das ideias modernizadoras perpassadas na década de 1950 e sua representação nas fontes. Importante esclarecer que algumas dessas ideias não foram elaboradas no período estudado, mas sim, perpassadas e transformadas no contexto brasileiro urbanístico.

Aprofundando o contexto histórico da pesquisa, é necessário compreender a situação brasileira do período JK. Esse foi eleito em 03 de outubro de 1955, pelo partido PSD (máquina rural) e seu vice era João Goulart, do partido PTB (cidades).

O símbolo da modernização para JK era a construção de uma nova capital federal - Brasília. Essa iria moldar os visuais modernos. Com a transferência da

capital federal do Rio de Janeiro para Brasília, o governo afirmava que pretendia desenvolver o interior do País.

Na questão industrial, o presidente impulsionou as indústrias do País, contudo, deu ênfase e realizou investimentos nas indústrias de base e, especialmente, nas localizadas no sudeste brasileiro. Sendo assim, a cidade do Rio Grande, que possuía grande número de indústrias voltadas ao setor de têxteis, charutos e frigoríficos, viu suas fábricas falirem e fecharem. Porém, empresários alavancaram o desenvolvimento das indústrias pesqueiras, aproveitando os incentivos voltados a esse setor, ocupando, assim, a área do Porto Novo, que até então não estava plenamente ocupada. Em consequência, a cidade, chegou a apresentar o maior polo pesqueiro do Brasil (MARTINS, 2006).

JK cunhava uma nova identidade brasileira e pretendia lançar o País à modernização. Os discursos modernizadores que ocorreram no Brasil, relativos ao desenvolvimento urbano industrial, apontam que, até o final dos anos 1970, a sensação dos brasileiros era de que faltavam poucos passos para a conquista da modernidade e o ingresso no Primeiro Mundo.

Na historiografia brasileira, o tema modernização urbana e desenvolvimentismo já foi amplamente analisado. Contudo, inexistem estudos sobre como se expressou, na visualidade urbana, a modernização na cidade do Rio Grande. Parece, portanto, ser um assunto de relevância acadêmica dentro dos estudos historiográficos brasileiros na área da História da Cidade.

Revisão sobre bibliografia:

Existe variada produção de dissertações⁷ e teses voltadas ao governo de Juscelino Kubistchek, de uma forma geral, todavia, nenhuma voltada ao tema da pesquisa na cidade referida⁸. Em relação à cidade do Rio Grande, têm-se dissertações como a do pesquisador Ticiano Pedroso (2012), intitulada “*CIDADE NOVA: Narrativas do cotidiano no subúrbio operário de Rio Grande – 1950*”. O autor debruça-se sobre a cidade do Rio Grande no período de 1950, tratando de um bairro

⁷ STORMOWSKI (2001); MEYRER (2008), são alguns exemplos.

⁸ Existem algumas dissertações e teses sobre a cidade do Rio Grande, contudo, nenhuma sobre o período e temática apresentada.

específico, Cidade Nova, e a relação dos seus habitantes com o seu local de moradia. Outro trabalho relativo a Rio Grande é da pesquisadora Marina Pelissari, que estuda as colunas sociais do jornal *Rio Grande* durante o período de 1956 a 1960. Outra pesquisa de igual importância é a do pesquisador Ezio Bittencourt (1999), intitulada *Da Rua ao Teatro, os prazeres de uma cidade: sociabilidades & cultura*. O historiador estuda a cidade a partir da perspectiva dos teatros e sociabilidades, como cafés e cinemas, no início do século XX.

Ainda dentro do universo riograndino existem diversas obras de Francisco das Neves Alves (1999, 2000, 2001, 2005, 2010) e do professor Luiz Henrique Torres (1999, 2001, 2006, 2012, 2013). Apesar de tais obras terem sido de fundamental importância para a construção narrativa da cidade do Rio Grande, nenhuma, até agora encontrada, abarca os estudos propostos por esta dissertação.

Algumas outras bibliografias destacam-se a respeito da cidade do Rio Grande; Solismar Fraga Martins, no livro *Cidade do Rio Grande: industrialização e urbanidade (1873-1990)*, produzido no ano de 2006, apresenta informações importantes para a dissertação. Primeiramente, esse autor comenta que a instalação das indústrias vem acompanhada de um conjunto de elementos e fatores que irão marcar a produção daquela espacialidade. A partir disso, compreende-se que, ainda no fim do século XIX, é que começaram as transformações sócio espaciais da cidade. Também entende-se que as transformações industriais ocorridas com o declínio das indústrias têxteis e frigoríficos, e o desenvolvimento da indústria pesqueira, provocaram mudanças na visualidade urbana da cidade.

Ainda, a partir dessa leitura, será apresentada que a atividade portuária era a principal da cidade, fazendo com que a mesma tivesse uma importância no cenário brasileiro. Sendo assim, tal livro será importante para contextualizar as fontes trabalhadas.

Continuando com os estudos da cidade do Rio Grande, pode-se destacar o artigo de Rafael Copstein, *Evolução Urbana da Cidade do Rio Grande* (1982), que trata do processo evolutivo da cidade, desde sua fundação até meados de 1970. Os dados e tabelas apresentados são importantes para saber que, em 1957, houve a criação de oito novos loteamentos; em 1958, nove loteamentos e, em 1960, foram criados os primeiros loteamentos em maior escala. Também, em igual período, os

primeiros prédios de apartamentos com mais de cinco andares começaram a fazer parte da paisagem urbana. Esses fatos irão ajudar na construção quantitativa dos dados da cidade entre 1956 e 1961.

Assim, além da lacuna historiográfica, como motivação para propor a pesquisa, tem-se o fato de que o País na década de 1950/1960 passava por inúmeras transformações, principalmente, voltado às questões urbanísticas e industriais. Sabe-se que esses dois fatores podem ser interdependentes ou interligados. Em virtude das transformações industriais ocorridas no País e a na cidade, é que se justifica este trabalho.

Estudar a história de um País e de uma urbe é compreender a própria história da vida de como as pessoas viviam na cidade. Sendo assim, este trabalho pode vir a ser de relevância para os brasileiros, e mais especificamente, para os riograndinos de nascimento e os que adotaram a cidade.

Em relação à década estudada, diversas obras foram utilizadas para auxiliar no desenvolvimento do trabalho. As primeiras obras a destacarem-se são as que tratam do período brasileiro entre 1950/1960. Thomas Skidmore, no livro *Brasil: De Getúlio a Castelo* (1982), primeiramente, expõe fatos históricos do Brasil entre 1930-1964, e apresenta um contexto histórico bem interessante do período JK.

Skidmore descreve a história de vida do presidente, ainda que não seja o objeto do trabalho, é importante para entender a construção política de JK. Também explana sobre a economia brasileira, mostrando que o Brasil entre 1956-1961 apresentou um crescimento real e marcante, porém, situações como alta inflacionária também foram elencadas.

O autor relata a estratégia do governo brasileiro na época, que consistia em apelar ao setor privado, solicitando que investisse na indústria nacional, o que iria reduzir as taxas de importação e fazer com que a indústria fosse de fato nacional. Porém, o setor público também ganhou notoriedade com investimentos, principalmente, na expansão rodoviária e energética. É com base em tal premissa que essa bibliografia torna-se respeitável para entender o processo econômico brasileiro e, posteriormente, fazer um paralelo da cidade do Rio Grande com o contexto brasileiro em geral.

Márcia Sanocki Stormowski, na tese *Interpretações sobre pobreza na época do desenvolvimentismo: análise dos discursos de Vargas e Juscelino Kubistchek* (2011), investiga as transformações industriais e de modernização na época dos presidentes Getúlio Vargas e JK. Essa investigação auxilia na discussão do discurso modernizador da época, assim como na contextualização do período histórico a ser estudado.

O livro *Agonia de Morar: urbanização e habitação na cidade do Rio de Janeiro (DF) – 1945/50*, de Alberto Gawryszewski, analisa as condições habitacionais e de “equipamentos de consumo coletivo” (transporte, água, esgoto, etc) na cidade em questão. O autor mostra a agencia da população quanto aos problemas da cidade e do Poder Público, e de seus aparatos, no que se refere a financiar e regular a vida urbana. Trabalho importante para analisar a dicotomia de um projeto estatal moderno e de uma urbe que escapa ao controle do mesmo.

A autora Raquel Rolnik, no livro *O que é cidade* (1998), descreve de Babel a Brasília para compreender como surgiu e transformou-se a cidade. Neste sentido, a obra é importante para conceituar primordialmente a cidade, desde a antiga até a moderna, a fim de, assim, compreender o processo de transformação da urbe. Trabalho importante para entender a parte histórica da formação das cidades e poder contextualizar com a década de 1950.

A dissertação de mestrado *Álbuns da cidade de Caxias (1935-1947): as reformas urbanas fotografadas* (2011), de autoria de Mário Alberto Tomazoni, analisa as reformas urbanas empreendidas pela Prefeitura Municipal de Caxias, de 1935 a 1947. O espaço temporal e espacial é diferente, porém esse trabalho é relevante para a compreensão da análise das fotografias da cidade.

Em *Olhar engajado: fotografia contemporânea e as dimensões políticas da cultura visual* (2008), Ana Maria Mauad afirma que o ato fotográfico, no transcurso do século XX, passou por mudanças significativas, envolvendo o circuito social, processos de produção, circulação, consumo e agenciamento da imagem fotográfica. Este artigo é importante para entender que a fotografia resulta de um jogo de expressão e conteúdo que reúne três componentes: o autor (fotógrafo), o texto visual (fotografia) e o leitor, sendo que através desses é que a fotografia terá um sentido socialmente válido.

Dentro do contexto da fonte impressa, obra de inestimável pertinência para fundamentar a imprensa brasileira, é *História Cultural da Imprensa: Brasil 1900-2000*, de Marialva Barbosa (2007), a qual apresenta dados sobre o novo tipo de jornalismo: mudanças técnicas no layout, agilidade, mais objetividade e neutralidade na forma de fazer e ler que surgirá no início do século XX.

Por fim, compete citar o historiador Francisco Alves Neves, cuja obra *Centenário da Biblioteca Rio-Grandense nas páginas do Jornal Rio Grande* (2005) explicita a história do jornal *Rio Grande*, sendo necessária para entender o histórico do jornal.

Tais obras auxiliam a compreender e discutir questões pertinentes ao Brasil dos anos 1950. Nesse período, sabe-se que o desenvolvimento industrial no Brasil ocorreu de forma heterogênea; em estados, como São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, houve o desenvolvimento da indústria automobilística e de base, sobretudo. Na cidade do Rio Grande, indústrias têxteis e frigoríficos fecharam, porém, em equivalência, houve desenvolvimento da indústria pesqueira, essa chegando ao principal patamar brasileiro.

Compreende-se que a indústria pode afetar as questões urbanísticas de uma cidade, diante disso, faz-se a seguinte pergunta: Através das fontes, se e como a modernização brasileira, expressa-se na cidade do Rio Grande?

Fontes e Metodologia:

A metodologia deste trabalho concentra-se em dois momentos: em um primeiro momento, após a coleta do material, realizada desde a graduação, utilizou-se a metodologia de análise de conteúdo. De acordo com Laurence Bardin (1977), quando o pesquisador trabalha seus dados a partir da perspectiva da análise de conteúdo, está sempre trabalhando um texto que não está aparente já na primeira leitura e que necessita de uma metodologia para ser desvendado.

Então, foi feita a exploração do material, e codificada. Bardin elucida: “A codificação corresponde a uma transformação [...] dos dados brutos do texto, transformação essa por recorte [...], permite atingir uma representação do conteúdo” (BARDIN, 1977, p.103).

Em seguida, foi realizada a quantificação do material e estabelecidas às unidades de referência, os temas mais recorrentes foram separados, analisados e transformados em duas grandes categorias: as obras de infraestrutura e as obras de embelezamento urbano.

Em sequência, foram feitas tabelas com os conteúdos, separados pelas fontes. Dessa forma, a metodologia aplicada seguiu da quantificação temática com a produção de tabelas analíticas para a qualificação que se centra na exploração dos dados levantados e sua análise.

No segundo momento da metodologia, foram considerados os estudos das pesquisadoras Solange Ferraz de Lima e Vânia Carneiro de Carvalho cuja obra *“Fotografia e cidade: da razão urbana à lógica do consumo – Álbuns de São Paulo (1887 – 1954)”*, trata da análise de álbuns da cidade do São Paulo dos séculos XIX e XX, e as autoras propõem uma série de procedimentos para as suas análises.

Foram selecionados alguns desses procedimentos e adaptados na análise das fontes desta dissertação. Sendo assim, após as fontes estarem separadas nas duas grandes categorias, optou-se por analisá-las individualmente. Assim, no caso das fotografias de estúdio, essas seriam decompostas em dois momentos: “Plano formal de expressão”, onde as escolhas técnicas do fotógrafo, tais como: luminosidade, enquadramento, arranjo, elementos figurativos seriam levados em conta, e o segundo momento, seria a “análise sobre o prisma de conteúdo”, ou seja, o conjunto de pessoas, lugares, ideias e vivências representadas na fotografia seriam levados em consideração.

O procedimento para a análise das fotorreportagens foi muito parecido com as fotografias de estúdio, contudo, também foi levado em consideração o texto escrito das reportagens, visto que ambos são importantes e possuem igual relevância no contexto do fotojornalismo. Algumas considerações devem ser salientadas: a maioria dos estudos envolvendo fotorreportagens as considera assim, quando a matéria é extensa, possuindo várias páginas.

Para esta dissertação, a maioria das fotorreportagens apresentadas ocupa uma página do jornal, mas entende-se que, são assim são consideradas, por enfatizarem a importância de ambos: imagem e texto verbal na leitura e entendimento da matéria. Outro fator a ser considerado é que algumas imagens

estão com qualidade inferior, porém, entende-se a importância das referidas matérias e imagens para o bom desenvolvimento do trabalho, então, preferiu-se inseri-las no trabalho, e quando for o caso, descrevê-las para o leitor ter ciência do que está representado.

Assim, teve-se a expectativa de analisar ambas as fontes sob esse prisma, respeitando as suas especificidades. No caso das fotografias, foi dada atenção ao estúdio fotográfico envolvido no processo e no fato de possivelmente ser uma encomenda da prefeitura. As fotorreportagens foram analisadas partindo do princípio de que, neste caso, as fotografias têm o poder de legitimar ou, até mesmo, contradizer uma determinada informação escrita que está sendo veiculada pelo jornal.

Em relação à primeira fonte referida há um fato relevante: no início do TCC, em meados de 2009, ao pesquisar na Biblioteca Rio-grandense⁹ e na Fototeca Municipal Ricardo Giovannini¹⁰, recolheu-se, por meio fotográfico digital e escaneamento, um volume aproximado de 500 fotografias da cidade, variando entre paisagens urbanas, reformas urbanísticas e imagens do Porto, muitas destas sem autoria e datação. Devido a esse grande volume e imprecisão na procedência e data das imagens, decidiu-se selecionar as fotografias relacionadas às reformas urbanas e imagens do porto, todas com a autoria do estúdio Casa Foto Rio Grande. Assim, foram selecionadas, para esse trabalho, quatro fotografias. As imagens referem-se à remodelação urbana da cidade no período dos anos de 1950, onde mostram reformas em curso, pavimentação das ruas, construção de novos prédios, arborização e/ou ampliação das praças e ampliação da área portuária, sendo essa constituída de fotografia aérea.

Através dos arquivos da Fototeca Municipal do Rio Grande, pode-se observar que o estúdio fotográfico exerceu suas atividades por aproximadamente uma década, tendo seu fechamento por volta de 1964. Nos arquivos citados, não consta que o objetivo era fotografar as reformas urbanas, mas se entende, devido ao contexto brasileiro e riograndino, que possivelmente o desígnio era esse. Foi realizada extensa pesquisa sobre o estúdio, porém, as informações são escassas.

⁹ Rua General Osório, 454.

¹⁰ Localizada na Rua Marechal Floriano, 103.

Nas páginas do jornal *Rio Grande*, ao longo dos anos, tem-se diversas propagandas do estúdio. A partir disso, pôde-se chegar ao nome do responsável pelo local: Lindalvo Monteiro. Sabe-se pouco a respeito do sr. Lindalvo, porém, descobriu-se que o mesmo tinha participações e era responsável pela contratação de funcionários da rádio Minuano, essa localizada em São José do Norte¹¹.

A segunda fonte selecionada é o jornal *Rio Grande*, pesquisado na Biblioteca Rio-Grandense, entre os anos de 2009 e 2010. Para esse trabalho, foi dada atenção às fotorreportagens deste periódico, onde se coletou cerca de 40 matérias relativas ao assunto da dissertação, e optou-se por utilizar 16 fotorreportagens que estão mais de acordo com a proposta deste trabalho, e, além disso, devido a análise ser extensa, seria mais proveitoso ter um número reduzido de fontes.

Esse jornal era considerado, na década de 1950, o periódico de maior circulação da cidade. Ele surgiu em 1º de dezembro de 1913 e parou de ser impresso no ano de 1969. O historiador Francisco das Neves Alves elucida algumas características desse jornal:

Em seus primeiros tempos, o periódico definia-se como publicação partidária, anunciando-se inclusive, em seu frontispício, como “órgão do Partido Republicano”. Ao noticiar seu primeiro aniversário, o *Rio Grande* considerava-se como filho do esforço comum e da nobre solidariedade de sentimentos de um grupo de dignos correligionários, uma vez que o Partido Republicano reclamava um órgão que “superiormente” simbolizasse o “elevado e o generoso” de suas idéias, consistindo-se no seu verbo e na sua flâmula na cotidiana combatividade cívica (ALVES, 2005, p.83).

Sendo assim, conforme Alves explicitou, o *Rio Grande* iniciou como um jornal político partidário, afirmando, inclusive, ser pertencente ao Partido Republicano. Esse partido julgava-se não vinculado a grupos específicos, sua atuação seria voltada apenas em prol da República. Somente em 1943 é que o JR deixaria de ostentar em seu frontispício os dizeres que se associava ao Partido Republicano. No ano de 1956, custava um cruzeiro e já no ano subsequente custava o valor de dois cruzeiros. Possuía o formato de aproximadamente uma folha A4 e continha oito páginas.

¹¹ Cidade localizada a aproximadamente 8km de Rio Grande.

Dentro das oito páginas do periódico, tinha-se a Capa e a Contracapa, a página 2 de cunho opinativo/informativo, onde o jornal expressava sua opinião sobre o governo federal e, nessa mesma página a Coluna *Corujando*, na qual os leitores enviavam¹² cartas à redação do jornal reportando problemas ou elogiando obras na cidade. Nas outras páginas, entre a três e sete, havia colunas dedicadas à sociedade e esportes.

Categorias de Análise:

Diante dessas questões, apresentam-se como categorias de análise os conceitos envolvendo “Cidade – Urbanismo – Fotorreportagem”. Estes são fundamentais nesta dissertação, alinham-se à ideia de Luiz Cesar de Queirós Ribeiro (org.), em sua obra *Cidade, Povo e Nação* (1996). Para a compreensão do conceito:

[...] a constituição da nacionalidade passa necessariamente pela modernização, o que implica urbanização. Esta permitirá romper com as visões localistas prevalentes nos pequenos povoados do interior, desenvolvendo-se em contrapartida numa percepção social identificada com o nacionalismo (RIBEIRO, 1996, p. 67).

Como Ribeiro demonstra, o desenvolvimentismo estava em voga durante o período de JK. E o processo de desenvolvimento da nação estava vinculado diretamente com o plano econômico, e a questão urbanística viria a homologar visualmente esse ideal. Essa obra, primeiramente, auxilia na conceituação de urbanismo, afirmando que as mudanças econômicas, sociais, simbólicas e territoriais são percebidas pela urbanização. Essa pode ser analisada na forma textual, visual, porém, sempre como uma narrativa.

Seguindo esse raciocínio, a modernização era o princípio organizador das intervenções urbanísticas, que ocorriam a fim de criar uma nova imagem da cidade, conforme os modelos estéticos europeus. Sendo assim, a modernização, para Ribeiro, seriam mudanças na malha urbana a fim de mostrar para o Brasil e outras nações os princípios de civilidade e modernidade empregados no País.

¹² Importante ressaltar que as cartas não eram transcritas na íntegra. Havia interferência de editores entre a escrita da carta por parte dos leitores até a publicação da mesma no jornal.

José de Souza Martins, no livro *Sociologia da Fotografia e da Imagem* (2011), apresenta conceitos pertinentes às fotografias e imagens de uma forma geral. No caso das fotografias, que é o relevante para esta dissertação, a sociologia entende que a câmera e a lente permitem ver o que talvez, por outros meios, não possa ser observado. O autor utiliza o conceito de que a fotografia não é o melhor retrato da sociedade, mas sim uma representação social e fragmentária, que nada mais é do que o próprio modo de ser da sociedade.

Neste sentido, tal conceituação aplica-se nesta pesquisa, pois compreende-se que as imagens urbanas, sejam as fotorreportagens ou as fotografias feitas pelo estúdio, são uma representação de um instante vivido e perpetuado pelo fotógrafo responsável por tais imagens.

Utilizando o conceito de “Representações para analisar a visualidade urbana em Rio Grande”, é importante o trabalho de Charles Monteiro (2007), no artigo intitulado *A construção da imagem dos "outros" sujeitos urbanos na elaboração da nova visualidade urbana de porto alegre nos anos 1950*. O autor discute a relação da fotografia com o espaço urbano na construção de uma nova visualidade para a cidade de Porto Alegre na década de 1950, visto por meio de uma revista da época, *O Globo*. Este trabalho ajuda a pensar como um conjunto de fotografias pode vir a ter o papel e poder de apresentar várias visualidades urbanas para uma cidade. Também ajuda a corroborar a ideia de que os discursos e sistemas de representação constroem lugares, nos quais indivíduos podem posicionar-se e falar.

A pesquisadora Zita Possamai (2005), através de sua tese de doutoramento, intitulada *Cidade fotografada: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos – Porto Alegre décadas de 1920-1930*, também contribui com a discussão sobre a relação da fotografia com a cidade. Possamai estuda os álbuns fotográficos editados da cidade de Porto Alegre, nas décadas de 1920-1930, e mesmo a temporalidade sendo diferente do período dessa dissertação, é importante, pois auxilia no processo de compreensão sobre a construção da visualidade da cidade a partir de imagens.

Utilizando o conceito de Philippe Dubois, no livro *Ato Fotográfico* (2009), esta pesquisa baseia-se na noção de que a fotografia pode ser entendida como “imagem ato”; isto é, um fato momentâneo, mas possível de inúmeras representações. O estudo da fotografia, que antes era vista como um objeto em que o sujeito só

participava sendo o fotógrafo ou o fotografado, agora também entende que quem contempla a fotografia, no caso o espectador, também faz parte desse processo de “fotografar”.

Ao analisar a fotografia, é necessário compreender que essa exprime desejos, anseios e “realidades” sob um determinado objeto. Como exemplifica Susan Sontag, no livro *Ensaio sobre a Fotografia* (1981), a “fotografia, na verdade, incapaz de explicar o que quer que seja, é um convite inexaurível à dedução, à especulação e à fantasia” (SONTAG, 1981, p. 22). Sendo assim, a fotografia não pode ser considerada como a exata realidade do objeto, porém é um convite ao estudo. Esse conceito sobre o fotográfico também pôde empregar-se na construção da dissertação, pois conforme já elencado anteriormente, o objetivo é analisar as várias representações da visualidade urbana.

A tese de doutoramento de Ivo Canabarro também é importante para este trabalho. Posteriormente, publicando-a no livro *Dimensões da cultura fotográfica no sul do Brasil* (2011), o autor discute a vivência dos imigrantes que colonizaram a região noroeste do Rio Grande do Sul, por meio da visualidade. A partir do seu trabalho, é possível compreender a construção da cultura fotográfica a partir de dois fotógrafos analisados. Este trabalho é de grande auxílio na medida em que Canabarro faz um panorama da fotografia no Brasil e mundo.

Em relação à imprensa, essa projeta-se no campo das fontes para a História como testemunho do passado, não apenas como representação da memória coletiva, mas como proeminência do olhar específico de um grupo ou grupos; dirigida por interesses e interpretações que devem e precisam ser analisados pelo historiador. Dessa forma, entende-se que, em um trabalho no qual, dentre suas fontes, contempla-se a imprensa, é preciso situá-la em sua própria história, para, depois, analisar o contexto histórico no qual o jornal *Rio Grande* estava inserido.

Tania Regina de Luca em *História dos, nos e por meio dos periódicos* (2006), afirma que “o mundo do trabalho industrial não pode ser dissociado das cidades e do processo de urbanização [...] Os estudos sobre o urbano constituíram-se em importante campo temático da pesquisa histórica” (LUCA, 2006, p.120). A aceleração do tempo e o confronto com os artefatos que compunham a modernidade (automóveis, eletricidade, câmaras fotográficas) mostram a difusão de

novos hábitos e valores por meio da imprensa. A autora discute como a imprensa é ainda legítima para ser utilizada enquanto fonte histórica e como esse tipo de fonte não é ultrapassado e, sim, passível de ser estudada na atualidade. O trabalho de Luca auxilia na compreensão sobre a imprensa, seu espaço e usos no século XX.

Esta dissertação desenvolve-se no nível da representação, onde “(...) a “representação” faz as vezes da realidade representada e, portanto, evoca a ausência; por outro, torna visível a realidade representada e, portanto, sugere a presença” (GINZBURG, 2001, p. 85). Neste sentido, as ausências e presenças nas imagens são importantes e possíveis de serem interpretadas e analisadas.

Isto acontece porque as histórias não são vividas; não existe uma história “real”. As histórias são contadas ou escritas, não encontradas. E quanto à noção de uma história “verdadeira”, ela é virtualmente uma contradição em termos. (WHITE, 1991, p. 08).

Será estudada a representação da visualidade urbana, porém, conforme Chartier afirma:

As representações não são simples imagens, verdadeiras ou falsas, de uma realidade que lhes seria externa; elas possuem uma energia própria que leva a crer que o mundo ou o passado é, efetivamente, o que dizem que é (CHARTIER, 2010, p.51-52).

Sendo assim, o resultado da dissertação será uma representação do que as fontes expressam a respeito da visualidade urbana durante o período de JK. Também é de extrema importância os pensamentos de Ankersmit:

O resultado final dessas considerações é o de que existe na representação uma correspondência entre o representado e a sua representação, que não tem uma contrapartida ou equivalente na descrição. A descrição não conhece essas restrições de coerência e consistência as quais, inevitavelmente, entram em cena à medida que nos movemos da simples descrição para as complexidades da representação. Há, assim, algo peculiarmente “idealista” sobre representação, no sentido de que como decidimos conceituar a realidade no nível da representação (da realidade) determina o que iremos encontrar no nível do representado (isto é, naquele da realidade mesma). Isto não deve ser tomado, contudo, como se o pensamento ou a representação de fato pudessem “reproduzir” ou “criar” a realidade – tal como, admitidamente, alguns narrativistas ou desconstrucionistas extremos tem o hábito de afirmar – mas apenas que uma decisão referente ao primeiro nível determinará o que havemos de encontrar no segundo nível (ANKERSMIT 2012, p. 83).

O autor entende que a descrição seria o primeiro nível da análise do objeto, e a representação, mais complexa, seria o segundo nível. Este trabalho está situado no âmbito da história urbana e da cultura visual. Nesse sentido, Paulo Knauss, no artigo *O Desafio de fazer história com imagem: arte e cultura visual*, (2006), explicita que enquanto a escrita advém de um domínio especializado, a imagem surgiu de um domínio abrangente. Essa possui dimensão muito maior e estendida a vários grupos, em comparação com a escrita. Sendo assim, ignorar a importância da imagem, como fonte, “pode significar também não reconhecer as várias dimensões da experiência social e a multiplicidade dos grupos sociais e seus modos de vida” (KNAUSS, 2006, p.100). Tal obra aprofunda e legitima a utilização da fotografia e fotorreportagem como fonte primária.

Por conseguinte, após reunir todo o arsenal de informações, bibliografias e referenciais, foi possível realizar a construção dos capítulos, que estão divididos da seguinte forma: o primeiro capítulo - **Conceituações: Brasil anos 1950, urbanização e fotorreportagens** teve como intenção geral contextualizar o Brasil nos anos 1950, especificamente, no governo de JK. Além disso, discutem-se os conceitos de urbanização, fotografias e fotorreportagens. Acredita-se que tal capítulo conceitual é importante para a análise das fontes, que foi realizada posteriormente. Também foram exploradas as dificuldades do governo de JK. Em 1959, o governo JK alcançou sua maior inflação até então, ocasionada pelo Plano de Metas, industrialização maciça e a construção da nova capital federal: Brasília. Ao pedir empréstimo ao FMI, esse órgão exigiu uma série de medidas que poderiam colocar em risco as metas para o Brasil. Em consequência, houve o rompimento entre o governo e o FMI.

Em Rio Grande, a partir da segunda metade da década de 1950, fábricas têxteis e frigoríficos fecharam suas portas, ocorrendo um amplo desenvolvimento do setor pesqueiro. Porto Alegre e Rio Grande possuíam porto de singular relevância e importância no País.

O segundo capítulo, **“Obras de infraestrutura: a modernização e a urbanização em Rio Grande”** teve como premissa analisar as transformações urbanas ocorridas no jornalismo na década de 1950. Dessa maneira, conceituar as cidades e o urbanismo foi essencial neste trabalho. A partir disso, tais fundamentos

auxiliaram a discutir as questões elementares que estão presentes nas imagens. Foi necessário conceituar o jornalismo no Brasil para compreender e situar o jornal *Rio Grande*. Na década de 1950, as matérias jornalísticas ganhavam ares de neutralidade e objetividade. Mudanças técnicas estavam presentes: na redação e layout da imprensa.

As fotorreportagens e fotografias retrataram que novos bairros estavam sendo construídos em Rio Grande. Do mesmo modo, revelaram a nova configuração das ruas modernas: mais largas, novas vias sendo asfaltadas, e calçadas mais estreitas, a fim de comportarem os novos carros velozes que surgiam no período. Também foram analisadas, através das fontes, questões elementares para uma cidade ser considerada urbana e estar inserida no contexto de modernização da década de 1950: o saneamento básico.

Por ultimo, o terceiro capítulo denominado **“Obras de embelezamento: a modernização chega à cidade?”** explorou as questões do remodelamento das praças, como: arborização e a ampliação, tão em voga no período do governo do JK, foram nesse subtítulo analisadas. E, através das fontes, foi possível discutir onde e de que forma essas questões estão representadas e são expressas. As fontes analisadas expressaram, em vários momentos, a construção de novos prédios em linhas modernas. Sendo assim, primeiramente, foi explicado, com o auxílio de teóricos da área, o conceito de prédio com linhas de traçado moderno. Para, depois, considerar a forma em que esse conceito está representado nas fontes.

A questão “problemas” foi debatida, visto que é necessário visualizar e analisar as críticas decorrentes que o jornal apresentou. Sendo essas, oriundas ou do processo de modernização ou da falta do desenvolvimento de alguns setores da cidade.

A conclusão fechou todos os capítulos e é o momento onde o pesquisador pode se expressar mais livremente e designar um desfecho ao trabalho.

1 Conceituações: Brasil anos 1950, urbanização e fotorreportagens

Creio na vitória final e inexorável do Brasil, como Nação.

Juscelino Kubistchek

Deste Planalto Central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das mais altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã o do meu país e antevejo esta alvorada, com fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino.

Juscelino Kubistchek – Brasília, 2 de outubro de 1956.

Analisar criticamente os anos 1950, mais precisamente o período do governo de JK, compete ampliar o conhecimento e discussões a esse respeito. Além disso, também significa situar um trabalho no seu tempo e espaço.

Neste capítulo, além do contexto brasileiro dos anos 1950, será dada atenção à situação econômica e política do Rio Grande do Sul no período, bem como a da cidade do Rio Grande, que é o recorte espacial desta dissertação. A urbanização e modernização serão discutidas junto a autores consagrados do tema, assim como as fotografias e fotorreportagens, como um todo, serão contextualizadas, desde seus primórdios até a sua conceituação e aplicabilidade neste trabalho.

Não existia modernização urbana, nos anos 1950, que não fosse de base industrial, calcada em um modelo econômico em vigor. Com isso, faz-se necessário explicar esse modelo no presente capítulo.

1.1 Brasil anos 1950

O mundo na década de 1950 recuperava-se de duas guerras¹³, da crise de 1929¹⁴, e no Brasil, especificamente, ocorreu o suicídio de Getúlio Vargas¹⁵ e em 1956 começou o mandato presidencial de Juscelino Kubistchek.

A partir disso, podem-se delinear as questões tratadas neste trabalho, tais como: o governo do presidente Juscelino Kubitscheck, o Plano de Metas, o desenvolvimentismo/desenvolvimento e o nacionalismo entrelaçados à cidade do Rio Grande.

Para compreender e analisar o período estudado, 1956 a 1961, é necessário apresentar o Brasil, incluindo governo, economia, sociedade e política desse momento. O Brasil, nessa fase, teve como presidente Juscelino Kubistchek de Oliveira. A sua trajetória política começou como deputado federal do Partido Progressista de Minas Gerais (PP) no período de 1935 a 1937, perdendo o mandato após o golpe do Estado Novo. Em 1940, foi convidado por Benedito Valadares a assumir o cargo de prefeito de Belo Horizonte.

Nessa cidade, começou seu processo de visionário do futuro, expandindo e renovando a cidade, sendo que a criação do conjunto arquitetônico da Pampulha ficaria marcado como um feito dessa época. Ficou no cargo até 1945 e, nesse mesmo ano, participou da criação do Partido Social Democrático (PSD) e elegeu-se como Deputado Constituinte.

De 1951 a 1955, foi governador de Minas Gerais, executando sumariamente um programa de obras, focado no “binômio” energia e transportes, promovendo a

¹³ Primeira Guerra Mundial: 1914-1918

Segunda Guerra Mundial: 1939-1945

¹⁴ No decorrer da Primeira Guerra Mundial, a economia norte-americana encontrava-se em pleno desenvolvimento. Após a guerra, houve modificações: após a reconstrução das nações europeias, essas, as grandes importadoras dos EUA, diminuíram drasticamente a importação de produtos industrializados e agrícola dos Estados Unidos. Esse, então, começou a aumentar os estoques dos produtos, e grande parte destas empresas possuíam ações na Bolsa de Valores de Nova York. Em outubro de 1929, percebendo a desvalorizando das ações de muitas empresas, houve uma correria de investidores que pretendiam vender suas ações. O efeito foi devastador, pois as ações se desvalorizaram fortemente em poucos dias. Pessoas muito ricas, passaram, da noite para o dia, para a classe pobre. O número de falências de empresas foi enorme e o desemprego atingiu quase 30% dos trabalhadores. (<http://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/crisede29.htm>)

¹⁵ Foi presidente do Brasil durante: 1930-1945 e 1951 a 1954, tendo se suicidado nesse último ano.

industrialização do Estado. Então, finalmente, o período entre 1956 a 1961, foco de estudo deste trabalho, será marcado pela presidência de JK.¹⁶

As eleições ocorreram em três de outubro de 1955, JK, representante do partido PSD, venceu com 3.077.411 votos, ou seja, 36% do total e João Goulart candidato a vice, cuja votação era independente, tornou-se vitorioso pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

Era notório que ambos os partidos possuíam divergências, principalmente, pelo fato de o PSD ser representado pelos setores dominantes do campo e burguesia industrial, já o PTB abrangia a burocracia sindical e o Ministério do Trabalho, diferenças que marcam e duelam em um governo, visto que os interesses, por exemplo, do Ministério do Trabalho poderiam ser diferentes dos dominantes no campo. E, no fim, o que os aproximava era o Getulismo¹⁷, no entanto, Juscelino conseguiu estabelecer limites para a ação dos dois partidos.

JK concordava com o lema do PSD “principio e ordem”, ambos deveriam existir para governar um País adequadamente, mas, para não “talhar” os passos do PTB, não se opôs aos interesses da burocracia sindical, todavia tratou de limitar os movimentos grevistas. Assim sendo, não ia totalmente contra esse partido, ainda que não aderisse às suas ideias e jogo político (FAUSTO, 1995, p. 425).

O governo de JK tinha como lema “50 anos em 5”, cujo objetivo era proporcionar um grande crescimento econômico em apenas cinco anos de seu mandato. Além disso, buscava tomar a liderança do caminho da industrialização para si, adotando o papel reclamado anteriormente por Getúlio Vargas¹⁸.

Quando Juscelino assumiu o cargo de presidente, o Brasil já contava com instituições, como o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE), o Banco do Nordeste e a Petrobras, criadas para auxiliar o desenvolvimento com uma visão nacionalista. O legado de Vargas a JK foi a consolidação das instituições estatais, que funcionavam mesmo com crise militar ou política.

¹⁶ Juscelino Kubistchek virou JK no início de sua candidatura. Seus adversários ironizavam com seu nome, devido a isso, Adolpho Bloch, proprietário da revista Manchete, mandou imprimir cartazes apenas com o logotipo JK, perpetuando o apelido.

¹⁷ Caracteriza-se pela admiração à pessoa de Getúlio Vargas.

¹⁸ Foi presidente do Brasil durante: 1930-1945 e 1951 a 1954, tendo se suicidado nesse último ano.

No dia seguinte a posse, Juscelino lança o arrojado Plano de Metas, elaborado e coordenado por Lucas Lopes e Roberto de Oliveira Campos. Assim exemplifica Couto:

Trata-se de políticas setoriais e investimentos de infraestrutura, sobretudo em energia e transportes, priorizando também indústrias de base, alimentação e educação. Suas 31 metas estão assim desdobradas: *energia* (metas 1 a 5): energia elétrica e nuclear, carvão, produção e refino de petróleo; *transportes* (metas 6 a 12): construção e reequipamento de estradas de ferro, estradas de rodagem, marinha mercante, portos e barragens, transportes aéreos; *alimentação* (metas 13 a 18): trigo, matadouros, frigoríficos, mecanização, fertilizantes; *indústrias de base* (metas 19 a 29): borracha, exportação de ferro, veículos motorizados, construção naval, maquinaria pesada e equipamento elétrico; *educação* (meta 30); e, finalmente, a construção de Brasília, meta-síntese (COUTO, 2011, p. 144).

O Plano de Metas tendeu a dar bases desenvolvimentistas para o Brasil, dentre os objetivos estava a expansão das metas de energia, alimentação, indústria de base e transporte para todo o Brasil, inclusive, para o interior. Importante ressaltar que não era um programa rígido, os objetivos poderiam ser modificados pelos responsáveis por cada pasta, à medida que fosse necessário, mas sempre tendo em mente o desenvolvimento do País.

Desde o início da década de 1950, o tema que centralizava as atenções no País era o desenvolvimentismo, isto é, a superação dos problemas sociais, do atraso econômico e cultural. Acreditava-se que, para liquidar a dependência econômica, só através da industrialização, e essa, nesse período, veio contígua com a modernização do Brasil.

O conceito de modernização é complexo e vários autores tentam discutir e problematizar questões pertinentes ao moderno. Primeiramente explicita-se a modernidade, para depois, entender-se a modernização.

É difícil definir um consenso quanto à datação histórica, porém, podem-se definir dois marcos da modernidade (BERMAN, 2007):

- século XV/XVIII: experimentação da vida moderna – começa em 1790 com a Revolução Francesa, instaura um profundo desejo de mudança e suscita reflexões sobre o poder.

- século XX: surge o conceito de modernização – abarcando a arte e a cultura.

Para Berman, todas essas transformações são definidas em modernidade e modernização, às vezes confundindo os termos. Entende-se então, a partir de leituras do próprio Berman, do autor Perry Anderson (1986) e Charles Baudellaire (2010), a modernização quando as relações entre Estado, artes e ciências se automatizam. A modernidade não tem ligação com o progresso, sendo mais um espírito e sentido de uma época. Nesse sentido, Campos descreve duas concepções pertinentes à modernização:

Na acepção leiga, modernizar significa atualizar os elementos da vida social, cultural, política e material no sentido sinalizado pelos países “adiantados”. Na acepção sociológica, a modernização resumiria as múltiplas transformações sociais, econômicas, demográficas, culturais, comportamentais, institucionais e políticas que acompanha o processo de produção capitalista e as novas realidades e relações resultantes (CAMPOS, 2002, p.24).

Por conseguinte, nessa dissertação optou-se pelo termo modernização, porém, não de uma forma estagnada, assim, a modernização será analisada sob o ponto de vista de um projeto integral, ao mesmo tempo em que se refere à busca e acumulação de capital, busca-se a formação cultural e de identidade nacional não só da cidade do Rio Grande, mas sua relação com o restante do país e como esse projeto foi apresentado e representado nas páginas do jornal *Rio Grande* e através das imagens do estúdio Casa Foto Rio Grande.

A ideia de modernização da sociedade atravessava mentes e corações dos políticos e intelectuais, sejam de direita, sejam de esquerda. Não pode-se esquecer que o País vivia a euforia da construção de Brasília, traduzida como início de uma era modernizante no Brasil. Juscelino Kubistchek, o presidente de sonhos faustos, parecia ter contagiado alguns segmentos da sociedade brasileira, com o slogan de governo de fazer o Brasil crescer “cinquenta anos em cinco” (Revista Sapiência, set 2006).

A nova capital federal não era a síntese, mas a base governamental das duas maiores áreas do Plano de Metas: o transporte e a urbanização, representada sob a

ótica da construção de Brasília. Essa seria a base e modelo para o desenvolvimento do país e demais municípios (FELDMAN, 2013).

Era preciso financiar para urbanizar, então, para auxiliar nesse processo, o governo de JK promoveu a conciliação nacional: nisso o PSD, UDN e trabalhadores estavam acordados com o governo nesse processo. Para Thomas Skidmore (1982, p.207), “era o ‘destino’ do Brasil tomar o caminho do desenvolvimento. A solução para o subdesenvolvimento nacional, com todas as suas injustiças sociais e tensões políticas, devia ser a industrialização urgente”.

Nessa perspectiva, com diferentes conceitos e formulações, no fim, os países subdesenvolvidos tinham por percepção que a única forma de superar o atraso era a industrialização. Essa forneceria subsídios para o desenvolvimentismo e modernização do País.

Para fins de aprofundar o estudo, é necessário caracterizar a situação econômica brasileira. O período 1944-1947 pode ser considerado como o início da evolução do desenvolvimentismo, seguindo com rapidez até meados dos anos 1950.

O desenvolvimentismo, na década de 1950, significava o crescimento econômico e melhorias nas condições sociais. Outro termo empregado no período é o nacionalismo, que começa oficialmente em 1948, com a criação da CEPAL, Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe, órgão regional da ONU, Organização das Nações Unidas, que desenvolveu estudos para a superação da dependência econômica (RODRIGUES, 2010, p.21).

As mensagens da CEPAL eram inovadoras, sua ideologia se adequava perfeitamente aos projetos políticos de vários governos da América Latina. Ricardo Bielschowsky, economista e estudioso da CEPAL, afirma que:

No plano analítico, a mensagem geral estava plenamente sintonizada com o coração da nova “teoria do desenvolvimento”: os Países subdesenvolvidos mereciam uma formulação teórica independente ou, pelo menos, adaptada, porque em aspectos relevantes funcionavam de forma diferente dos desenvolvidos (BIELSCHOWSKY, 1999, p.122).

Em 1952, começara a sistematização desse projeto nacional para o Brasil, no qual intelectuais e técnicos da administração pública comprometidos com as

propostas econômicas de Vargas formaram um grupo denominado “Itatiaia” (RODRIGUES, 2010, p.18). O projeto nacionalista interessava, principalmente, à burguesia, porque, nesse processo, as elites dirigentes do País seriam substituídas pela liderança burguesa nacional, atendendo, desse modo, os interesses do povo.

Há uma diferença, e é necessário explicitá-la, a respeito dos termos “nacionalista” e “nacional-desenvolvimentismo”. O primeiro se refere ao período até a metade da década de 1950, e indica a necessidade de controle pelo Estado da infraestrutura e da indústria básica, permitindo que as outras áreas da economia ficassem sob o controle da empresa privada nacional. Aceitavam o capital estrangeiro, porém com várias restrições, sobretudo, no que tange à remessa de lucros para o exterior (FAUSTO, 1995, p.426).

Destarte, o governo de JK utilizava-se do “nacional desenvolvimentismo”, conforme Fausto (1999, p.427): “expressão para definir uma política econômica que tratava de combinar o Estado, a empresa privada nacional e o capital estrangeiro para promover o desenvolvimento, com ênfase na industrialização”.

Dessa forma, para ocorrer a industrialização maciça, eram necessários investimentos externos, e devido à escassez da capacidade de importar, a qual era decorrência da queda nas receitas de exportação oriundas do café, o governo permitiu e incentivou a entrada de capital estrangeiro no País. A “soberania pelo desenvolvimento¹⁹” entende que, para os países subdesenvolvidos estarem à altura das grandes nações, torna-se indispensável manter a democracia, defendendo-a da miséria, a fim de poder alcançar a riqueza. Essa é que gera o desenvolvimento. A respeito disso, Miriam Cardoso afirma que:

A ideia que prevalece no esforço desenvolvimentista é a da viabilidade do desenvolvimento autônomo que, desta forma, se identifica com a libertação econômica. Libertação porque ele nos garantirá a sua continuidade utilizando, em proporções cada vez mais altas, recursos gerados no próprio plano interno – recursos financeiros, técnicos e humanos. A colaboração estrangeira maciça é necessária até que e para que esta fase seja atingida, quando a aceleração permitida pelo ritmo de elevação da taxa de crescimento conduz à “velocidade de arranque”, com a qual os Países podem prosseguir mais independentemente seu crescimento, de forma acelerada e contínua (CARDOSO, 1978, p.101).

¹⁹ Termo utilizado por JK para definir o desenvolvimentismo.

Sendo assim, a libertação econômica é a chave para o desenvolvimento, porém, é necessário favorecer e estimular a colaboração estrangeira. Essa, teoricamente, irá investir no País e ajudar a prepará-lo para prosseguir seu rumo com recursos financeiros internos. O governo JK oferecia uma política para empresas estrangeiras de créditos liberais e a promessa de manter um alto nível de demanda interna. Logo, o mercado era proveitoso.

Contíguo com a entrada de capital estrangeiro no país, também não se pode negar a influência de outros países na política, economia e sociedade de uma forma geral. O Brasil importou modelos de urbanização, denominados de hibridismo de ideias estrangeiras, obviamente adequando a realidade de cada urbe específica. São questões que vão além do “modelo estrangeiro”, mas sim, modelos que perpassam nações.

No entanto, a utilização do capital estrangeiro implica uma questão por vezes menosprezada, que é o fato de os países investidores terem controle sobre o desenvolvimento. Esse era o caso do Brasil na década de 1950. Sendo assim, Anastasia comenta:

Um dos resultados da política econômica do governo JK foi o aprofundamento da internacionalização da economia brasileira, com a integração do setor industrial do País à estrutura econômica mundial, por intermédio das empresas multinacionais. Ao facilitar o processo de entrada de capitais externos no País por meio, principalmente, da concessão de privilégios fiscais e econômicos às empresas estrangeiras, o governo permitiu que elas assumissem o controle de fases e de setores do desenvolvimento econômico brasileiro (ANASTASIA, 2002, p.27).

Na visão da autora, para JK realmente alavancar os rumos industriais, era necessário fazer investimentos, mas as empresas nacionais não possuíam condições de importar bens em quantidade e qualidade, conforme os novos tempos desejavam. Para isso, era preciso auxílio externo, porém havia o ônus, que era, querendo ou não, permitir que as empresas estrangeiras tivessem algum controle sobre as fases do desenvolvimento brasileiro.

JK, em sua trajetória política, destacou-se pelas suas ideias desenvolvimentistas e modernizantes. Marcia Stormowski explana:

O Plano de Metas representou o esforço do governo pela industrialização no Brasil. JK percebeu a possibilidade de continuar o desenvolvimento do País iniciado nos governos anteriores e, apesar da instabilidade política e crise do setor externo presentes quando assumiu a opção do governo não foi pela estabilização, mas pela promoção do crescimento acelerado. Diante do estágio avançado do processo de substituição de importações, além de continuar investindo na indústria de bens de capital e em infraestrutura, JK conduziu uma política econômica extremamente favorável às indústrias de bens de consumo duráveis (STORMOWSKI, 2011, p. 31).

O que ficava explícito, em seu programa de governo, é que JK visava à modernização brasileira. Para isso Anastasia sintetiza um dos alvos do Plano de Metas:

[...] era canalizar investimentos para o setor dos transportes, especialmente o rodoviário, e incentivar a indústria automobilística. A expansão da malha rodoviária e a produção de caminhões, tratores e automóveis deveriam ser os eixos do desenvolvimento nacional, permitindo, via integração territorial, a criação de novos mercados (ANASTASIA, 2002, p.23).

Nesse sentido, o desenvolvimento da malha rodoviária foi o ponto mais bem sucedido dessa meta. A entrada da indústria automobilística no País acelerou, ainda mais, o processo da rede viária, e essa permitiria maior circulação até os pontos mais extremos do Brasil, fazendo com que, teoricamente, o desenvolvimento e o progresso fossem para todos.

Têm-se, então, as construções de JK no Brasil, no período entre 1956 e 1961. Diversos especialistas, inclusive estrangeiros, que visitaram o Brasil nas décadas de 1940 e 1950 apontavam a reduzida oferta de energia como principal obstáculo à expansão econômica. Evidenciada, quando, a partir de 1956, o setor industrial começou a responder às expectativas da expansão industrial. A instalação pela Mercedes Benz de sua primeira fábrica de caminhões com motor nacional e a produção em Santa Bárbara d'Oeste (SP) e do Romi-Isetta, o primeiro automóvel do Brasil, são exemplos desse período (Revista FURNAS, 2007, p 2-3). Então, fazia-se necessário adicionar, pelo menos, 1.000 MW de energia para corresponder ao acelerado crescimento propiciado pelo Plano de Metas. Sendo assim, nesse contexto, a Usina de Furnas, em Minas Gerais, surgiu²⁰.

²⁰ Começou a ser construída em 1957 e, em 1961, dava-se início ao enchimento do reservatório da Usina. Em 1960, ocorria a criação do Ministério de Minas e Energia.

Também, não se pode ignorar a “marcha do progresso” para o Oeste, Nordeste e Norte do território brasileiro, concretizada pela construção da Rodovia Belém-Brasília, que abriu a região Amazônica²¹. Em 1959, a operação Norte-Nordeste foi lançada, como forma de minimizar os problemas até então enfrentados pela região Nordeste, tais como: seca, falta de recursos financeiros e descaso de governos anteriores.

Celso Furtado foi nomeado como o responsável pela constituição da Coordenação do Desenvolvimento do Nordeste – CODENE, transformada, depois, em Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE. (PRÍNCIPE, 2002, p. 39-43). A construção do açude de Orós, estabelecido para favorecer o combate às secas²², no Ceará, foi preponderante para a ideia de combater os problemas nordestinos.

Na década de 1950, o Brasil já era praticamente autossuficiente em bens perecíveis e semiduráveis, como artigos têxteis, alimentos, bebidas, fumo, couro, peles e gráfica, faltando investimentos na indústria pesada (COHEN, 2005, p.42). O autor Thomas Skidmore apresenta dados relativos à produção industrial:

Entre 1955 e 1961, a produção industrial cresceu 80% (em preços constantes), com as porcentagens mais altas registradas pelas indústrias de aço (100%), indústrias mecânicas (125%), indústrias elétricas e de comunicações (380%) e indústrias de equipamentos de transportes (600%). De 1957 a 1961, a taxa de crescimento real foi de 7% ao ano e, aproximadamente, 4% per capita. Para a década de 1950, o crescimento per capita efetivo do Brasil foi aproximadamente três vezes maior que o do resto da América Latina (SKIDMORE, 1982, p.204).

Como Skidmore salientou, o aumento da produção industrial em 80% se deve, em grande parte, ao mercado interno e investimentos estrangeiros, sendo que a produção de veículos, no fim do governo JK, chegou ao número de 100.000 por

²¹ Em 1958, JK sancionava o decreto nº 3.710, criando a Comissão Executiva da Rodovia Belém-Brasília, a RODOBRÁS. Em 1960, brasileiros de várias regiões, como: Uruguaiana, Porto Alegre, Belém do Pará, Fortaleza, Cuiabá, Belo Horizonte – foram verificar a legitimidade da existência da rodovia, que interligava regiões de pontos extremos - marcando o final da condição de isolamento terrestre em que viviam.

²² O projeto estava em estudo desde a primeira década do século XX, mas somente em 1957 foi sugerido e aprovado o projeto definitivo. Foi inaugurado em 11 de janeiro de 1961, sua finalidade consiste em perenização do rio Jaguaribe, piscicultura e, também, aproveitamento hidrelétrico.

ano. Empresas, como a Ford, Volkswagen e General Motors, concentravam-se no ABC paulista, modificando o semblante daquela região.

Para as classes trabalhadoras, como forma de incentivo e agrado, houve aumentos salariais e controle sobre a estrutura sindical. A tabela abaixo demonstra as taxas médias de crescimento do PIB, produto interno bruto, *per capita* entre o Brasil e outros Países:

Países	1950-1960	1960-1967
Brasil	2,9	1,1
República Federal da Alemanha	6,8	3,1
Coreia do Sul	2,5	5,1
Espanha	2,6	7,2
Estados Unidos	1,1	3,6
Taiwan	3,8	7,1
Japão	7,2	8,6

Tabela 1: Taxas médias de crescimento do PIB. Fonte: Paul Singer, **A crise do milagre** (1982).

As taxas de crescimento foram significativas; o Brasil entre 1950-1960 estava em 4ª posição perante os outros países demonstrados, porém a expansão demográfica acelerada no País acabou por reduzir o índice do crescimento *per capita*. Em 1950, 36% dos brasileiros viviam na cidade e, em 1960, aumentou para 45%, ou seja, 3,8 milhões de pessoas. Será que havia estrutura social e econômica para esses mais de 10% novos moradores das cidades? Isso será averiguado neste trabalho, principalmente, no caso da cidade do Rio Grande.

Indo ao encontro do desenvolvimentismo, JK promulgou a 31ª meta, denominada meta síntese. Essa seria constituída pela criação da nova capital federal, Brasília, colocando em prática o que já determinava a constituição de 1891²³.

Em 1956, o projeto foi lançado no Congresso e aprovado, com visível descrença. Entre 1956 e 1960, Brasília foi planejada, construída e entregue aos cidadãos brasileiros. Com a transferência da capital federal do Rio de Janeiro para

²³A Constituição de 1891 determina que será transferida a capital da União, que era o Rio de Janeiro, para um ponto central do Brasil.

Brasília, JK afirmava que, com isso, pretendia desenvolver o interior do País, pois as capitais normalmente eram calcadas de pujança econômica.

Além disso, o novo centro de governo se manteria distante da pressão popular, evitando assim, confrontos, manifestações e uma possível derrocada do governo vigente. Dessa forma, Brasília seria o exemplo de que qualquer terra e região, por mais árida ou pobre que fosse, com os recursos e investimentos corretos, poderia desenvolver-se. Thomas Skidmore avalia a satisfação de JK em relação a esse projeto:

Kubitschek arrojou-se na construção com infatigável entusiasmo, confiando num arquiteto brasileiro, mundialmente famoso – Oscar Niemeyer – e num urbanista brasileiro igualmente notável, Lúcio Costa. O trabalho se processou num clima de expectativa, mobilizando brasileiros de todas as classes, que viam na construção da nova capital, no interior abandonado, o sinal de novos tempos para o Brasil (SKIDMORE, 1982, p.208).

Sendo assim, era notável que, para o então Presidente, Brasília perpetuava todas suas metas sob um único símbolo, o da modernização, pois essa cidade apresentava, em termos arquitetônicos e urbanísticos, o que havia de mais arrojado e inovador. Oscar Niemeyer destaca, a respeito do Plano Piloto realizado por Lúcio Costa, que:

Víamos com satisfação que o Plano Piloto de Lúcio Costa era justo e certo, que se adaptava bem ao terreno, às suas conformações, e que os espaços livres e volumes previstos eram belos e equilibrados (NIEMEYER, 2006, p.31).

As formas e contornos da nova capital federal eram inovadores, equilibrados, justos, uma maneira de simbolizar o novo e a nova sociedade que supostamente estavam sendo construídos. Com a transferência da capital para Brasília, JK tinha por objetivo homologar seus ideais visionários relacionados à modernização e desenvolvimento brasileiro. Afinal, já que se pode construir uma capital federal em meio ao vasto sertão árido, por que não desenvolver cidades e promover a interiorização do Brasil? Ronaldo Couto exemplifica os possíveis motivos da construção de Brasília em meio ao sertão árido, ou melhor, no “meio do nada”.

A mudança da capital não era só questão de segurança, relacionada à vulnerabilidade militar do Rio de Janeiro, cidade litorânea. Era também para levar civilização e progresso à vastidão interior. O estrategista Vargas tinha visão de futuro. Preconizava a ocupação territorial, queria a integração nacional. Lançará depois a Marcha para o Oeste. O visionário Juscelino, entusiasta dessas ideias, comandará profunda virada no sentido e na direção do desenvolvimento brasileiro (COUTO, 2011, p. 67).

Juscelino, portanto, colocou em prática o que Vargas já tinha decidido como estratégia, principalmente, relacionada à vulnerabilidade militar que o governo sofria no Rio de Janeiro. Essa propiciava rebeliões, tumultos e, a qualquer momento, o presidente poderia ser deposto.

1.1.1 As dificuldades do governo

Até o presente momento, foram apresentadas as características gerais do governo de JK e do Brasil, porém havia entraves nesse período. Para manter as despesas com a construção de Brasília e a execução do Plano de Metas, o governo acabou por gastar mais do que arrecadava. O Brasil angariava cada vez menos pela exportação de seus produtos e pagava cada vez mais pela importação, gerando um declínio em termos de intercâmbio (FAUSTO, 1995). Eis os números das taxas de crescimento do produto e setores:

Ano	PIB	Indústria	Agricultura	Serviços
1955	8,8	11,1	7,7	9,2
1956	2,9	5,5	-2,4	0
1957	7,7	5,4	9,3	10,5
1958	10,8	16,8	2	10,6
1959	9,8	12,9	5,3	10,7
1960	9,4	10,6	4,9	9,1
1961	8,6	11,1	7,6	8,1

Tabela 2: Taxas de crescimento do Brasil Fonte: IBGE

Conforme ilustrado acima, a indústria começa o ano de 1955 com 11,1% e, em 1961, finaliza com a mesma porcentagem, passando por momentos de euforia e de decréscimos financeiros. A agricultura começa em 1955 com 7,7% e finda, em 1961, com 7,6%, passando por um aumento significativo, em 1957, de 9,3%. Já os

serviços começam 1955 com 9,2% e chegam a 1961 com 8,1%. Por que essa situação das taxas de crescimento, na maioria dos casos, se manteve em 1961 iguais ou inferiores ao período de 1956?

Isso se explica porque, em 1959, a inflação alcançou índices alarmantes, chegando à variação de 39,5%, tanto que o presidente JK anunciou que o orçamento federal seria reduzido aos itens essenciais do Plano de Metas. Goulart, vice-presidente, acusou os lucros excessivos das empresas estrangeiras de provocarem os problemas econômicos no País.

Para tentar amenizar a alta inflação, fora pensado um plano de estabilização monetária (PEM), proposto por Lucas Lopes e Roberto Campos, prevendo um empréstimo de 300 milhões de dólares ao FMI, Fundo Monetário Internacional. Esse fez restrições, principalmente, aos gastos presidenciais, após um ano de indecisões tanto por parte do governo quanto do FMI, JK resolveu romper com o órgão. Uma vez que tinha de optar entre conter a inflação ou prosseguir com seu programa de governo, optou pelo segundo.

1.1.2 Aspectos sociais do governo

O governo de JK foi representado por construção, mito, desenvolvimento, desenvolvimentismo, nacionalismo e inflação. Não negando suas realizações ou feitos, mas como Oliveira sustenta:

Foi no fim da ditadura militar que se tem a construção do mito JK, que se reinventa o passado, dentro de uma atmosfera nostálgica dos “bons tempos”. Pode-se ver isto na homenagem que se faz a JK na célula de Cr\$ 100.000,00 em 1985, com sua efígie ao centro e as imagens de estrada e de hidrelétrica, assim como os prédios do Congresso e do palácio da Alvorada em Brasília (OLIVEIRA, 2002, p.31).

A “Era JK”, conhecida assim por ser um período que se distingue dos anteriores por suas realizações, ocorreu em um momento de conjuntura nacional e internacional favorável. Conforme explicitado anteriormente, Vargas já tinha deixado várias realizações ou, ao menos, as tinha encaminhado.

Juscelino, o presidente “bossa nova”, assim conhecido por investimentos na música, cultura e também por apreciar a dança, deu destaque às artes:

Destaque-se o florescimento das artes. Esplendor na literatura, com gigantes como Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto e João Guimarães Rosa. E também a diversidade e riqueza de manifestações e experiências nas artes plásticas e na música, no teatro, no cinema. O impacto da bossa nova. JK era chamado de Presidente Bossa Nova. A modernização da mídia, a afirmação do cinema novo e muito mais. Tempo de intensa fertilidade na área das ciências sociais (COUTO, 2011, p. 151)

Assim, conforme Couto elencou, a mídia, através do rádio ou televisão, chegava aos lares brasileiros. No caso do rádio, em 1961, chegou a praticamente 100% dos domicílios. Com isso, as radionovelas, informativos e propaganda em massa entravam nos lares e influenciavam no comportamento e aquisições da família brasileira.

A televisão já estava presente no Brasil desde 1950, sendo sua inauguração no dia 18 de setembro de 1950. O responsável por tal façanha era o empresário proprietário da cadeia de jornais Diários Associados, Assis Chateaubriand. O Brasil foi o quarto País do mundo a ter esse veículo.

Marleine Cohen (2005, p.53) afirma: “Novas formas de fazer teatro, cinema, música, poesia e artes plásticas pipocaram, culminando com o apogeu arquitetônico que caracterizou a construção de uma cidade [...] em pleno Planalto Central: Brasília”. A modernização, ainda que seja de cunho econômico, acaba entrelaçada com questões sociais. Sendo assim:

Na década de 50, alguns imaginavam até que estaríamos assistindo ao nascimento de uma nova civilização nos trópicos, que combinava com a incorporação das conquistas materiais do capitalismo com a persistência dos traços de caráter que nos singularizavam como povo: a cordialidade, a criatividade, a tolerância (MELLO; NOVAIS, 1998, p. 560).

Nessa perspectiva, as conquistas entrelaçadas ao desenvolvimento industrial acabaram por modificar e impactar a sociedade. O cinema, por exemplo, foi propagador de novos hábitos, consumos, influenciados pela cultura norte-americana. Essa, considerada como o “novo mundo”.

Nos anos de 1950, pela primeira vez na história do Brasil, o urbano se sobressaía ao rural em termos de imaginário da sociedade brasileira (OLIVEIRA, 2002, p. 31). A vida na cidade atraía, porque oferecia melhores oportunidades e também era uma forma superior de existência, na qual as pessoas tinham mais benefícios, por exemplo.

1.1.3 Rio Grande: 1956-1961

Este tópico não tem por objetivo separar a cidade do Rio Grande e o Brasil em termos econômicos, políticos e sociais. Entende-se que a cidade, assim como qualquer outra do País, fazia parte da constituição brasileira da época. Contudo, faz-se necessário tal divisão por questões práticas, visto que cada urbe possui suas características próprias e também para proporcionar maior fluidez do texto.

O período era 1737, e o momento era de enfrentamento e disputas entre Portugal e Espanha, junto a isso foi fundada a Vila do Rio Grande de São Pedro²⁴, com função militar que buscava proteger os domínios portugueses no sul do Brasil e no rio da Prata.

O então Rio Grande era entreposto de apoio à Colônia do Sacramento, localizada no atual Uruguai, e naquele momento em poder dos portugueses. O território do atual Rio Grande do Sul chamava a atenção da administração colonial e de particulares com o intuito de explorar o potencial econômico da região até então pouco habitada. A instalação de uma Comandância Militar e a construção do Presídio Jesus-Maria-José marcou o primeiro ponto de ocupação oficial da Coroa portuguesa na região (ALVES, 1997, p.87).

Os primeiros momentos em Rio Grande foram difíceis tanto para os militares como para a pequena população ali instalada. O território era de difícil acesso, solo arenoso e dunas móveis marcavam a paisagem riograndina. Os incipientes moradores advinham da imigração açoriana, imprimindo, assim, suas feições à vila.

²⁴ A Vila do Rio Grande de São Pedro foi elevada à categoria de Cidade do Rio Grande em 27 de junho de 1835, pela Lei Provincial nº 05.

Porém, ao longo de seu desenvolvimento, sofreram influências de diversos imigrantes, como os italianos e alemães.

Aos poucos, a função estratégica militar da Vila foi cedendo espaço para outra, mais lucrativa: ponto de escoamento da produção rio-grandense. A sua localização na desembocadura da Laguna dos Patos e o seu porto marítimo deram um caráter comercial à cidade. Durante o século XVIII a economia rio-grandina esteve ligada à pecuária e à agricultura de subsistência. O começo das transformações desta economia está ligado ao início do Ciclo do Charque por volta de 1780, e ao escoamento desta produção por Rio Grande, intensificando as atividades portuárias (BITTENCOURT, 2001).

A presença de um Porto marítimo propiciou trocas e influências de Rio Grande com outros países. Dessa maneira, as relações da cidade com a Europa imprimiram na urbe um cosmopolitismo próprio de cidades portuárias. Os costumes europeus foram estabelecidos como modelo para a elite, ascendendo à burguesia cidadina e fixando dessa maneira, seu novo estilo de vida europeizado, desde as relações sociais até a fisionomia da urbe.

Assim, o objeto do trabalho, a cidade do Rio Grande, é marcado por sua posição geográfica estratégica, pois através de seu porto o comércio do sul do Brasil poderia se expandir. Outra face de sua trajetória é a crescente industrialização da cidade e a sua constante expansão demográfica que lhe proporcionou a imagem de cidade operária. Em seu desenvolvimento, no decorrer dos séculos XIX e XX, Rio Grande enfrentou muitos desajustes, um porto hostil à entrada de navios, crise nas indústrias local e principalmente grandes epidemias, de peste bubônica e outras doenças.

A partir dos anos 1850, a estrutura urbana da cidade do Rio Grande foi reorganizada, de forma que o comércio de exportação e importação havia formado uma burguesia local cidadina, e no qual o estilo de vida remetia aos costumes europeus (CARDOSO, 2011, p. 8).

A primeira expansão da cidade ocorreu para oeste entre os anos de 1874 a 1920, essa primeira fase industrial registrou o início da industrialização em Rio Grande e no Rio Grande do Sul, consolidado pela fundação da fábrica de tecidos Rheingantz. Com o crescimento da cidade, acabou imprimindo dessa maneira, uma

forma peculiar, pois ainda que a cidade seja cercada de águas, Rio Grande não vivia as águas que tem, isto é, havia e ainda há ausência de construções legalizadas à beira d'água.

Ainda em tal período, houve alguns melhoramentos na cidade, tais como: iluminação a gás (1908), luz elétrica (1915) e o transporte urbano que até então era de tração animal e foi substituído em 1922 por bondes elétricos (Bittencourt, 2001, p. 62).

No decorrer da primeira do século XX, modificações urbanas estiveram presentes, como: construção do Porto Novo²⁵ e a alteração das atividades industriais. A partir de 1930, ocorre desenvolvimento das empresas alimentícias e o setor pesqueiro, dando ênfase então a novas construções e a um novo desenvolvimento da cidade (MARTINS, 2006, p.169). Ainda no que tange ao setor industrial, esse sofreu um revés e desaceleração na década de 1950, sendo o setor pesqueiro o único sobrevivente à crise, chegando a absorver parte dos empregados das outras indústrias.

As modificações urbanas, nesse período e mais precisamente em Rio Grande, tem ligação direta com a questão industrial, pois conforme os processos históricos industriais ocorriam, a cidade se modificava, tanto positivamente como negativamente, como consequência de tais mudanças.

Dessa maneira, a industrialização da cidade, desde o século XIX até a atualidade, é dividida em quatro momentos: industrialização dispersa (1873 – 1930), industrialização restringida (1931-1959), implantação do distrito industrial ligado à indústria de fertilizantes (1970-2004) e o Polo Naval (2005 até a atualidade) (MARTINS, 2013).

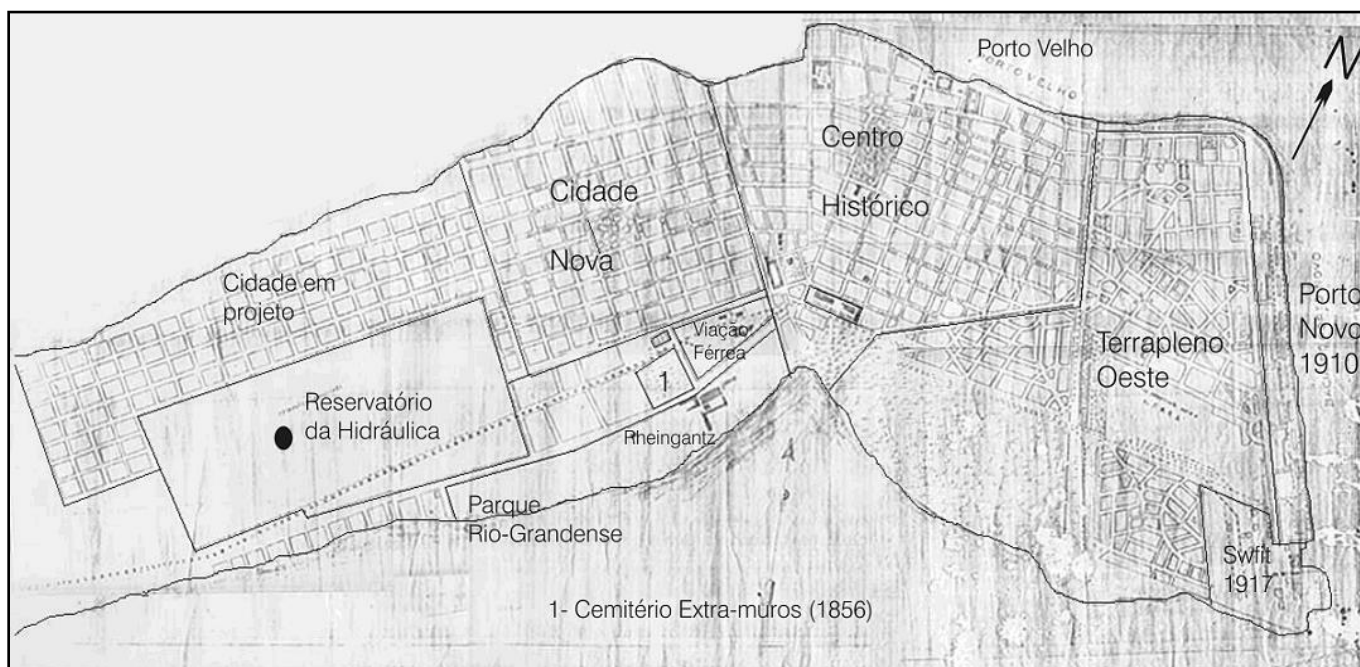
A primeira industrialização ampliou a área urbana da cidade, através do Bairro Cidade Nova e pela área de aterro a leste do centro histórico, onde atualmente encontram-se os Bairros Getúlio Vargas e Santa Tereza.

Em princípios do século XX, o processo de crescimento no espaço urbano riograndino acelerou-se. O novo²⁶ bairro, Cidade Nova, crescia. Observa-se que, no

²⁵ O Porto Novo foi concluído em 1915.

²⁶ O ano de criação do bairro Cidade Nova é contraditório. Em carta de 1904, faz-se alusão ao bairro, porém também há referência ao bairro no ano de 1878, quando se iniciou a demarcação de suas ruas.

mapa do ano de 1926, já se tem demarcada a Cidade Nova e o Centro Histórico. E, tem-se uma área denominada “Cidade em Projeto”, onde, em direção à esquerda do mapa, posteriormente ocorrerá o crescimento da cidade.



Mapa nº1: mapa Rio Grande 1926. FONTE: CaderNAU : Cadernos do Núcleo de Análises Urbanas / FURG. - v.1 n.1(2007). - Rio Grande: Editora da FURG, 2007. Adaptado por Maria Clara L. Hallal

Conforme observado no mapa, em 1926, eram notórios os poucos loteamentos na cidade, com isso a expansão urbana era limitada. A cidade estava basicamente dividida em Centro Histórico, Cidade Nova, Terrapleno Oeste e Cidade em Projeto.

A década de 1930, contexto da primeira industrialização, foi emblemática na política brasileira, encerrando o período denominando República Velha e dando início a Era Vargas, através da implantação do Estado Novo. No nível econômico, houve estímulo e desenvolvimento industrial interno, ainda que necessitasse da importação dos maquinários para a instalação dos parques industriais. E, além disso, o governo Vargas almejava uma maior união dos mercados nacionais que antes eram dispersos e possibilitavam crescimentos isolados.

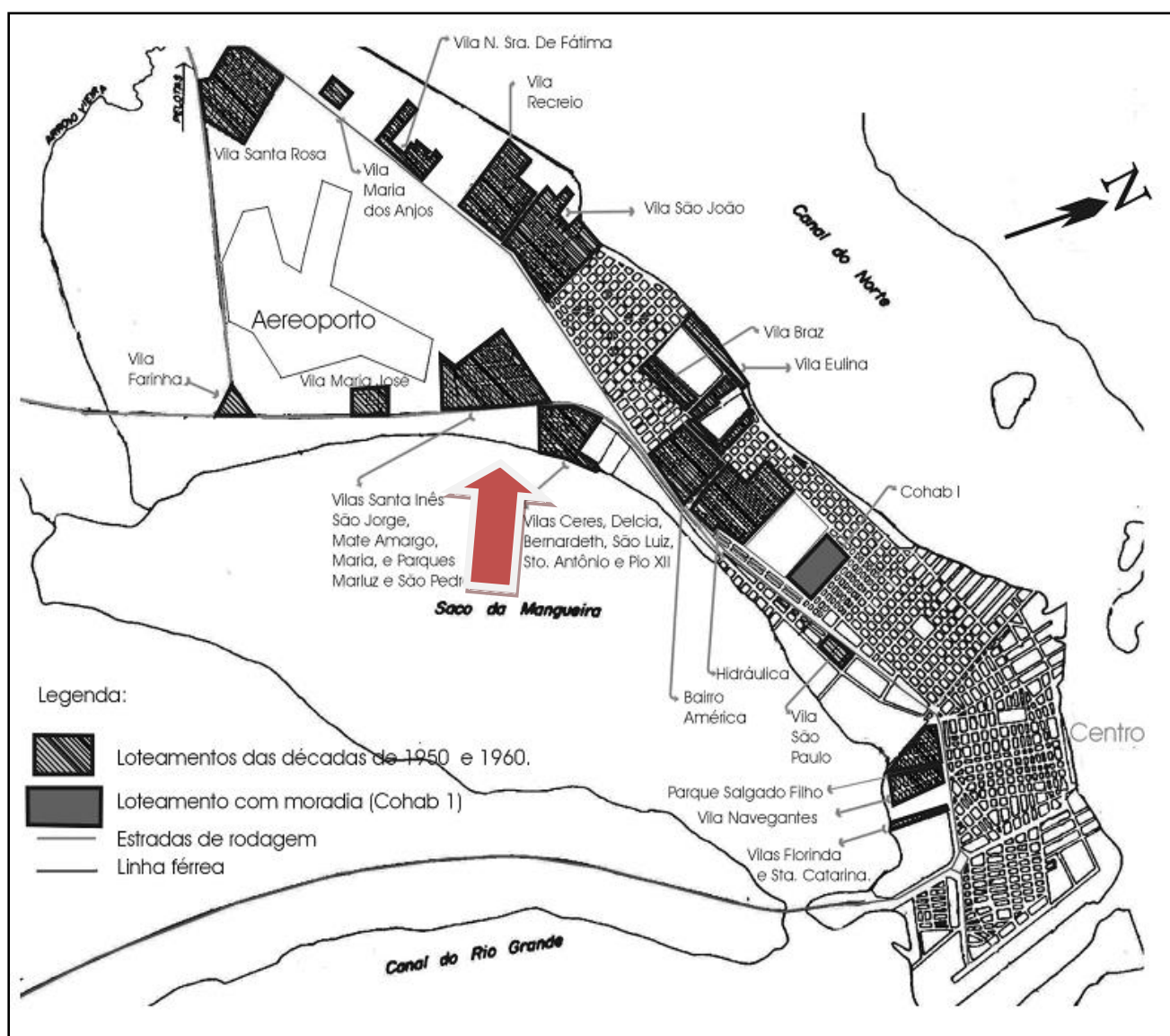
Nesse cenário, o estado de São Paulo obtém um lastro desenvolvimento econômico fabril proporcionado por condições que somente esse Estado provinha. Porém, a grande depressão de 1929 manteve as fábricas num ritmo fecundo de

produção e voltado à exportação, fazendo com que as empresas concorrentes com a economia do sudeste tenham uma sobrevida econômica. Dessa maneira “[...] duas grandes indústrias têxteis de Rio Grande, Rheingantz e Ítalo-Brasileira, mantinham níveis superiores em sua produção apesar da diminuição de seus mercados consumidores em nível interno” (MARTINS, 2013, p.73).

Na industrialização restringida, foco principal deste estudo, a indústria pesqueira resistiu às intempéries industriais brasileiras e veio a fortalecer-se. A estagnação fabril de determinados setores e o investimento nas indústrias de base acabou culminando no fechamento de várias empresas industriais o que trouxe novas formas de ocupação espacial para a cidade, pondo fim à cidade planejada pela municipalidade sob até então inspiração do urbanismo português, cedendo lugar a todo tipo de especulação fundiária sob os ditames da iniciativa privada e com participação direta das empresas fabris em crise.

Assim, apesar de várias indústrias têxteis e frigoríficos terem fechado suas portas na segunda metade da década de 1950, foram abertas, somente nesse período, em Rio Grande, três empresas de pescados, somando mais de 1000 operários.

Quanto ao desenvolvimento da cidade, em um mapa de 1944, vê-se a continuação do crescimento da cidade para o oeste. Em direção à área denominada “Cidade em Projeto”, ocorrerá uma expansão da cidade com a criação do Bairro São Miguel e Bairro Junção, o que, até então, eram apenas grandes áreas desmatadas que se transformavam em áreas urbanas.



Mapa nº 3: mapa Rio Grande década 1960. FONTE: CaderNAU : Cadernos do Núcleo de Análises Urbanas / FURG. - v.1 n.1 (2007). - Rio Grande: Editora da FURG, 2007. Adaptado por: Maria Clara L. Hallal

Observando a seta indicativa, veem-se os recentes loteamentos, como o São Jorge. Nessa mesma conjuntura, em Rio Grande, aumentava a oferta de lotes urbanos e, a cidade expandia-se para áreas mais longínquas do Centro Histórico. Rio Grande tinha, na década de 1950, uma população de 77.915 habitantes, sendo a população urbana de 65.950 habitantes. Na década de 1960, o município contava com 100.378 habitantes e, dentro da população urbana, constava 87.528 (BITTENCOURT, 2001).

Em 1957, houve oito novos loteamentos, sendo sete em zona urbana. Em 1958, quatorze novos loteamentos, sendo nove em zona urbana. Já, em 1959, doze novos loteamentos, e dois em zona urbana. Finalmente, em 1960 surgiram os primeiros loteamentos em maior escala (COPSTEIN, 2006, p.186). Assim, constata-se o aumento do número de loteamentos na cidade.

Nesse cenário, surgiam as vilas, porém o termo não estava ligado à periferia ou irregularidades escriturárias, como são comumente chamadas as favelas no Brasil, mas sim, terras regularizadas junto à Prefeitura Municipal, contudo, carecendo de infraestrutura urbana. A tabela abaixo fornece informações a respeito dos loteamentos aprovados e executados em Rio Grande:

Loteamentos aprovados e executados – Rio Grande - RS								
Décadas	Períodos	A	B	C	D	E	F	G
		Rio Grande	Cassino	Total	Densidade Domiciliar	População a ser absorvida	Crescimento populacional anual (%)	Domicílios urbanos
		Lotes Oferecidos	Lotes Oferecidos	Lotes				
40	1941-1945	472	-	1544	4,96	76592	3,52 (+14681)	13273
	1946 - 1950	87	14883	2				
50	1951-1955	1342	6358	1460	4,70	68625	2,87 (+21578)	18618
	1956-1960	6347	554	1				
60	1961-1965	1621	968	2645	4,67	12352	1,73 (+16393)	2256
	1966-1970	56	-					
70	1971-1975	984	76	2719	3,32	9027	2,81	41282

	1976- 1980	140	1519				(+33195)	
80	1981- 1985	6616	3322	9438	3,32	31334	2,34 (+16877)	46407

Tabela 3: Crescimento horizontal da cidade do Rio Grande (loteamentos 1940/1985). Fonte: SALVATORI, Elena; HABIAGA, Lydia Angélica de Perez; THORMANN, Maria do Carmo. **Crescimento Horizontal da Cidade do Rio Grande**. In: Revista Brasileira de Geografia, V. 51, n. 1, Publicação Trimestral (Jan/Mar), Rio de Janeiro, 1989, p. 45. Adaptado por Maria Clara Hallal.

A tabela indica que entre as décadas de 1940 e 1950 não houve diferença significativa no total de lotes oferecidos. A diferença ocorre no local desses lotes. Na década de 1940, o maior número de loteamentos era oferecido no Cassino²⁷. Na década de 1950, na primeira metade, há diminuição dos loteamentos oferecidos no cassino, e aumento dos lotes na zona urbana²⁸. Considerando que essa também abrange as zonas suburbanas, como ao longo da estrada Rio Grande/Cassino e zonas próximas às indústrias, principalmente as do Porto Novo.

Em ambos os períodos a taxa de crescimento populacional se mantém alta assim como de domicílios urbanos. Em 1960 a taxa de crescimento populacional diminuiu²⁹, ocorrendo baixíssimas ofertas de loteamento³⁰, e em 1970 houve aumento de domicílios urbanos. Por último, em 1980, o número de domicílios urbanos continua a crescer exponencialmente, assim como, há aumento do total de loteamentos oferecidos³¹, em comparação com a década anterior.

Assim, constata-se que em 1950 havia aumento exponencial da oferta de loteamentos em Rio Grande. Ocorrência explicada por vários motivos, principalmente pelo fato dos trabalhadores optarem por morarem perto do trabalho, principalmente os que prestavam serviços na área portuária.

Além de situar Rio Grande no tempo, é necessário salientar que os seus habitantes, geralmente os mais abastados, viajavam e tinham contato com outros estados e países. A autora Marina Pelissari, analisando as crônicas sociais do jornal *Rio Grande*, na década de 1950, conclui que:

²⁷ 14.883 loteamentos

²⁸ Total de 7.689 loteamentos na zona urbana.

²⁹ Diminui em aproximadamente 5%.

³⁰ Diminuição em aproximadamente 5.000 loteamentos (Rio Grande e Cassino).

³¹ Aproximadamente aumento de 6.000 loteamentos na década de 1980 em comparação com 1970.

Com o passar do ano de 1960, Brasília começou a entrar no circuito de cidades a serem visitadas pelos “elegantes” rio-grandinos. Zicil passa a comentar sobre quem conhece a cidade e sobre quem tem planos de conhecê-la. No dia 7 de outubro de 1960 a cronista publica uma foto da capital, acompanhada da nota a seguir, destacando a novidade e também os rio-grandinos, por aproximação, como já vimos em diversos momentos em relação a outras cidades e prometendo fazer uma reportagem mais completa sobre Brasília (o que não se cumpre) (PELISSARI, 2012, p. 161).

Dessa forma, embora Rio Grande fosse a cidade industrial mais ao sul do Brasil, ela não estava excluída do contexto brasileiro, isso também se confirma porque entre 1956 e 1964, os portos do Rio Grande do Sul, mais especificamente os de Porto Alegre e Rio Grande, apresentavam uma singular relevância econômica e social. Diego Luiz Vivian explicita:

Em termos de tonelagem de mercadorias importadas e exportadas os portos de Porto Alegre e Rio Grande foram responsáveis, em 1950, por cerca de 9,26% do volume total das importações/exportações do Brasil. Em 1955 nota-se uma ligeira ampliação desta cifra, correspondendo a 9,59% de toda tonelagem movimentada em portos brasileiros. No ano de 1960, ainda que houvesse um decréscimo significativo nesses valores, a indústria portuária sul-rio-grandense ainda era responsável por 6,45% do total da movimentação portuária no País (VIVIAN, 2008, p. 14).

O autor destacou que os portos de Porto Alegre e Rio Grande estavam, nesse período, entre os principais do Brasil, processando parte do escoamento das mercadorias que chegavam ou saíam desses locais. Devido a isso, foram construídas e estruturadas redes de comunicação rodoviária, ferroviária, assim como armazéns para o condicionamento dessas cargas. Eis uma tabela que confirma tais dados:

Portos	1950 ton.	Brasil %	1955 ton.	Brasil %	1960 ton.	Brasil %
Rio de Janeiro	6.047,9	28,57	7.349,2	23,75	8.079,3	19,46
Santos	5.517,7	26,07	9.302,9	30,07	11.979,3	28,85

Rio Grande do Sul	1.960,2	9,26	2.967,7	9,59	2.679,4	6,45
Recife	1.483,3	7,01	1.852,8	5,99	2.101,4	5,06
Vitória	945,2	4,47	2.666,2	8,62	4.658,5	11,22
Salvador	748,6	3,54	776,2	2,51	3.825,8	9,21
Santa Catarina	1.185,4	5,60	1.720,7	5,56	1.537,9	3,70
Total do Brasil	21.167,6	-	30.939,5	-	41.517,5	-

Tabela 4: Volume da movimentação de cargas e descargas de mercadorias nos principais portos situados no território brasileiro. Fonte: Anuário Estatístico do Brasil. IBGE (1967).

A tabela indica que o porto do Rio de Janeiro e o de Santos variava entre a 1ª e 2ª posição, com pequenas variações da porcentagem da movimentação de cargas e descargas de mercadorias dos seus portos. Os portos do Rio Grande do Sul ficavam entre o período de 1950 a 1960 na terceira posição. A partir desse período, passou a perder espaço para os portos de Vitória e Salvador, passando a ocupar a quinta posição dentro os portos analisados.

O Porto de Rio Grande, principalmente no que se refere ao aumento de embarcações, esteve em ascensão até o ano de 1958. Depois desse período, o movimento entrou em declínio, só recuperando sua intensidade a partir de 1964. Dessa maneira, o Porto de Porto Alegre era considerado o maior e superava em termos quantitativos ao de Rio Grande (NEVES, 1985).

Quando a política, segundo Sandra Pesavento (2002, p.129), entre os políticos gaúchos, havia uma consciência comum dos problemas econômicos do Estado, e todos apresentavam formas diferenciadas de resolvê-los. Durante o longo período chamado de democracia populista, o Rio Grande do Sul teve, no poder, uma alternância entre os partidos PSD e PTB, a chamada bipolarização política. Ao governo Jobim (PSD, 1947-51), seguiram-se os de Dornelles (PTB, 1951-55),

Meneghetti (PSD, 1955-59), Brizola (PTB, 1959-63) e novamente Meneghetti (1963-64). Com o golpe militar em 1964, o último foi confirmado no governo estadual e permaneceu no cargo até 1967. Na cidade de Rio Grande, até 1959 o prefeito era o Alvaro Ribeiro Pereira, filiado ao PTB. A partir de 1960 até 1964 o executivo da cidade era o Ubatuba Faria, do partido PSD.

A seguir, será analisada e discutida a questão da cidade, o urbanismo e as fotorreportagens. Além disso, serão abordados como esses três conceitos são trabalhados na historiografia brasileira e como poderão ser aplicados neste trabalho proposto.

1.2 Cidades – Urbanismo – Fotorreportagem

A cidade, nos anos 1950, estava em processo de constantes mudanças e transformações, ocasionado pelo impulso industrial, portuário, rodoviário e melhorias urbanas. O jornal, nesse contexto, pode ser visto como o mensageiro da civilização que irá “impor” a sua leitura do mundo social, e a fotografia irá registrar/representar as mudanças ocorridas nesse processo de urbanização.

Primeiramente, será dada atenção à questão cidade e urbanismo³² e, após, como a fotorreportagem se insere nesse ambiente de transformações.

1.2.1 Cidades – Urbanismo

O termo urbanismo surgiu através da motivação de modificar a sociedade através da transformação do espaço urbano e habitacional nos anos 1910. Projeto que nasce na Europa e Estados Unidos, atravessa o Atlântico com o objetivo de transpor as ideias do Velho Mundo para o Novo, visto que, nesse lugar, não se encontrariam as antigas resistências.

Já nos anos 1950, era necessária a renovação das cidades atingidas pelas guerras. A partir disso, a prática do urbanismo sofreu uma grande evolução. Surgiram novas ideias e doutrinas, e o urbanismo era o centro das atenções de arquitetos, sociólogos, historiadores e engenheiros.

Tais ideias, ainda que iniciais, chegavam ao Brasil, na “era JK”. A nacionalidade brasileira encontrava-se em processo de afirmação, ainda que não plenamente desenvolvida. A “busca” pela nacionalidade deixará de ser essencialmente rural, para ser constituída sob uma perspectiva industrializante e modernizadora (RIBEIRO, 1996).

O objetivo era superar o passado agrícola do País, pois o progresso se encontrava majoritariamente nas cidades. Pode-se dizer que existia uma disputa, entre as cidades, evidenciada pelos meios de comunicação, para que seguissem o curso do desenvolvimento.

³² Neste trabalho, entende-se urbanismo como a ciência das cidades.

As cidades eram palco das transformações ocorridas na década de 1950. Por meio dessas transformações urbanísticas, podia-se “ver” o que até então eram promessas e imaginação. Reinaldo Lohn exemplifica que:

Os projetos das novas cidades conteriam atributos e valores sociais e humanos que promovessem melhorias nas condições de vida da população pobre, através de conjuntos habitacionais, oferta de serviços públicos e promoção do pleno emprego, garantido pela indústria. Ainda e sempre, uma ordem burguesa e disciplinadora, mas realizada através de meios diferentes daqueles empregados até então (LOHN, 2007, p. 309).

Conforme Lohn, durante os projetos das novas cidades, a ordem burguesa e disciplinadora se mantiveram, isto é, certo grupo no poder detém o controle do Estado. Contudo, o que antes era por meio autoritário e sem oportunidades de melhoria de vida, passou a ser sob novo viés: a indústria oportunizava benefícios para a população carente.

O processo de industrialização propiciou transformações no nível de alfabetização, poder de compra e necessidades de informação. Tinha-se, no imaginário, pelo rádio, televisão e jornais, a ideia de que era necessário extinguir o passado pobre, uma vez que o futuro já havia chegado. Esse estava na modernização e progresso das cidades.

Pensava-se assim: a cidade é moderna, progressista, usa-se a razão para convencer, e a política se desenvolve segundo os padrões da moderna democracia. Já, o sertão é arcaico, lugar da ação do clientelismo, coronelismo, violência, ao qual o progresso não chegou (ARRUDA, 2000, p.13).

O que permeava o novo ideal de progresso, vinculado às cidades, era a questão cultural. O ISEB, Instituto Superior de Estudos Brasileiros, órgão do Ministério da Educação e Cultura, núcleo importante para a elaboração da ideologia desenvolvimentista entre 1955-1964, entendia que a cultura era a transformação socioeconômica, politizada, afastando o conceito de lazer. Entretanto, os intelectuais da Academia Brasileira de Letras não compactuavam com a ideologia daquele órgão, diante da ameaça da modernidade, preocupavam-se em transmitir ao povo que o popular era a essência da nacionalidade, porém tornava-se imprescindível lapidá-la (MEYER, 2008, p.90).

Na verdade, ambas as correntes, o populismo (ISEB) e o romantismo (Academia Brasileira de Letras), permeavam o povo. Na década de 1950, o povo era o protagonista, sem esse, o progresso não existiria. Sendo assim, quem iria trabalhar nas indústrias? Construir as novas rodovias? Auxiliar nas reformas urbanistas? Ou, até mesmo, contestar? O povo, logicamente. Esse era o portador da transformação e contestação.

A socialização nas ruas era intensa, as pessoas se encontravam, discutiam desde moda até política, em festas, cafés e praças. Esse tipo de convívio durou até a década de 1960 (D'AVILA, 2002, p.76). As ruas refletiram as mudanças do período, era em tal espaço que as transformações eram vistas e admiradas: os automóveis, o alargamento das ruas, as novas formas de vestuário.

O espaço urbano é essencialmente o local de concentração de meios e pessoas, lugar da divisão do trabalho, onde ocorre a determinação do processo econômico, mas também político e social. Para Ana Fani Carlos (2008, p.84), “o urbano é mais que um modo de produzir, é também um modo de consumir, pensar, sentir; enfim, é um modo de vida”.

Por conseguinte, a cidade é constituída pelas histórias que a envolvem, há uma relação subjetiva entre o homem e a cidade. Maria Stella Bresciani elucida a ideia e teias que permeiam essa relação:

Tenta-se apreender a relação subjetiva entre o homem e a cidade, já que a posse de uma cidade se dá pelo corpo e a revelação que se efetua é elucidação de si e conhecimento da cidade. Nesse sentido, a alegria e a tristeza, como elementos efetivos e constitutivos da vida afetiva, encontram seus equivalentes e estimulantes na cidade poetizada pela história e pelos diversos destinos que a construíram (BRESCIANI, 2002, p. 31).

Assim, a relação entre o homem e a cidade se dá de forma subjetiva. É através da cidade que o homem irá conhecer a si e é através do homem que a cidade irá se constituir. Em torno da cidade, estão a exaltação e contestação, isto é, exaltam-se as obras, melhorias e avanços, e contesta-se que esse desenvolvimento urbano não é para todas as cidades ou não é o suficiente. Importante ressaltar que a cidade é fluxo de informação, de comércio e relações, é a partir dessa lógica que

este trabalho estuda a questão da cidade do Rio Grande: se e como se expressa a modernização da cidade nas fontes estudadas?

Entende-se que não é obrigatório o processo de industrialização ser concomitante ao de urbanização, mas, para este estudo, compreende-se que a entrada da indústria na cidade do Rio Grande marcou a emergência do urbano. Sendo assim, Roberto Mór (2006, p.188) articula: “[...] a urbanização tal como hoje a entendemos se iniciou na cidade industrial”. O autor cita o exemplo das cidades europeias, onde se encontram as mais antigas áreas industriais do mundo, tendo seu início na denominada Revolução Industrial, no século XVIII. Tal teoria é aplicável no Brasil, visto que as primeiras grandes transformações urbanísticas foram nos séculos XIX e XX, acompanhando os primeiros tempos do processo industrial no País. Assim sendo, a cidade industrial traz, consigo, trabalhadores e a (re) articulação do espaço urbano, afinal, essa urbe precisa se adaptar aos novos tempos e suas consequências. Ainda, citando Mór:

No Brasil, as cidades são legalmente definidas pelos perímetros urbanos das sedes dos municípios e das vilas, sedes dos distritos. Assim, territórios e populações urbanas são as incluídas nos perímetros urbanos das cidades-sede e vilas-sede dos municípios e distritos (MÓR, 2006, p.186).

A partir dessa perspectiva, pode-se entender que, ao menos na década de 1950, o urbano era onde ocorriam os negócios, a política, as transformações nas cidades e onde estavam as indústrias. Importante e não se pode ignorar que o presidente JK tinha uma política de alargamento fronteiriço e extensão da urbanização, isto é, desejava que o interior do Brasil também fosse privilegiado com o desenvolvimento das cidades.

Raquel Rolnik (1998) defende a ideia de que o espaço urbano significa, de forma ampla, o predomínio da cidade sobre o campo. Assim, as rodovias, estradas e periferias fornecerão o suporte para a urbanização, transformando em urbano não só a cidade em si, mas também seu entorno.

Ainda nessa perspectiva, compreende-se que, a partir do momento em que a produção industrial gera excedente, é quando a cidade, enquanto local de moradia e

trabalho, irá se constituir, pois essa demasia irá gerar necessidade de consumo para além da primordialidade básica.

1.2.2 Modernização e Imprensa Brasileira

A fim de compreender o processo de representação da modernização riograndina na imprensa da cidade, é fundamental entender o processo dos jornais no Brasil. A imprensa no País surgiu tardiamente em relação à Europa e outras partes das Américas, nessas, atividades impressoras surgiram no século XVI.

A imprensa periódica, propriamente dita, teve seu berço no século XVII no denominado Velho Mundo e, somente no século XVIII, apareceu nas Américas inglesa e espanhola. No Brasil, a atividade impressora de forma sistemática surgiu a partir de 1808, com a chegada da Corte portuguesa e a instalação da Imprensa Régia (LUCA, 2008).

Já no decorrer do século XIX, acontecimentos como a Independência brasileira,³³ foram delineados pelos jornais. Esses criticavam, apoiavam o processo e criavam opiniões de espectro nacional. Esse século foi marcado pela expansão do público leitor, ainda que a alfabetização fosse escassa no País. Tem-se, nessa época, como predominante o jornalismo político-partidário, o qual foi dominante desde o século XVIII até a década de 1930.

O jornalismo político-partidário era constituído, basicamente, pelos partidos, que formavam empresas, a fim de divulgar suas ideias, princípios e vontades. Rudiger (2003, p.36) explicita que “De qualquer modo, o jornalismo ganhou, com a forma político-partidária, um conceito, tornando-se meio de formação doutrinária da opinião pública, cujos termos e medida dependerão de cada partido”.

Ocorria que, os partidos políticos delegavam aos editores dos jornais, que, por conseguinte, instruíam os jornalistas, o que seria transmitido ao leitor. Pode-se elencar que o fim desse jornalismo ocorreu por três motivos: em primeiro lugar, suas condições econômicas de sobrevivência foram sendo liquidadas; depois, a ascensão da classe média correspondeu a novas expectativas, às quais o jornalismo partidário

³³A independência brasileira ocorreu em 1822.

não correspondia; e, por último, suas condições políticas foram se tornando inviáveis.

No alvorecer do século XIX, também surgiu o jornalismo noticioso, no qual o grande diferencial do político-partidário eram as colunas destinadas a queixas e reclamações por parte dos leitores. O jornalismo político-partidário e o noticioso gaúcho têm sua formação concomitantemente, na segunda metade do século XIX.

Jornais da cidade do Rio de Janeiro, como *Correio da Manhã* e o *Jornal do Brasil*, publicavam colunas denominadas “Queixas do Povo” e “Pelos Subúrbios”, onde os leitores relatam situações do dia-a-dia das cidades e solicitam intermediação do jornal com o poder público.

Também, a entrada das novas tecnologias deram outras nuances a esses novos temas que a imprensa elaborava. Marialva Barbosa entende que:

O cinematógrafo, o fonógrafo, o gramofone, os daguereótipos, a linotipo, as marionetes são algumas das tecnologias que invadem a cena urbana e o imaginário social na virada do século XIX para o XX, introduzindo amplas transformações no cenário urbano e nos periódicos que circulam na cidade (BARBOSA, 2007, p.21).

Como Barbosa salientou, a introdução dessas tecnologias produz mudanças significativas no comportamento dos que passam a conviver com tais aparelhos. São nos periódicos que algumas dessas mudanças são representadas, seja através de matérias, seja, até mesmo, na modificação do layout do jornal.

As empresas jornalísticas adquiriram novas tecnologias, como máquinas capazes de imprimir de 10 a 20 mil exemplares por hora. Também adquiriam o telégrafo, permitindo a atualização das notícias recebidas de última hora.

Era necessário encurtar o tempo entre a notícia e o leitor, este estava contaminado pelo moderno queurgia. A vinda dessas novas tecnologias estava imbricada com a necessidade de se apagar um passado de dominação colonial, que devia ser esquecido.

Em 1902, os jornais da então capital do Brasil, Rio de Janeiro, começavam a publicar fotografias na capa e seu interior. Paralelamente, reportagens, crônicas das cidades, transcrição integral de documentos ganhavam espaço nos periódicos, o

cenário policial também ganhava manchete. Tais fatos anunciavam o novo tipo de jornalismo: o sensacionalista.

A novidade estava no tipo de matéria veiculada, de cunho extremamente sensacionalista, praticamente um romance no qual os leitores eram os personagens principais. A popularização dessa temática jornalística ocorreu com o surgimento de jornais dedicados exclusivamente ao sensacionalismo, como *A Manhã* (1925) e *Crítica* (1928).

Chegando à década de 1950, eixo contextual desse estudo, a aplicação do mote de JK “50 anos em 5” também tomou conta das redações dos jornais, uma vez que houve transformações decisivas no marco da imprensa. Mudanças técnicas estavam presentes, transformações redacionais, editoriais e visuais ocorreram.

As matérias jornalísticas ganham ares de objetividade e neutralidade, estratégia para o leitor acreditar que o jornalismo era a única atividade capaz de decifrar o mundo para seu público. Foi utilizada, para alcançar tal marco, a padronização da linguagem.

Denominar a imprensa de objetiva e neutra, nos anos de 1950, pode ser considerado errôneo, apesar de a mesma passar a ser denominada informativa. O que ocorreu é que a única alternativa viável para o público dos jornais voltarem a aceitar a imprensa como verídica foi dar tom de neutralidade aos fatos. Porém, a realidade estava envolta em um discurso mítico, visto que não se pode afirmar que a informação objetiva eliminou os espaços destinados às críticas e opiniões.

As mudanças ocorridas afetaram também a profissão do jornalista, deixando de ser uma ocupação provisória para tornar-se uma profissão com identidade própria. Segundo Ribeiro:

[...] a criação da identidade desse grupo profissional girou em torno de questões fundamentais, todas associadas a um processo de valorização da profissão: a salarial (aumento dos rendimentos), a educacional (criação das faculdades de jornalismo), a jurídica (regulamentação da profissão), a sindical e associativa (construção de espaços de resistência, negociação e sociabilidade) e a ética (concepção de uma nova deontologia, baseada no compromisso com a objetividade e a responsabilidade social e na defesa da liberdade de imprensa) (RIBEIRO, 2000, p.429).

Portanto, a década de 1950 foi o prenúncio de grandes transformações nos meios midiáticos – jornal, rádio e televisão. Não só no que tange à modernização desses meios, mas também profissões, como a de jornalista, antes quase que beirando a ilegalidade e sem direitos, passou a ser reconhecida e com todos os direitos instituídos.

O reconhecimento da profissão de jornalista veio dar subsídio a essa nova concepção de jornais: objetivos e realistas. Considerando os escritores dos jornais como jornalistas, o jornal poderia passar maior credibilidade aos seus leitores.

1.2.3 Imprensa no Rio Grande do Sul

No Rio Grande do Sul, o jornalismo surgiu quando já havia a circulação de jornais em todo o País. Estava vinculado diretamente com o processo político que resultou na Revolução Farroupilha³⁴.

A classe dominante local percebeu que estava subordinada politicamente ao Rio de Janeiro. Para obter uma maior autonomia política, surgiu, nesse contexto, O *Diário de Porto Alegre*, primeiro jornal do Estado, fundado em 1827. Os folhetins serviram como panfletários do movimento. No Rio Grande do Sul, ocorreu uma modernização considerável na impressão dos periódicos, conforme Rudiger:

A modernização do parque gráfico tornara-se gradualmente um princípio básico da atividade jornalística, que permite economicamente não só o aumento das tiragens, mas também o aumento do número de páginas das folhas, que pula das tradicionais 4, do século passado, para a média de 12 nos primeiros anos do século 20. Logo, as folhas começam a modernizar também suas linhas gráficas. A paginação se torna mais leve, aproveitando o maior número de páginas disponíveis para melhor distribuir as matérias. As cores são descobertas como meio de explorar títulos e destacar assuntos, ao mesmo tempo em que se exploram os recursos de ilustração, substituídos progressivamente pela fotografia na década de 1910 (RUDIGER, 2003, p. 64).

O Estado do Rio Grande do Sul, segundo os apontamentos de Rudiger, acompanhava o progresso que ocorria no século XX no restante do País. Ampliou

³⁴ A Revolução Farroupilha, conhecida também como Guerra dos Farrapos, teve sua duração entre 1835-1845.

seu parque gráfico, aumentou o número de páginas dos jornais, preocupando-se não somente em divulgar a notícia, mas também com a qualidade do material que seria apresentado ao leitor.

Os jornais representavam todas as questões envolvendo a cidade e o urbano. Precisamente, os periódicos³⁵ podiam vir a ter o poder de produzir imagens da cidade, oportunizando essas serem “boas” ou “más”, dependendo da política do jornal. De acordo com Henri Jeudy:

Quanto aos escritores, não apenas fazem da cidade cenário de uma ação, cenário tomado assimilável no ritmo de derramamentos metafóricos que eles apreendem tanto em sua fragmentação quanto nas manifestações de sua totalidade, como uma atmosfera que se faz e se desfaz ao sabor de deslocamentos ou de posições eliminadas (JEUDY, 2005, p.92).

Partindo dessa conjectura, o cenário da cidade pode se tornar verossímil, podendo se fazer e desfazer conforme o seu escritor. O próprio jornal poderia, então, impor a visão que gostaria de veicular em relação a determinada cidade. Os jornais transportam as narrativas para o mundo. Sendo assim, podem ser responsáveis pela criação de outra realidade.

A criação do discurso do jornal para representar as cidades varia entre cidade vivida, imaginada e criada. Para isso, Célia Ferraz e Sandra Pesavento explicitam:

[...] a cidade é em si uma realidade objetiva com suas ruas, construções, monumentos, praças, mas sobre este “real” os homens constroem um sistema de idéias e imagens de representação coletiva. Ou seja, através de discursos e imagens, o homem reapresenta a ordem social vivida, atual e passada, transcendendo a realidade insatisfatória (FERRAZ; PESAVENTO, 2008, p.26).

Nessa perspectiva, o “olhar” sobre a cidade é subjetivo, variando conforme o interlocutor e leitor. Sobre o que é considerado real, existente, os homens constroem outras realidades, e estas surgem através de discursos e imagens, e o jornal torna-se um meio construtor de tais possibilidades. Chartier (1991, p.178) salienta: “É preciso considerar também que a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, espaços, hábitos”. Esses hábitos, gestos e espaços condicionam a leitura

³⁵Entende-se como periódicos os jornais com frequência diária.

que os jornais vão fornecer a respeito da cidade, e cada leitor é único e terá sua própria visão dos fatos.

Em meio à grande oferta de informação, os leitores dos jornais diários se veem numa situação difícil, ao decidir o que aceitar como conhecimento e em qual informação acreditar. O significado de uma informação está intimamente ligado à interpretação que o sujeito faz dela.

O leitor ou receptor da informação está condicionado ao contexto social e cultural no qual está inserido, e o discurso pode produzir a interpretação. O destaque à questão ganha mais notoriedade, analisando a alocução de Regina Beatriz Guimarães Neto:

Torna-se fundamental insistir num ponto crucial para a história: o discurso produzido no presente não se apodera diretamente dos eventos que já ocorreram, mas sim, passa por mediações fundamentais – tanto pela complexidade dos atos de memória quanto pelas regras da escrita – ao apresentar o passado (NETO, 2006, p.145).

Diante disso, entendendo que o passado é o que ocorreu no milésimo de segundo que passou, as reportagens do jornal foram escritas no tempo passado. Com isso, seus discursos não deixam de ser atos de memória vividos e construídos por quem está relatando os fatos.

1.2.4 Fotografia e Fotorreportagem

A fotorreportagem surge como um modelo de jornalismo em concordância com um novo tempo: das transformações urbanas ao modo de vida, as imagens encurtavam o caminho entre a leitura e compreensão das informações. A respeito da fotorreportagem, Marlise Meyrer, elucida:

Em uma reportagem tradicional, o eixo central de organização das idéias expostas está apoiado no texto ao qual podem ser acrescentados elementos visuais como ilustrações, funcionando de forma complementar. A fotorreportagem quebra com esse padrão estético, trazendo a fotografia para o centro da organização do discurso (MEYRER, 2008, p. 21).

Como Meyrer referiu, a grande diferenciação entre uma reportagem tradicional e a fotorreportagem é que, no primeiro, tem-se o texto como eixo principal e norteador das ideias expostas, se existirem imagem, estas são ilustrações. Agora, na fotorreportagem, a fotografia e o texto disputam igualmente a organização do discurso, ambas possuindo igual importância.

Charles Monteiro (2007, p.3), analisando as fotorreportagens da revista *O Globo* durante a década de 1950, traz novos elementos para essa discussão: “Compreender a relação entre imagem e texto é importante no sentido de compreender como este disciplina a leitura daquela.” Ao analisar uma fotorreportagem, é preciso considerar o conjunto: texto e imagem, sendo ambos de igual relevância, porque se complementam e instruem a análise.

O período de 1940 a 1950 é marcado como o início da produção da fotorreportagem em revistas e jornais brasileiros, como *O Cruzeiro*, *Manchete* e *Última Hora*. Na fonte estudada para esta dissertação, o jornal *Rio Grande*, foi na segunda metade da década de 1950 que surgiram as primeiras reportagens nas quais texto e imagem estão associados.

Para atender a demanda dos jornais em relação às fotografias, foram criadas as agências fotográficas. Essas controlavam o trabalho dos fotógrafos, regulando suas atividades e adaptando seu estilo fotográfico à necessidade de consumo dos jornais. Em 1956, o *Jornal do Brasil* iniciou sua reforma gráfica dando ênfase às fotografias, que passaram a ocupar a primeira página. O sucesso junto ao público acabou incentivando a reforma gráfica em outros jornais do País.

Antes de compreender o processo da fotorreportagem, primeiramente, é necessário estudar a técnica e história da fotografia em si. Essa surgiu no século XIX, e os primeiros fotógrafos direcionavam seu olhar para a reprodução das cidades. A primeira imagem obtida através do daguerreotipo, em 1839, já legitimava tal informação, tendo como reprodução uma imagem de Paris.

Na segunda metade do século XIX, a fotografia registrava as cidades e as transformações urbanas. Para isso, os equipamentos e técnicas eram aprimorados, a fim de obter um melhor resultado. No Brasil, a fotografia surgiu nesse período pelas mãos de Louis Compte, esse apresentou a técnica fotográfica a Dom Pedro II, que foi um amante e colecionador da nova arte.

Dom Pedro, então, encomenda um equipamento de daguerreotipo de Paris, e contrata profissionais a fim de registrar a natureza brasileira, com a intenção, primordialmente, de expandir a imagem brasileira para outras nações. Além de estrangeiros, grandes fotógrafos brasileiros também se destacaram na época, como Marc Ferrez e Militão Augusto de Azevedo (OLIVEIRA, 2007).

Chega-se ao século XX, mais precisamente à década de 1940, que é considerado um momento de virada na estética moderna da fotografia brasileira, em que a produção começou a deixar o aspecto documental para se tornar uma expressão artística.

Pode-se levar em conta que as fotografias “devem ser vistas como documentos que informam sobre a cultura material de um determinado período histórico e de uma determinada cultura [...]” (BORGES, 2003, p.73). Desse modo, consequentemente, o resultado final deste trabalho serão análises e perspectivas de uma cultura material a partir de um determinado contexto histórico. Luciene Lehmkuhl exemplifica um dos aspectos da análise das imagens:

Ao olhar com atenção e não simplesmente ver, as imagens adquirem um aspecto diferente, detalhes se tornam visíveis, gradações de cor, de forma, de elementos podem ser identificadas até mesmo pelo mais leigo dos observadores (LEHMKUHL, 2010, p.61).

Com fontes de cultura visual, a ênfase do trabalho está nas versões sobre o fato. As ausências, permanências e presenças são importantes. Nesse sentido, Borges (2003, p.81) frisa que: “Quando se trabalha com as imagens, sejam elas textuais, sonoras ou visuais, a ênfase da narrativa histórica se desloca do fato para as versões sobre o fato. Em muitas situações, essas versões podem produzir outros fatos”.

A fotografia atua como documento, “ao mesmo tempo em que ela evoca o passado, ela remete à construção da memória coletiva, à construção de sentido de uma sociedade presente, que olha para o seu passado em busca de um sentimento de pertença, de uma identidade” (ETCHEVERRY, 2013, p.63). Dessa maneira, ainda que o objetivo desse trabalho não seja as memórias envolvidas da cidade dos anos 1950, é importante ter consciência que sendo as fotografias de estúdio

encomendadas pela prefeitura, o objetivo desta, era perpetuar e perpassar uma determinada imagem da cidade. Era usual, na década estudada, os órgãos públicos perpetuar suas obras e realizações através das imagens.

Dessa maneira, conseqüentemente, este trabalho irá produzir variantes a partir das fontes estabelecidas. Assim, as imagens constituem objetos físicos, artefatos e não são puro conteúdo ou abstrações (MENESES, 2005). As fotografias expressam conteúdo e, obviamente, como qualquer fonte, não “falam” por si. Porém, com metodologias adequadas, elas fornecem informações e decifração do que expressam. Boris Kossoy, estudioso do tema fotografia e história, assegura que:

Para os estudiosos da história social, da história das mentalidades e dos mais diferentes gêneros de história, assim como para os pesquisadores de outros ramos do conhecimento, são as imagens documentos insubstituíveis cujo potencial deve ser explorado. Seus conteúdos, entretanto, jamais deverão ser entendidos como meras “ilustrações ao texto”. As fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos na medida em que se tentar sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas e análise para a decifração de seus conteúdos e, por consequência, da realidade que os originou (KOSSOY, 1989, p.20).

Nos anos 1950, surgem a associação dos fotógrafos profissionais do Rio Grande do Sul e os foto clubes, cuja atividade preponderou em Porto Alegre. Com isso, a fotografia moderna pretendia dar voz e espaço ao fotógrafo, “mostrando a sua intervenção na escolha do enquadramento e dos elementos fotografados” (MASSIA, 2008, p. 57).

O fotógrafo é o mediador cultural, transformando vivências em imagem visual. Por meio da fotografia, constitui-se o espaço público e existe uma comunidade de sentidos que fornecem apoio ao obtentor das imagens.

Nessa intencionalidade de analisar a perspectiva do obtentor das imagens, Susan Sontag (2004, p.17) esclarece que os fotógrafos, ao decidirem o feitiço da imagem, seja encomendada ou não, “[...] sempre impõem padrões a seus temas. Embora, em certo sentido, a câmara de fato capture a realidade, e não apenas a interprete, as fotos são uma interpretação do mundo tanto quanto as pinturas e os desenhos”.

Assim, a fotografia sempre é resultante do autor (fotógrafo), texto visual e um leitor. Essa tríade é que sustentará a imagem. A respeito disso, Mauad afirma que:

[...] a fotografia resulta de um jogo de expressão e conteúdo que reúne necessariamente três componentes: o autor, o texto visual propriamente dito e um leitor. Cada um desses três elementos participa do resultado final, considerando-se que toda produção cultural envolve um *locus* e um produtor, que manipula técnicas e é detentor de um saber-fazer próprio àquela atividade; um leitor ou receptor, identificado como um sujeito transindividual, cujas respostas estão diretamente relacionadas às programações sociais de comportamento próprias à situação histórica na qual estão inseridas; e, finalmente, um sentido aceito socialmente como válido, resultante do processo de semiose social (MAUAD, 2008, p.38).

Esses três componentes é que resultam na produção imagética: o produtor irá fabricar a imagem, e é através do seu olhar que se verá uma determinada realidade; o leitor, que, a partir da realidade apresentada, poderá tirar suas conclusões; e, por fim, um sentido, que seja aceito e válido, para assim o processo ser completo.

O fotógrafo, produtor dessas imagens, desempenha papel preponderante no processo de obtenção das fotografias. Nessa perspectiva, Burke (2004, p.24) sustenta que: “Seria imprudente atribuir a esses artistas fotógrafos um ‘olhar inocente’ no sentido de um olhar que fosse totalmente objetivo, livre de expectativas ou preconceitos de qualquer tipo [...]”.

O obtentor das imagens não é desprovido de seu olhar de mundo, de suas vivências e expectativas. Nesse sentido, José de Souza Martins (2009, p.20), declara: “a imagem, em cada época, educa a visão e os olhos. A imagem produzida pelo homem diz ao homem, em cada época, quem o homem é”. Ainda que a fotografia seja derivada de encomenda ou objetivo específico para determinada reportagem, como no caso dos jornais, o fotógrafo, geralmente, tem variadas opções a respeito da imagem: ângulo, iluminação e personagens envolvidos.

Kossoy (1989, p.22) salienta que “O homem, o tema e a técnica específica (esta, por mais avançada que seja) são em essência os componentes fundamentais de todos os processos destinados à produção de imagens de qualquer espécie”. Esses três elementos são indissociáveis no processo de obtenção de imagens, o homem irá escolher a forma como a fotografia será feita a partir de um determinado

tema, e a técnica, geralmente, é a escolha do profissional a partir da necessidade que a fotografia impõe e/ou de sua escolha pessoal.

Dentro do contexto imprensa e imagem, o fotógrafo do jornal, na urgência em cumprir sua meta diária, pode não ter tempo para se preocupar em mostrar os fatos, e a dinâmica da velocidade da imprensa acaba por prejudicar o trabalho do profissional, e esse, não ter tempo em pensar na reação do público. Maria Claudia Quinto (2012, p.78-79), conclui:

O receptor pode se tornar consciente de tais imagens, nutrindo uma autoridade no assunto que o emissor nem sempre parece ter, por estar algumas vezes mais envolvido com a velocidade da informação do que com o conteúdo. Nesse caso, a posse da imagem pode passar do emissor distraído ao receptor mais atento, que dispõe de tempo para analisar e absorver a imagem. Durante todo o processo, a imagem interage mais com o receptor do que com o emissor, que está focado, naturalmente, com a pauta do dia seguinte (QUINTO, 2012, p.78-79).

Por conseguinte, é preciso pensar que há um consumidor por vezes interessado a absorver a informação que a fotorreportagem está transmitindo, também disposto a criticar ou elogiar. Roland Barthes, no livro *A Câmara Clara* (1981), entende que a fotografia é invisível e ilusão quando comparada à realidade e, além disso, não possui marca própria, portanto, não deveria ser considerada como verdade. Mas, por outro lado, a imagem garante, como representação, o passado testemunhal de determinado objeto e legitima algo.

Dessa forma, as fontes visuais devem ser examinadas mais do que documentos, mas como Meneses (2005, p.44) salienta “[...] como ingredientes do próprio jogo social, na sua complexidade e heterogeneidade”. No caso das fotorreportagens, é possível surgirem informações exteriores à imagem, por exemplo: a capa de um jornal interage com a manchete, com as outras fotografias e, até, com o nome do jornal. E a comunicação ocorre quando o texto é capaz de atingir e absorver o leitor dessa mídia, de forma ativa.

Atílio Avancini (2011, p.61), ao analisar as imagens jornalísticas do cotidiano, elucida que as fotorreportagens acabaram “[...] promovendo um diferencial no jornalismo visual: a fotografia é informativa (e não apenas a fotografia ilustra, cuja legenda ainda faz indicar um caminho único de leitura).” Então, a fotografia,

juntamente com o texto, passou a possuir igual importância, um corroborando o outro.

O historiador, ao reconstituir, analisar e reconstruir histórias através da fotografia constrói memórias, podendo esse ser considerado um trabalho de memória. Mauad explicita:

Pode-se ainda agregar a essa análise uma dimensão temporal que fornece à fotografia a possibilidade de ser um trabalho de memória. Ao fixar a imagem da experiência humana de diferentes maneiras, as fotografias se tornam o substrato material das memórias contemporâneas. Nesse mundo de instantâneos e incertezas, reabilitar a idéia de tempo como duração nos permite atribuir uma dimensão narrativa ao ato fotográfico, por meio do qual se reunifica a capacidade criativa do sujeito social e sua técnica (MAUAD, 2008, p. 39).

Ainda que o objetivo deste trabalho não seja estudar as memórias envolvidas no processo de modernização da cidade do Rio Grande durante 1956-1961, ao menos, é relevante compreender que existem reminiscências nesse processo. Isso, porque o personagem, no caso a cidade, através do produtor da imagem, oferece ao espectador um olhar que fixa e pereniza aquele instante da urbe.

Partindo dos conceitos e autores apresentados nesse subtítulo, pode-se compreender que a fotografia produz efeito e sentido, dando visibilidade ao real, transformando momentos em imagens informativas. Como será visto no decorrer do trabalho, nas fotorreportagens, as imagens e as palavras acabam por construir representações visuais da cidade.

No capítulo dois, será dada ênfase as obras de infraestruturas, para isso, serão discutidas as teorias a respeito das representações das cidades nas imagens fotográficas que irá fornecer o suporte para a análise das fontes. E assim, serão analisadas as fontes a respeito dos novos bairros, velhas ruas, como também, a ampliação do saneamento básico riograndino no recorte temporal desse trabalho.

2 Obras de infraestrutura: a modernização e a urbanização em Rio Grande

Procura-se o justo equilíbrio entre a velha ideologia que já fez seu tempo, e a nova, que ainda não fez suas provas.

Prestes Maia – Plano de Avenidas para a Cidade de São Paulo
– 1930

Até o presente momento foi possível expor e analisar a política brasileira, o governo de Juscelino Kubistchek e questões relativas à urbanização, cidades, fotografias e fotorreportagens, assim como foi apresentado o jornal *Rio Grande*, e o estúdio Casa Foto Rio Grande, fontes deste trabalho. Portanto, neste capítulo, finalmente, serão mostradas e discutidas, junto a autores consagrados, as fontes relativas a obras de infraestrutura, e como essas estavam inseridas no contexto do ideal de nação, modernização e desenvolvimento que permeavam o Brasil, na cidade do Rio Grande.

2.1 Representações das cidades nas imagens fotográficas

No capítulo anterior, foi exposto um panorama dos principais teóricos que estudam o Brasil, principalmente nos anos 1950, o Estado do Rio Grande do Sul e a cidade do Rio Grande, assim como foram abordados os conceitos de cidades – urbanismo e fotorreportagem. Neste capítulo dois, será visto como tais conceitos podem vir a ser aplicados na análise das fotorreportagens.

Primeiramente, será realizado um aporte teórico a respeito das representações das cidades nas imagens fotográficas. Dessa forma, nesse subtítulo, serão apresentadas e discutidas as representações das cidades nas imagens fotográficas. A partir do diálogo com autores especialistas no assunto, será possível estabelecer alguns critérios e paradigmas para a análise das fontes.

Este trabalho insere-se na denominada *história pela fotografia*, e a pesquisa é centrada nas fontes visuais, buscando compreender se e de que forma a modernização riograndina apresentou-se na cidade. Entende-se, “que a fotografia se insere num determinado momento da história e, ao mesmo tempo serve como fonte para a sua reconstituição” (CANABARRO, 2001, p.29). Para abranger uma cultura visual como um todo, deve-se problematizar, questionando desde o processo de composição e de “feitura” ao contexto em que foi produzida.

A imagem fotografada, portanto, eternizada, funcionaria como um dispositivo de explosões de relações, passando do objeto (fotografado) à imagem e ao observador, estando o fotógrafo e a máquina na função de intermediadores dessa relação. Nessa direção, afirma André Rouillé (2009, p.79) “a fotografia nunca registra sem transformar, sem construir, sem criar. (...) A imagem é tanto a impressão (física) da coisa como o produto (técnico) do dispositivo e o efeito (estético) do processo fotográfico”.

O ponto de partida deste trabalho é a ideia estabelecida de que a imagem apresentada constitui a representação de uma ou várias realidades, construídas e elaboradas pelos fotógrafos e órgão municipal da cidade do Rio Grande. Sendo assim, um instante e pequeno recorte da cidade. Rodrigo

Massia, pesquisador dos estúdios fotográficos de Porto Alegre das décadas de 1940 e 1950, teceu considerações pertinentes a essa questão:

Em resumo, a fotografia passou a fazer parte da administração da cidade, que a utilizava como método racional de planejamento urbano. Estas imagens circulavam em relatórios e produziam saberes sobre o espaço. São pedaços da cidade que formam um mosaico no qual a elite dirigente visualizava e decidia os rumos das obras de hidráulica, rede elétrica, telefonia, etc. (MASSIA, 2008, p. 75).

A partir disso, entende-se que a fotografia constrói uma representação visual do espaço urbano com base em elementos fragmentados. A imagem da cidade, nesse período (1940-1950), tinha basicamente duas funções: representar o progresso e modernização da urbe, ou, então, era averiguado, a partir dessas imagens, sob a perspectiva dos detentores do poder na cidade, a necessidade de ocorrer reformas/melhorias urbanas. A respeito de a imagem ser uma representação, Ivo Canabarro (2011, p.21) expressa:

embora a fotografia seja uma representação visual, todos os elementos ou pessoas que estiveram por um momento em frente da câmara fotográfica são plausíveis de serem alocados em um determinado tempo e espaço (CANABARRO, 2011, p.21).

Entende-se, então, que a fotografia, completa as lacunas do que foi vivido em outra época, busca interpretar uma realidade, vivenciada ou construída pelo imaginário de quem observa a fotografia. Essa irá guardar uma parte do período retratado, através de costumes, vestuário, arquitetura ou no próprio urbanismo.

Desse modo, durante as transformações urbanísticas em curso ocorridas na década de 1950, as fotografias passaram a ter maior importância, registrando e acompanhando o curso do desenvolvimento nas cidades. Sendo assim, as reformas urbanas eram fotografadas. A construção visual de uma cidade, no caso deste trabalho, é o repertório fotográfico que foi feito da cidade do Rio Grande durante o período estudado: 1956-1961.

Estabelecendo que a fotografia seja um documento, sendo entendida como produção humana, desde sua própria criação até sua ressignificação por quem irá analisá-la, Le Goff (1994, p.545) salienta que: “O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder”.

As cidades brasileiras na década de 1950 eram fotografadas para assim evidenciar a modernização e desenvolvimento que tanto se pregava nesse período. Para isso, as prefeituras e outros órgãos públicos contratavam fotógrafos a fim de registrar as reformas urbanas (POSSAMAI, 2005). A totalidade das transformações urbanísticas da cidade pode ser assim pensada, quando se reflete a respeito das representações da modernização. E a fotografia fornece indícios do que isso um dia já foi ou quis ser.

A fotografia urbana tem a finalidade de materializar a imagem da cidade que o governo pretendia que se perpetuasse, solenizando e eternizando um determinado período. Porém, cada indivíduo, ou melhor, receptor dessa imagem irá obter uma determinada representação da cidade. E essa apresenta-se e retrai-se segundo a maneira como é apreendida (JEUDY, 2005).

Os estúdios fotográficos, neste sentido, funcionavam como pequenas fábricas de ilusão, possibilitavam que, a partir de um determinado cenário ou objeto fotografado fosse possível a construção de personagens, cidades ou artefatos (BORGES, 2003).

Nessa direção, a autora Lucrécia Ferrara (2000, p.194) assegura que “a imagem corresponde à informação solidamente relacionada com um significado que se constrói numa síntese de contornos claros que a faz única e intransferível”. Corresponde, então, a uma concreta, ainda que sob o olhar do fotógrafo, transformação na cidade, sendo uma espécie de publicidade do que se quer mostrar e fazer ser visto.

A imagem, dependendo da intenção de quem a produz ou encomenda, pode servir de testemunho de que a modernização está realmente ocorrendo. Consequentemente, o território urbano é o local onde essas relações ocorrerão e serão representadas. Assim sendo, Sinara Sandri exemplifica:

Ao mesmo tempo, a complexidade da vida na cidade exige que os leitores do urbano adotem uma concepção múltipla da realidade. A cidade vista como fenômeno plural impõe uma abordagem capaz de identificar representações que tendem a assumir uma forma metafórica através de imagens urbanas (arquitetura, pintura, fotografia, monumentos, prédios, traçado das ruas) ou práticas, públicas ou privadas, realizadas no território urbano (SANDRI, 2007, p.44).

Desse modo, os habitantes, por conseguinte, os leitores da cidade têm de ser capazes de adotar uma concepção múltipla da urbe, composta por diversas representações, seja no âmbito cultural, seja no político e econômico. E a fotografia irá legitimar esse processo, fornecendo subsídios para compor a representação.

O processo histórico da fotografia pode ser conceituado, no decorrer da história, por críticos e teóricos, por meio de três prismas, como afirma Philippe Dubois (2009):

- Fotografia como espelho do real: onde se acredita que a fotografia é a própria realidade, sem levar em conta o processo para a obtenção da imagem e os agentes envolvidos;
- Fotografia como transformação do real: aqui, a fotografia não é um espelho neutro, mas passível de interpretação;
- Fotografia como traço de um real (índice e referência): há a consciência de todos os códigos impressos nas imagens, porém o sentimento de realidade incontornável continua presente.

A partir disso, pode-se ter conhecimento do processo de construção histórica da imagem como fonte, e é possível perceber que a fotografia é construída por diferentes olhares, sendo os fotógrafos os percussores desse processo. No caso específico da imagem da cidade, Luciana Silva (2009, p.174) sustenta: “Tanto o fotógrafo quanto o fotografado estão em contato direto com a cidade, que espera determinada atitude na hora do registro fotográfico”.

Diante disso, no próximo subtítulo, serão analisadas as fontes referentes à criação de novos bairros e transformações da urbe, apontando, assim, uma modernização singular na cidade.

2.2 Novos bairros, velhas ruas: sinalizações do ideal de modernização em Rio Grande

Primeiramente, entende-se como obras de infraestrutura realizações que tendem a melhorar/modernizar a cidade para seus habitantes poderem vê-la e usufruí-la de outra maneira. Essas infraestruturas ou melhoramentos referem-se, segundo Bresciani a:

objetos concretos, projetos de intervenções e/ou obras realizáveis, que pela dimensão imagética desenhada ou sugerida pela linguagem são capazes de provocar em quem escuta, lê ou vê o sentimento de serem partícipes (BRESCIANI, 2001, p. 345).

Desse modo, conforme a autora ressaltou, para um melhoramento ser reconhecido como tal, o participante, ou melhor, o morador ou até mesmo o cidadão de passagem tem que ser capaz de se sentir reconhecido e integrante de tal projeto. Contudo, os que se sentem excluídos de tal transformação também, de forma pouco ortodoxa, fazem parte das mutações. Visto que a imagem do avesso de cidade moderna é a das doenças, estando a cidade limpa, ordenada e bela as doenças manter-se-ão longe. Ainda citando a autora Maria Stella Bresciani:

A força persuasiva da imagem coloca frente aos olhos do leitor como alternativas a sujeira aliadas às doenças e a limpeza como par constante da saúde. Não há necessidade de observações técnicas para produzir o sentido desejado; este já se encontra inserido no lugar-comum das teorias sanitárias largamente difundidas (BRESCIANI, 2001, p. 350).

Dessa maneira, os melhoramentos traçam linhas divisórias na cidade: novo/limpo – antigo/sujo. A ênfase dos melhoramentos, principalmente no período desse trabalho, década de 1950, é visado na questão estética.

Importante ressaltar que os melhoramentos urbanos no século XIX era uma parceria entre engenheiro e médico, já nas primeiras décadas do século XX, as discussões davam-se pelo engenheiro/arquiteto com o urbanista e, na

segunda metade do século XX, o sociólogo e a própria população faziam parte do planejamento.

No século XX, a forma sobre pensar a cidade começava a monopolizar o debate internacional. Nessa esteira, Lewis Mumford assegura que “[...] a cidade moderna deve ter uma medida e uma forma definida, deve ter uns limites” (MUMFORD, 1998). Nesse pensamento, Hall afirma que, no século XIX, as cidades eram produzidas como objeto de esforços de separação, divisão e limpeza, marcando o contraste e as diferenças. No século XX, ocorre, ainda que, na teoria, a descentralização e interligação centro-subúrbio. A respeito disso, Hall afirma que:

A ampliação do sistema de transportes favorecendo a expansão urbana nos distritos de arrabalde; e a tentativa de estabelecer um controle policial sobre certos usos privados da propriedade urbana [...] nome da saúde, da segurança, da moral, do conforto, conveniência e bem estar da comunidade (HALL, 1995, p.68-69).

Portanto, são ideias que sustentaram a forma de pensar as cidades. Para compreender um pouco mais do universo brasileiro em relação às cidades, é necessário elencar-se algumas ideias e propostas que estavam surgindo nas urbes brasileiras. Em Porto Alegre, em 1959, foi lançado o primeiro Plano Diretor, do qual o projeto de aterro para a criação da Avenida Praia de Belas fazia parte. Tinha como objetivo principal a modernização da cidade e a vinculação do projeto com os planos urbanos já existentes. Assim foi criado um novo bairro residencial, a partir do paradigma corbuseano, que chegou ao estado via Uruguai e Rio de Janeiro. A respeito disso Andréa Machado fornece mais informações:

Através do conceito principal de zoneamento de uso do solo urbano, a cidade passa a ser idealmente concebida como um conjunto de áreas funcionais residenciais, divididas em unidades de habitação, comerciais, industriais e culturais, conectadas por um esquema viário radial original, acrescido de novas avenidas perimetrais. Prioriza-se a criação de mecanismos para a regulamentação das edificações através de índices que imponham limites de sua altura e volume, visando à paulatina substituição das tipologias então vigentes pelo prisma corbuseano sobre pilotis, afastado das divisas do lote (MACHADO, 2004, p.72).

A urbanização e arquitetura de Porto Alegre, então, começou a ser pensada sobre o prisma corbuseano, que seria baseado em pilotis e dominação do homem perante a natureza, assim como, começou a ser ponderada a partir do modelo haussmanianos, paradigma que entende e concebe a cidade como um todo geométrico, articulado por partes interdependentes conectadas por avenidas ou esquema viário. O pensamento de Gorelik resume as intenções urbanas no período, a cidade era como uma folha de papel, pronta para ser escrita e moldada. Dessa forma, “O Estado se torna institucionalmente vanguarda moderna e a cidade, sua picareta modernizadora” (GORELIK, 1999, p. 67). Ainda nessa direção, Sandra Pesavento afirma que:

(...) uma cidade inventa seu passado, construindo um mito das origens, descobre pais ancestrais, elege seus heróis fundadores, identifica um patrimônio, cataloga monumentos, transforma espaços em lugares com significado. Mais do que isso, tal processo imaginário de invenção da cidade é capaz de construir utopias, regressivas ou progressivas, através das quais a urbs sonha a si mesma (PESAVENTO, 2002, p. 25).

Com base na citação acima, e concordando com a autora, pode-se afirmar que uma cidade é fruto de invenções, ideias e planos colocados em prática. Através do imaginário, a urbe inventa-se e reinventa-se, elege seus patrimônios e os desconstrói.

Na cidade de Londrina, Paraná, pode-se dizer que se materializou o progresso. Em 1944, houve a criação de uma lei que proibia construções de casas de madeira, assim, as edificações tinham que modernizar a paisagem urbana, baseado na metrópole paulista. Em 1946, foi criada a Sociedade Amigos de Londrina (SAL), onde se discutia questões relativas aos melhoramentos urbanos, assistência social, educação e cultura.

Prestes Maia foi convidado a visitar a cidade em 1951, para, assim, elaborar um projeto que concretizasse o progresso que a cidade almejava. Sendo implantado na década de 1960, onde o ponto chave era o plano de avenidas (OLIVO; REGO, 2013).

Na cidade de Belo Horizonte, no final da década de 1950, surgiram os primeiros bairros exclusivos. Os próprios moradores cuidavam das questões de água, problemas estruturais, etc. Eram condomínios fechados onde a classe média adquiria terrenos e construía suas casas, sendo essas, predominante amplas (DUARTE, 2013).

O aterro da orla da baía de Guanabara – Aterro do Flamengo – e a urbanização do parque do Flamengo, cartões postais do Rio de Janeiro, datam da década de 1950. O projeto foi realizado entre 1954 a 1959, porém, as obras foram iniciadas apenas em 1961. Contou com os projetos urbanísticos e arquitetônicos de Affonso Eduardo Reidy. Os jardins são de autoria de Burle Marx. Ainda, participou a urbanista Lotta Macedo.

Para ocorrer o aterro propriamente dito, era necessário o desmonte do morro de Santo Antônio cujas obras começaram entre 1952 e 1954, na administração do prefeito Dulcídio Cardoso, e foram concluídas em 1958, na administração de Francisco Negrão de Lima.

As três iniciativas: o desmonte do morro, o aterro que acompanha o traçado da antiga Avenida Beira Mar e a própria construção do parque foi planejado para funcionarem de modo integrado, ainda que realizadas em períodos distintos. O objetivo principal era resolver o problema viário do Rio de Janeiro. Na década de 1950, houve uma explosão demográfica, devido, principalmente, aos fluxos migratórios do campo para a cidade. Assim, construindo as três iniciativas propostas, seria permitido a construção de vias expressas ligando o centro a Copacabana, valorizando a área central, e evitando desapropriações que seriam necessárias para o alargamento das artérias do Flamengo, Catete, Glória e Botafogo (<http://www.itaucultural.org.br>).

São Paulo na década de 1950 era considerado o maior parque industrial da América Latina. Novas indústrias instalaram-se ao longo das estradas que circundavam a cidade, formando, junto com as indústrias instaladas ao longo das ferrovias, em períodos anteriores, um cinturão em torno da cidade. Além disso, ou junto a isso, houve acelerado crescimento urbano, particularmente o mercado imobiliário que passava por grande expansão, transformando São Paulo em um importante polo nacional.

Dessa maneira, a cidade viu sua população de dois milhões de habitantes passar para mais de três milhões. As correntes migratórias respondiam por grande parte desse crescimento populacional, atraídos pelos empregos nas fábricas, e, na segunda metade da década, junto à indústria automobilística. Essa tornou-se o motor do crescimento econômico, com novas fábricas instaladas em municípios vizinhos da capital, região que ficou conhecida como ABC³⁶.

A partir desse breve histórico da urbanização e desenvolvimento de outras cidades brasileiras, pode-se estudar e problematizar as questões de modernização e urbanização que o jornal *Rio Grande* elencou.

Uma cidade é um processo de invenção e reinvenção constante, e é a partir disso que se apresenta a primeira fonte do trabalho. Esta é do ano de 1959 e retrata uma nova Vila³⁷ na cidade, denominada Santana.

³⁶ A região ABC corresponde a Santo André, São Bernardo e São Caetano do Sul.

³⁷ Importante lembrar que o conceito de Vila aqui apresentado é diferente dos tempos atuais. Vila, na segunda metade do século XX, era como bairros, porém, geralmente, carecendo de infraestrutura.

RIO GRANDE DE JULHO DE 1959

Vila Santana : Primícia do

— Progresso de Rio Grande —

Casas modernas e confortáveis — De 174 lotes, 140 receberam construções — Água e Luz — Capela — Depósito de material, açougue e cinema — Colégio




Na foto, o escritório da organização que constrói a Vila Santana, vendendo, também, o sr. Agostinho Petrone e seu filho, o dr. Domingos Petrone

Quando o século XX se iniciava, um jovem italiano, entre muitos outros que buscavam as terras da América, atravessava o Atlântico, depois de haver cruzado o Mediterrâneo. O navio, depois de fazer escala em várias portos, chegou a Rio Grande e se atracou a um velho trapiche, frutífero à rua General Sarquês.

Desembarcado, o jovem Agostinho Petrone logo procurou entrar em atividade, tendo escolhido o município de São João do Norte, onde, em Montanhas, fixou residência. Visto, depois, para Estreito e, finalmente, passou a residir na sede, onde se dedicou à exploração de cereais e pecuária. Constituiu família, viu nascer os filhos

brasileiros e, já em 1924, embora mantendo em São João do Norte a sua atividade comercial, mudava-se para esta cidade.

Pelo trabalho constante criou um patrimônio e grande parte a propósito de que deu-lhe o nome de sociedade riograndense e montana. Foi Conselheiro Constituinte de São João do Norte, em 1930 e Diretor do Instituto Territorial naquele município.

Fausto do Brasil e sua segunda pátria, não esqueceu, entretanto, a Itália que lhe deu o nome e como o vencedor que retorna de uma longa batalha, voltou os braços para a sua pátria e, em 1935, mudou-se para o Rio Grande, onde, na época, já havia se estabelecido, iniciando o loteamento, visando proporcionar

lugar ao Atlântico em todo E, de volta ao Rio Grande, iniciou uma nova atividade, que veio constituir mais uma parcela valiosa do seu trabalho para o engrandecimento de nosso município.

VILA SANTANA

Antes era a areia e a espessa vegetação, com que se procurava fugir. A junção era um subúrbio distante, que o centro urbano, impulsionado pelo progresso, procurava aniquilar. O sr. Agostinho Petrone, há três anos, depois de haver transido o aral em vasto terreno arborizado, onde colheu de pé de eucalipto cresceram, iniciou o loteamento, visando proporcionar

mediante baixo preço e modernas prestações, a todos, uma oportunidade para a aquisição da sua própria casa.

Para dar à sua atividade o devido com o objetivo de solucionar o problema da moradia, ao mesmo tempo em que, inteligentemente, valorizava a área loteada, o sr. Agostinho Petrone iniciou a construção de um plano de construções, que hoje se realimenta, para oferecer, aos que visitam por estrada de ferro ou de rodagem, uma pitoresca do progresso de nossa cidade.

Desde a casa de material já foram construídas e se encontram ocupadas. Em poucos dias, os viajantes com um acedado de que em Rio Grande existe um arvoredo, bem refletido no aumento da área urbana, que já completa a criação de populações subúrbias.

O plano de construções está dividido e, no próximo dia, mais seis casas modernas terão suas obras iniciadas.

Uma prova de que o loteamento provido pelo sr. Agostinho Petrone alcançou receptividade é o fato de que, dos 174 lotes vendidos, 140 se encontram, atualmente, ocupados por edificações.

Em três anos, o aproveitamento dos lotes vendidos alcança verdadeiro record, o que atesta, abertamente, a existência do terreno fracionado e a honra dos negócios efetuados.

Dentro de mais algumas semanas, novas construções ocuparão os terrenos ainda vendidos. A Vila Santana, totalmente concluída, apresentará o exemplo de uma rica iniciativa, merecida pela organização que sempre marcou os seus empreendimentos.

ÁGUA E LUZ

Adquirido pelo sr. Agostinho Petrone, todo o material necessário à instalação da rede elétrica foi entregue à CELG, para que proceda aos trabalhos necessários, a fim de que seu benefício seja proporcionado aos moradores da Vila Santana.

Dentro de poucos dias, graças ao poder, cobrada na fiação, energia elétrica penetrará na Central da C. E. E. E. e, assim, a iluminação se realizará e a movimentação se aperfeiçoará.

Quanto às instalações de água, espera, também, o sr. Agostinho Petrone, que sejam proporcionadas aos moradores.

CAPELA

Para coroar o trabalho monumental que significa a construção da Vila Santana e a vida surgirá entre as residências, levantando a cruz de Cristo à vista de todos. Lançada a pedra fundamental, mediante

De linhas simples, a capela projetada deverá, brevemente, erguer-se entre as casas da Vila Santana.

DEPÓSITO DE MATERIAL

26 se encontra concluído o moderno prédio destinado a instalação de um armazém em plena Vila Santana, para facilitar as compras por parte dos moradores, que, até então, eram obrigados a deslocar-se para outras partes da cidade. O açougue, destinado a todos os requisitos de higiene, ditados pelas autoridades sanitárias.

ACOLUGUE E CINEMA

Um depósito de material, também, destinado a facilitar a aquisição de tijolos, areia, pedras, madeira, etc., pelos moradores da Vila Santana, já se encontra instalado.

O cinema da Vila Santana, com as obras em via de ser concluído, está pronto para receber o máximo conforto e a

Fotorreportagem 1: JR, 4 de julho de 1959, p. 7.

A matéria ocupa toda a folha da página sete do jornal e está composta de três imagens. A primeira imagem tem os seguintes dizeres: “Na foto, o escritório da organização que construiu a Vila Santana, vendo-se, também, o sr. Agostinho Petrone e seu filho, o Dr. Domingos Petrone” (JR, 4 de julho de 1959, p. 7). Destaque para a 1ª imagem, desta fotorreportagem:



Fotorreportagem 1: JR, 4 de julho de 1959, p. 7. Destaque primeira imagem.

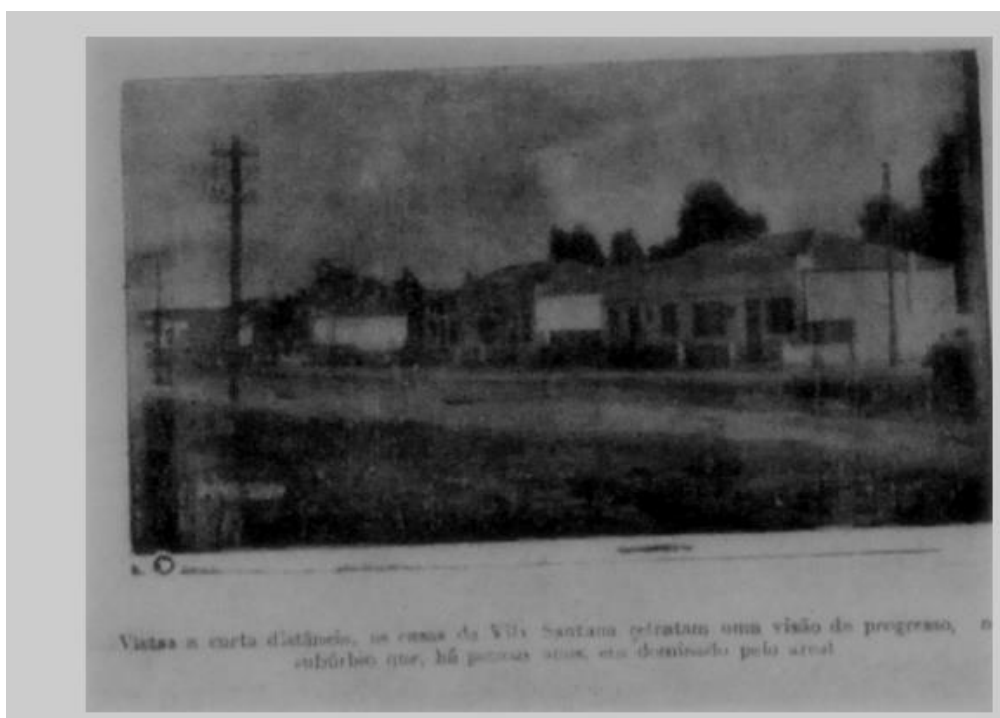
Pode-se observar que é uma imagem posada, onde os senhores possivelmente se prepararam para o momento do click, e estão na frente do escritório da Vila, a fim de salientar, para o público consumidor do jornal, a associação da construção da nova Vila com o escritório dos Srs. Petrone.

A segunda imagem apresenta o projeto da capela que será erguida entre as casas da Vila. Consta com a seguinte legenda: “De linhas singelas, a capela projetada deverá, brevemente, erguer-se entre as casas da Vila Santana” (JR, 4 de julho de 1959, p. 7). Eis a imagem:



Fotorreportagem 1: JR, 4 de julho de 1959, p. 7. Destaque segunda imagem.

Por último, a terceira imagem expõe as casas que foram construídas para compor a Vila Santa. Acompanha a seguinte legenda: “Vistas a curta distancias, as casas da Vila Santana retratam uma visão de progresso, no subúrbio que, há poucos anos era dominado pelo areal” (JR, 4 de julho de 1959, p. 7). Realce à imagem:



Fotorreportagem 1: JR, 4 de julho de 1959, p. 7. Destaque terceira imagem.

No decorrer da matéria, é possível entender a história de vida do Sr. Agostinho Petrone, um imigrante italiano, que, como muitos outros, buscava, no início do século XX, melhores condições de vida no Brasil. A partir do breve histórico do Sr. Petrone, o texto apresenta como surgiu a Vila Santana. Assim está explicitado:

Antes era a areia e a esparsa vegetação com que se procurava fixá-la. A Junção era um subúrbio distante, que o centro urbano, impulsionado pelo progresso, procurava encontrar. O Sr. Agostinho Petrone, há três anos, depois de haver transformado o areal em vasto terreno arborizado, onde milhares de pés de eucalipto cresceram, iniciou o loteamento, visando proporcionar mediante baixo preço e módicas prestações, a longo prazo, oportunidade para a aquisição da casa própria (JR, 4 de julho de 1959, p. 7).

Nota-se, assim, uma discrepância entre o texto verbal e a narrativa visual. Na terceira imagem da fotorreportagem, nota-se certo areal, e poucos eucaliptos, possibilitando margem para pensar-se que toda a transformação evidenciada pelas palavras do jornal não aconteceu, ou ao menos, não na sua totalidade.

Assim, abarcando a teoria desse trabalho, entende-se que as imagens, nessa fotorreportagem explicitada, são documentos passíveis de descobertas e análises, e não simples complementações ao texto. Charles Monteiro entende que a fotografia é resultado de seleções e escolhas por parte do fotógrafo e, também, que a câmara fotográfica capta o que o olho pode ver. Sendo assim:

A fotografia é um recorte do real. Primeiramente, um corte no fluxo do tempo real, o congelamento de um instante separado da sucessão dos acontecimentos. Em segundo lugar, ela é um fragmento escolhido pelo fotógrafo pela seleção do tema, dos sujeitos, do entorno, do enquadramento, do sentido, da luminosidade, da forma, etc. Em terceiro lugar, transforma o tridimensional em bidimensional, reduz a gama das cores e simula a profundidade do campo de visão. Ela é também uma convenção do olhar herdada do Renascimento e da pintura, que é necessário apreender para ver. A câmara fotográfica capta mais ou menos do que o nosso olho pode ver (MONTEIRO, 2006, p. 11).

O autor elucida que a fotografia é um fragmento de uma determinada realidade, sendo fruto de escolhas e decisões por parte do fotógrafo, capacidade da câmera e, posteriormente, do analisador dessas imagens. A imagem dissolve o real, temporalizando-o. Por essa razão, deve possibilitar uma representação que possa permitir o reconhecimento.

Sendo assim, talvez, se o enquadramento da fotografia fosse de outra maneira, talvez com as casas no segundo plano, ou a imagem obtida por outra perspectiva, poder-se-ia apresentar outras análises. Além disso, se a legenda ou o texto que está dialogando com a fotografia fosse outro, a representação poderia ser diferente.

Contudo, o que se entende é que nessa fotorreportagem desejavam que as ideias de modernização e desenvolvimento fossem representadas dessa maneira: novas construções, areal controlado e assim por diante. Porém, na prática, as fotografias direcionam o olhar para outras análises.

A respeito dos elementos modernos presentes em imagens do século XX, Lima e Carvalho discorrem:

A palavra “moderna” diz respeito exclusivamente à visualidade – destaque somente de um detalhe do mosteiro, descontextualização do motivo principal, presença mínima e fragmentada do motivo secundário (vegetação), enquadramento muito próximo do primeiro plano, contraste de tom acentuado e tomada de vista ascensional, monumentalizando o edifício, tendência à geometrização e tratamento diagonalizado. (LIMA; CARVALHO, 1997, p.109).

Dessa maneira, o moderno está ligado intrinsecamente ao visual, ambos complementando-se. Sendo alguns elementos mais predominantes e mais voltados ao objetivo da narrativa visual, estarem em primeiro plano, como no caso da fotorreportagem analisada. Nessa a primeira vista têm-se as casas, somente, em segundo plano, é dado algum destaque à vegetação, e essa exclusivamente para afirmar que o homem está dominando a natureza e o areal está controlado.

Ainda analisando a fotorreportagem, no decorrer do texto, é explicitado que o Sr. Agostinho iniciou a execução de um plano de construção das casas “para oferecer, aos que viajam por estrada de ferro ou de rodagem, uma primícia do progresso de nossa cidade” (JR, 4 de julho de 1959, p. 7). Ainda complementando:

Estende-se a vista do viajante como um atestado de que em Rio Grande existe progresso, bem refletido no aumento da área citadina, que já comporia a criação de populosos subúrbios. [...] Uma prova de que o loteamento procedido pelo sr. Agostinho Petrone alcançou receptividade invulgar é o fato de que, dos 174 lotes vendidos, 140 se encontram, atualmente, ocupados por edificações (JR, 4 de julho de 1959, p. 7).

A partir desse fragmento da reportagem, pode-se compreender sob o prisma do plano de conteúdo da fotorreportagem que mais do que efetivamente realizar as obras, o objetivo inicial da Prefeitura e, por conseguinte, do jornal, era a questão visual. Isto é, que as pessoas, no caso, os viajantes, “olhassem” os novos empreendimentos criados na cidade, principalmente no que condiz com o aumento da área citadina, e divulgassem que a cidade estava em constante progresso.

A respeito das representações, que é o que rege essas análises, para Chartier (2009), o texto não demonstra diretamente uma prática social, mas a

representa. O discurso é apenas uma das etapas para conhecer a realidade. Assim, é na cidade que a história exhibe-se, com todas suas formas, cores e anseios, e as imagens fotográficas representam-nas. Nessa mesma abordagem, Zita Possamai (2008, p.76), estudiosa dos álbuns fotográficos e vistas urbanas, declara “Difícilmente as fotografias podem ser consideradas registros fidedignos da cidade que um dia foi. Esta está para sempre perdida”. Dessa maneira, o que se pretende não é um retrato legítimo da cidade do Rio Grande durante o período JK, mas sim a(s) representação(ões) da modernização na cidade.

Continuando na apresentação e análise das fontes, tem-se, então, a segunda fotorreportagem, intitulada “Assentam-se as bases de um núcleo suburbano”.

RIO GRANDE

ANO XLIV RIO GRANDE, SÁBADO, 13 DE JULHO DE 1957 N.º 179

Função Social do Loteamento

Assentam-se as bases de um núcleo suburbano

Amplas facilidades para a aquisição de terrenos situados à margem da avenida Santos Dumont em local de crescente valorização - Dois mil cruzeiros de entrada e prestações mensais durante 4 anos, sem juros ou mais despesas - Iniciativa do sr. Jaime da Silva Velloso alcança a maior receptividade

Brizola chegará dia 19

Os adeptos da candidatura Leonel Brizola estão elaborando um programa de excursão ao interior de Porto Alegre, que chegará a esta cidade no próximo dia 19, pela av. da Varig.

Permanecendo entre nós por dois dias, Brizola fará uma palestra pelas emissoras locais, em cadeia com a Rádio Farroupilha.

Em nossa Redação, Rubens colheu o flagrante acima, em que aparece o sr. Jaime da Silva Velloso fazendo detalhes do loteamento da Vila São Jorge a um dos nossos leitores.

Através dos lotes - como pela notoriedade do um dos seus bairros mais aprazíveis, oferece-se, agora, à venda, totalmente gramado e arborizado, proporcionando, aos compradores, uma renda imediata, oriunda do corte de inúmeros pés de eucalipto já facilmente vendíveis na cidade, onde, com o seu trabalho fecundo e honesto, deu uma parcela avulsa ao desenvolvimento das atividades comerciais.

Dizem-nos o sr. Jaime da Silva Velloso, durante algum tempo a área em uma pelexta que manteve, que, num futuro próximo em nossa Redação, que, em Rio Grande, verá surgir logo da aprovação do loteamento da Vila São Jorge início a venda de terrenos, tendo alcançado um verdadeiro êxito em matéria de aceitação. Desta forma, muitos lotes foram vendidos, mais, ainda restam, alguns que poderão constituir o patrimônio valioso de futuras famílias.

A Vila São Jorge fica diante do marco 8 da avenida Santos Dumont, que é a estrada por onde trafegam inúmeros veículos rumo ao Cassino e, daí, que se balneario até a cidade de Navegantes, por onde, o tráfego é ainda mais intenso e não se restringe à temporada balnearia, eis que a Vila São Jorge fica situada logo abaixo da sede do Centro de Tradições Gaúchas Mate Amargo e antes do aeroporto e do entroncamento da estrada do Cassino com a rodovia Rio Grande-Pelotas. Tráfego intenso quer dizer progresso, pois é conhecido o exemplo de núcleos que surgiram por força da construção das estradas e de terrenos que, por idéntico motivo, alcançaram valor constante e rápida valorização.

Adquirir terrenos na Vila São Jorge não é apenas privilégio de capitalistas. As condições oferecidas são as mais acessíveis e, assim também, o preço fixado para os diversos lotes que com leitores dêem uma volta à pérola deste novo subúrbio sua imaginação e retroespectiva, que os anos deem, na memória, a 4 transformá-lo em bairro anos atrás, para que tenham o melhor conselho dos mais importantes.

Dizem-nos o sr. Jaime sobre o bom emprego da Vila São Jorge, que a sua economia na aquisição dada como «ensignada» para a aquisição dos lotes na Vila São Jorge não excede, em hipótese alguma de 2 mil cruzeiros!

Ora, na época em que vivemos, diante da desvalorização crescente da 4 anos.

As prestações exigidas para a aquisição de terrenos na Vila São Jorge são de grande modicidade. Ainda hoje, no orçamento de qualquer mês, que vista de salutar, tais prestações mensais não serão, absolutamente, perdidas, capazes de transformar os planos e aspirações de todas as horas. Daqui a poucos meses, porém, o dinheiro valerá menos e as prestações exigidas agora se por preço muito vantajoso.

As prestações em que se divide o restante do preço dos terrenos da Vila São Jorge, seguem o mesmo sistema da «entrada», evidenciando a preocupação altamente social do sr. Jaime da Silva Velloso, de proporcionar a máxima facilidade para que a propriedade da terra não seja privilégio de ricos e, assim, uma oportunidade para que se ofereça a todas as classes.

O restante do preço dos lotes da Vila São Jorge deverá ser pago em quatro (4) anos, sem juros.

Esta se dá uma das ruas da Vila São Jorge, onde haverá transporte fácil e barato.

Basta que os nossos leitores dêem uma volta à pérola deste novo subúrbio sua imaginação e retroespectiva, que os anos deem, na memória, a 4 transformá-lo em bairro anos atrás, para que tenham o melhor conselho dos mais importantes.

Dizem-nos o sr. Jaime sobre o bom emprego da Vila São Jorge, que a sua economia na aquisição dada como «ensignada» para a aquisição dos lotes na Vila São Jorge não excede, em hipótese alguma de 2 mil cruzeiros!

Ora, na época em que vivemos, diante da desvalorização crescente da 4 anos.

As prestações exigidas para a aquisição de terrenos na Vila São Jorge são de grande modicidade. Ainda hoje, no orçamento de qualquer mês, que vista de salutar, tais prestações mensais não serão, absolutamente, perdidas, capazes de transformar os planos e aspirações de todas as horas. Daqui a poucos meses, porém, o dinheiro valerá menos e as prestações exigidas agora se por preço muito vantajoso.

As prestações em que se divide o restante do preço dos terrenos da Vila São Jorge, seguem o mesmo sistema da «entrada», evidenciando a preocupação altamente social do sr. Jaime da Silva Velloso, de proporcionar a máxima facilidade para que a propriedade da terra não seja privilégio de ricos e, assim, uma oportunidade para que se ofereça a todas as classes.

O restante do preço dos lotes da Vila São Jorge deverá ser pago em quatro (4) anos, sem juros.

Continua na 4a. página

Terrenos gramados, e arborizados, diante da «faixa arborizada da avenida Santos Dumont, eis o que oferece a Vila São Jorge, mediante pequena entrada e saída em 4 anos. (Foto Rubens)

Fotorreportagem 2: JR, 13 de julho de 1957, contracapa.

Abaixo do título “Assentam-se as bases de um núcleo suburbano”, tem-se um pequeno texto explicativo, funcionando como um resumo da notícia, para quem deseja apenas apreciar as fotografias e não ler toda a reportagem. Eis o texto:

Amplas facilidades para a aquisição de terrenos situados à margem da avenida Santos Dumont em local de crescente valorização – Dois mil cruzeiros de entrada e prestações mensais durante 4 anos, sem

juros ou mais despesas – Iniciativa do sr. Jaime da Silva Velloso alcança a maior receptividade. (JR, 13 de julho de 1957, contracapa).

A fotorreportagem ocupa uma folha inteira da contracapa do jornal e possui três imagens acompanhadas de legendas informativas. Resumidamente, a matéria trata da venda de terrenos com o objetivo de construir novas moradias. A primeira imagem em formato retangular foi feita na própria redação do jornal, sob a responsabilidade de Rubens, fotógrafo que perpetrou várias das imagens expostas nesta dissertação. Eis a primeira imagem:



Fotorreportagem 2: JR, 13 de julho de 1957, contracapa. Destaque primeira imagem.

Essa fotografia está acompanhada da seguinte legenda: “Em nossa Redação, Rubens colheu o flagrante acima, em que aparece o sr. Jaime da Silva Velloso fornecendo detalhes do Loteamento da Vila São Jorge a um dos nossos diretores” (JR, 13 de julho de 1957, contracapa). No plano formal de expressão, a imagem apresenta, no primeiro plano, o sr. Jaime da Silva Velloso e um dos diretores do jornal *Rio Grande* apreciando o projeto do novo loteamento a ser construído na cidade. Ao fundo, a redação do jornal.

Sob o prisma de conteúdo, a imagem perpassa a ideia de que o projeto para a construção da Vila está a um passo de ser executado, primeiramente, pelo fato de ser apresentado ao diretor do jornal e ao público leitor em geral, e, além disso, é possível observar o volume espesso do projeto, indicando que o mesmo está a um passo da implantação.

Seguindo adiante com a análise da fotorreportagem, a segunda imagem apresentada é onde será uma das ruas da Villa São Jorge, “onde haverá transporte fácil e barato” (JR, 13 de julho de 1957, contracapa).



Fotorreportagem 2: JR, 13 de julho de 1957, contracapa. Destaque segunda imagem.

Nessa imagem, apesar da resolução baixa, no plano formal, nota-se a presença de uma rua, não asfaltada, com a natureza abundante e sem a presença de casas. A legenda, aqui neste caso, conduz a observação do leitor perante a fotografia.

No prisma de conteúdo, pode-se observar que o leitor do jornal, ao olhar a imagem, verá todas essas questões pejorativas apresentadas: natureza abundante, rua não asfaltada e ausência de casas, porém, através da legenda

vai poder constatar que tais fatores são provisórios, pois, todas essas questões serão resolvidas e onde é um terreno baldio, será uma rua da nova Vila da cidade.

A última imagem, na parte inferior da página, consta a seguinte legenda: “Terrenos gramados e arborizados, diante da faixa asfáltica da Avenida Santos Dumont, eis o que oferece a Vila São Jorge, mediante pequena entrada e saldo em 4 anos” (JR, 13 de julho de 1957, contracapa).



Fotorreportagem 2: JR, 13 de julho de 1957, contracapa. Destaque terceira imagem.

No primeiro plano, observa-se que esta rua já está asfaltada, já no segundo plano, aparentemente a arborização está na forma ideal, isto é, não existe areal tampouco árvores obstruindo a construção das novas casas. Ambos estão “controlados”. Nesse caso, a legenda e imagem estão complementando-se.

No transcorrer da matéria, é explicitado que “Através dos loteamentos tem surgido cidades e bairros em todos os recantos do Brasil. O loteamento, dando função a áreas extensas, tem proporcionado novos núcleos e permitido a fácil aquisição de terras” (JR, 13 de julho de 1957, contracapa). Assim, em

um primeiro momento, nota-se que o objetivo primordial dos novos loteamentos era a criação de novos bairros para assim qualificar o ideal moderno que perpassava na década de 1950: surgimento de novas cidades, requalificação das mesmas, modernização e desenvolvimento urbano.

Ainda, na reportagem, será mencionado que o novo loteamento localiza-se na Avenida Santos Dumont, que era a estrada por onde trafegavam os veículos que desejam ir ao Balneário Cassino, onde o tráfego era intenso, mesmo em baixa temporada, e localizava-se perto do aeroporto. O jornal qualifica o tráfego intenso como sinônimo de progresso: “Tráfego intenso quer dizer progresso, pois é conhecido o exemplo de núcleos que surgiram por força da construção de estradas e de terrenos que, por idêntico motivo, alcançaram valiosa, constante e rápida valorização” (JR, 13 de julho de 1957, contracapa).

Dessa forma, segundo o que consta no jornal, a estrada de fluxo constante e a valorização dos terrenos estão interligadas, um depende do outro para o seu desenvolvimento. Tais questões estão previstas no plano de metas de JK. Segundo o governo JK, financiando a expansão industrial, às rodovias e estradas seriam oportunizadas condições de escoamento da produção e, assim, o desenvolvimento ocorreria.

Nessa fotorreportagem, mais do que o novo loteamento que está proporcionando novos terrenos à venda, o enfoque dado é a sociedade, ou melhor, aos possíveis compradores de tal local. Primeiro, o próprio título já transmite algumas ideias: “núcleo suburbano” e, na reportagem, é ressaltado inúmeras vezes que o prazo para aquisição dos lotes na Vila São Jorge são facilitados para não só os abastados da cidade possam adquiri-lo, mas sim qualquer cidadão, visto que o prazo para pagamento é de até quatro anos.

A Vila São Jorge, segundo demonstrado, possivelmente tem enfoque nas classes menos abastadas da cidade, até devido à distância do centro da cidade. Assim, neste caso, essa fotorreportagem evidencia um novo tipo de modernização da cidade: voltada para as diversas classes sociais, não somente para os mais providos financeiramente. Neste sentido, Meneses afirma que “os objetos da pesquisa do historiador não são os documentos, mas instrumentos dela: o objeto é sempre a sociedade” (MENESES, 2003, p.28).

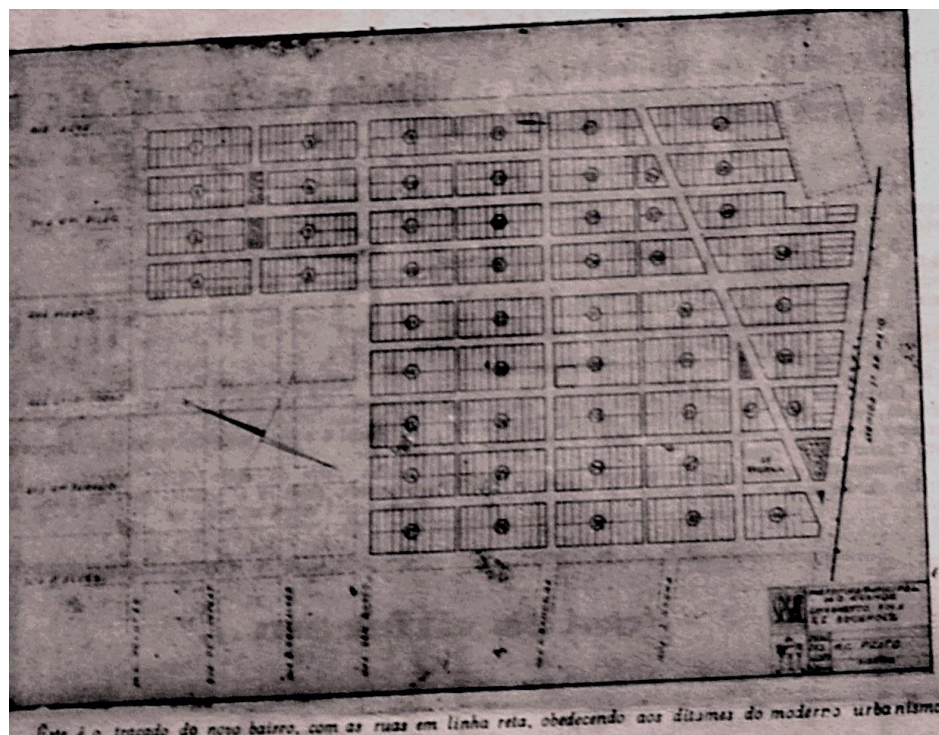
Dessa forma, mais do que observar e analisar a modernização da cidade, tratou-se de compreender, através dessa fotorreportagem, a maneira que chegou esses ideais modernos para a sociedade riograndina. E o que se pode compreender, até o momento, é que o desenvolvimento, principalmente da urbe, era para todos.

Assim, apresenta-se a próxima fonte:

A matéria intitulada “Surge um bairro novo nas proximidades da Hidráulica” ocupa a contracapa do jornal *Rio Grande*, e está apresentada sob a forma de três imagens e texto. Possui como subtítulo o seguinte texto:

Terrenos de fácil valorização postos à venda – Energia elétrica, pavimentação, escola e rede de água – Condições excepcionais de aquisição: prazo de 4 anos para pagamento, sem entrada (JR, 25 janeiro de 1958, Contracapa).

A primeira imagem da fotorreportagem está em formato retangular horizontal, ocupa aproximadamente 1/3 da folha, atraindo um forte impacto visual para quem lê a matéria. Está acompanhada da seguinte legenda: “Êste é o traçado do novo bairro, com as ruas em linha reta, obedecendo aos ditames do moderno urbanismo” (JR, 25 janeiro de 1958, Contracapa). Eis a fotografia:



Fotorreportagem 3: JR, 25 janeiro de 1958, Contracapa. Destaque primeira imagem.

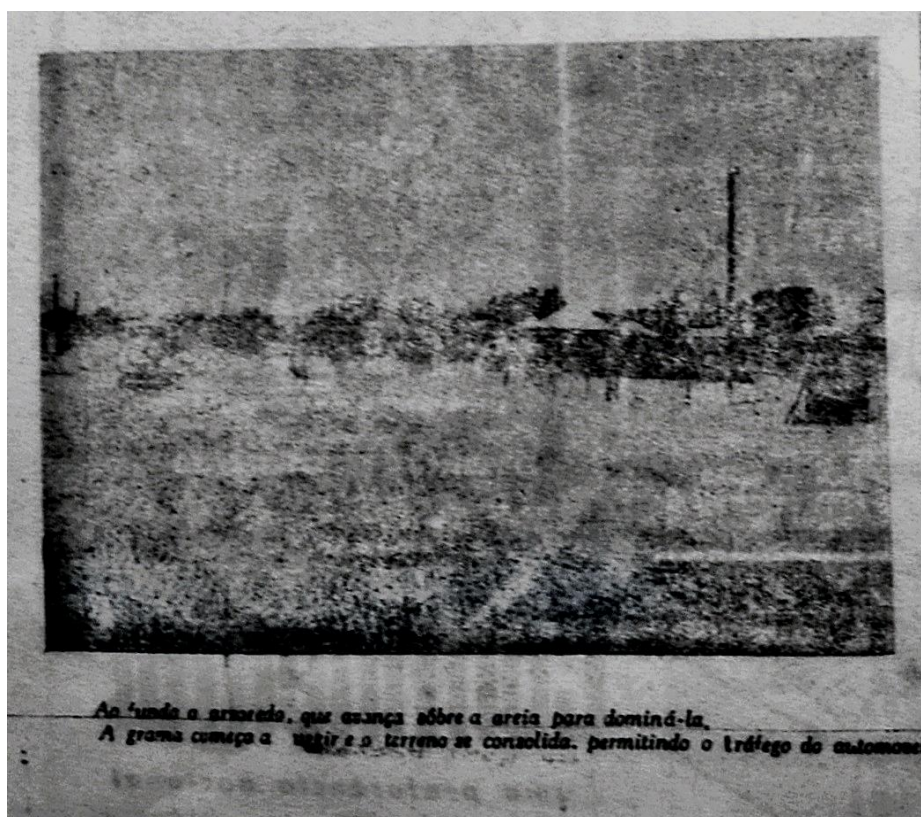
Analisando sob o prisma de expressão, nota-se que todas as escolhas do fotógrafo: ângulo, iluminação e enquadramento são para evidenciar o novo bairro que está surgindo. Observando o desenho do novo bairro, tem-se: geometrização do espaço, linhas retas e lotes iguais, indo nos conformes urbanísticos da década de 1950.

Neste sentido, Hélio Modesto, arquiteto e urbanista da década de 1950, defende que o urbanismo da época “se restringe ao de uma ciência que visa à ordenação volumétrica das edificações e planimétrica das vias de circulação, procurando obter conjuntos arquitetônicos monumentais [...]” (MODESTO 1965). Assim, no caso específico da imagem da fotorreportagem, a legenda já

dita o olhar do espectador: que o novo bairro está de acordo com os ideais modernos urbanísticos.

Na segunda e terceira imagens, apesar da resolução fraca, pode-se notar que apresentam efetivamente as ruas do novo bairro. Apresentam as seguintes legendas, respectivamente: “Ao fundo o arvoredo, que avança sobre a areia para domina-la. A grama começa a urgir e o terreno se consolida, permitindo o tráfego do automóvel” (JR, 25 janeiro de 1958, Contracapa). E “As casas se alinham formando a rua onde antes as dunas ondulavam a brancura da paisagem. Os postes sustentam os cabos por onde a energia elétrica é conduzida às casas do novo bairro” (JR, 25 janeiro de 1958, Contracapa).

Neste momento, é notória uma contradição que será exemplificada nas próximas linhas. Primeiramente, vamos à análise das imagens. Na segunda imagem, no plano de expressão, no primeiro plano, têm-se dunas, e no segundo plano, arvoredo e ausência de casas. O fotografo estava no mesmo plano do objeto fotografado, exibindo, assim, no plano de conteúdo, uma ideia de continuidade do olhar. Como se a câmera e o objeto fotografado fossem um só, o que, de certa forma, tenta passar a ideia que, nessa imagem, não houve intervenção direta do profissional, este apenas fotografou o objeto. Eis a imagem:



Fotorreportagem 3: JR, 25 janeiro de 1958, Contracapa. Destaque segunda imagem.

Na terceira imagem é apresentado, a partir das escolhas técnicas do fotógrafo, em primeiro plano, a ondulação das dunas, e em segundo plano, uma série de casas e alguns postes de luz. A ideia transmitida é de como se o fotógrafo fosse um flâneur³⁸ e estivesse transitando entre o bairro e seu olhar captasse algumas imagens. Talvez, se fosse uma imagem solta, sem o aporte do conjunto da fotorreportagem, poderia se imaginar que a fotografia tivesse feita por um morador ou pessoa que estivesse passeando pelo local. Em um primeiro momento, parece ser uma fotografia sem intencionalidade definida.

³⁸ Charles Baudelaire desenvolveu um significado para flâneur de “uma pessoa que anda pela cidade a fim de experimentá-la.



Fotorreportagem 3: JR, 25 janeiro de 1958, Contracapa. Destaque terceira imagem.

Tais análises são baseadas exclusivamente nas imagens, porém, juntando todo o conjunto documental: imagem e texto é possível de ter outras percepções. A legenda, nesse caso, tem a função de conduzir o olhar do leitor para uma determinada realidade que se deseja mostrar. Porém, um pesquisador atento observa que a segunda e terceira imagens condizem bem ao contrário do que a legenda evidencia.

Essas despontam que o arvoredo está avançando sobre a areia para dominá-la e que as casas alinham-se onde antes as dunas perpetuavam a paisagem. Porém, a imagem mostra o inverso, é possível notar que as dunas estão bem presentes e significativas, o arvoredo ainda é bem razoável e o pouco número de casas ali presentes não significa que a rua esteja pronta e formada.

Assim, é possível compreender que mais do que informar, a matéria objetivava “vender” esse ideal de nação moderna. Eis um fragmento do texto que sustenta tal posição:

Este bairro é um núcleo próspero, que, ligado à zona urbana, veio prolonga-la em poucos meses, aumentando a cidade, fazendo-a estender-se por terrenos ainda dominados pela areia, como aliás, era em épocas passadas, toda a área ocupada pelo Rio Grande de hoje. [...] E, os terrenos se valorizam (JR, 25 janeiro de 1958, Contracapa).

Por conseguinte, na matéria jornalística são evidenciadas sempre as vantagens de comprar lotes do novo bairro, visto que este era ligado à zona urbana, sendo um núcleo próspero. E também, eram ressaltados os prazos para a aquisição do terreno:

Todos sabem que o dinheiro se desvaloriza enquanto os imóveis se valorizam. Um terreno comprado por pequena quantia terá seu valor duplicado. O prazo para pagamento é de 4 anos, sem entrada. Mais de mil lotes foram postos a venda, e já foram vendidos, imediatamente, 60% dos mesmos (JR, 25 de janeiro de 1958, contracapa).

Os terrenos eram postos a venda indiscriminadamente, sem condições de começar a construção das casas, pois, segundo o que consta, com as transformações fabris³⁹ ocorreu uma proliferação de loteamentos de toda ordem. Solismar Martins defende que:

Outro elemento que deve ser considerado é que se a cidade perdia empresas industriais, ao mesmo tempo aumentava exponencialmente o oferecimento do número de lotes urbanos, o que significava a expansão da cidade para áreas mais longínquas sem ocupar totalmente as novas áreas loteadas. Isso significou um grande número de terrenos a venda durante as próximas décadas na cidade do Rio Grande sem haver compradores suficientes para essa oferta (MARTINS, 2013, p. 75).

Martins salienta que ao mesmo tempo em que Rio Grande perdia consideráveis empresas indústrias, outras áreas, distantes do centro urbano, eram ocupadas. Muitas sem infraestrutura adequada e sem compradores suficientes para a demanda de oferta.

³⁹ Transformação da indústria: fechamento de fábricas têxteis e frigoríficos e desenvolvimento da indústria pesqueira.

A proliferação das novas habitações e bairros era desordenada, visto que não existia um plano diretor que auxiliasse no processo de organização cidadina (MARTINS, 2006). A esse respeito Pedroso salienta:

O processo de industrialização e urbanização estabeleceu transformações sociais que impuseram uma grande gama de necessidades, as quais passaram a se impor como problemas a serem resolvidos para o bom desenvolvimento desta sociedade urbano-industrial. A produção de energia, o saneamento, as habitações populares entre outros, eram pontos determinantes para o bom desenvolvimento deste fenômeno urbano (PEDROSO, 2012, p. 29).

Desse modo, a partir do momento em que houve as transformações industriais na segunda metade da década de 1950 e, por conseguinte, as de urbanização, ocorreram transformações sociais que nas décadas anteriores não tinham grande relevância. Situações como: ausência de energia elétrica, falta constante de água, habitações sem condições dignas de moradias, não eram mais aceitas na sociedade brasileira, e a cidade do Rio Grande, refletiu essas questões. Ao menos na teoria, visto que há contradições presentes entre o texto e imagens apresentados da fotorreportagem analisada.

Aborda-se então a quarta fotorreportagem:

RIO GRANDE, 17 DE JUNHO DE 1959

**O BANCO FRANCÊS E
BRASILEIRO S.A.**

CAPITAL: Cr\$ 200.000.000,00

POE AO SEU DISPOR PARA TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS E
DE CAMBIO SUA REDE DE FILIAIS E AGÊNCIAS NO PAÍS,
COM AS VANTAGENS DE UMA

— Experiência Eficiente e Segura —

SÃO PAULO:
Rua XV de Novembro, 280
— Agência Urbana —
Rua Barão de Tibaço, 522
Av. Joo Lito Antônio, 2.890
Av. Lina de Vasconcelos 1.492
Av. Duque de Caxias, 371
Rua Oriente, 253
Rua Castanheira, 632
Rua Cardoso de Almeida, 176
Av. Dr. Vieira de Carvalho, 123
RuaCristó, 115-A
Rua Guarapá, 893
RIO JOSÉ DOS CAMPOS:
Rua XV de Novembro, 77
SANTANA
Av. Rui Barbosa, 2.212
SANTOS
Rua XV de Novembro, 53
SANTO ANDRÉ
Rua Cel. Fernando Prestes, 81
SÃO BERNARDO
Rua Marechal Deodoro, 661
GUARATINGUETÁ
R. Pedro Marcondes, 39
APARECIDA
Rua Monte Carmo, 382
RECIFE:
Rua Imperador Pedro II, 382

RIO DE JANEIRO:
Praça XV de Novembro, 54-A
— Agência Urbana —
Rua do Rosario, 161
Av. N. S. de Copacabana, 1.552-A
Rua México, 31-C
Rua Carolina Meyer, 31-A/B
SELO HORIZONTE:
Rua Carlos, 363
PORTO ALEGRE:
Rua Nogueira Campos, 1245
— Agência Urbana —
Rua Venâncio, Alameda, 1.137
Rua dos Andradas, 1.033
Av. Farrapos, 12
Av. Assis Brasil, 387
PELOTAS:
Rua Andrade Neves, 562
RIO GRANDE:
R. Mal. Floriano, esq. B. Const. 51/63
BELEM:
Rua 23 de Setembro, 5
NITERÓI:
Av. Amador Pessoa

BRASILIA
Correspondente do CREDIT LYONNAIS

1500 agências na França e União França - Agências, Filiais, Bancos Associados,
representantes e correspondentes no mundo inteiro

Contribuição para solucionar o problema da moradia

Moderno conjunto residencial

na Avenida Getúlio Vargas



Estendendo-se ao longo da Getúlio Vargas, em cores claras, que o sol ajuda a resaltar, a fachada do moderno conjunto residencial é uma amostra, ao viajante, do progresso arquitetônico de nossa cidade. As residências, alinhadas na extensão da quadra, têm à frente um pequeno jardim, onde crescem as flores, emplantando um cenário natural e vistoso e avenida de maior movimento, por onde vêm e vão, diariamente, centenas de veículos.

Anjo da avenida Getúlio Vargas, uma das artérias de maior movimento, pela qual se ligam as rodovias com o centro da cidade e o porto de mar, novas e vistosas construções — este, surgindo, oportunamente, oferecendo a impressão agradável de que, paralelamente à modernização de nossa zona urbana, apresentam-se soluções concretas ao problema da moradia.

Um dos conjuntos residenciais de maior importância, agora concluída, é a VILA RUTHIAR, de propriedade do sr. Abel Silveira Mendes, cuja fachada impressiona à primeira vista que é um exemplo de 1a. pelas linhas arrojadas da

tenacidade e dedicação ao trabalho, industrialista de mérito incontestável, cujo estabelecimento se dedica, atualmente, à produção de rodas para automóveis e caminhões de todos os tipos e bitolas.

PARQUE INFANTIL
E pensamento do sr. Abel Silveira Mendes e terá execução logo que estejam concluídas as construções, organizar um parque interno, para uso das crianças moradoras, nas 15 residências da Vila Ruthiar.

Para que as obras do parque sejam atacadas em breve, já se encontram, no local, homens e máquinas, que vêm procedendo à limpeza e nivelamento do terreno, sobre o qual surgirão, também, alguns dos chamados "brinquedos de jardim".

A iniciativa e das mais eloqüentes, mormente se atentarmos para o fato de que, adquiridas como avenida de grande movimento, as casas da Vila Ruthiar, permitindo, aos seus habitantes de pouca idade, dedicar-se aos brinquedos sem necessidade de permanecer na rua, onde os perigos frequentes são fatos de imaginar.

PRAIA
O terreno em que foi construída a Vila Ruthiar tem fundos para o Saco da Mangueira, o que permite a utilização de uma excelente praia balnear.

O sr. Abel Silveira Mendes, atentando para esse aspecto e buscando a sua utilização em benefício dos moradores do seu conjunto residencial está, também, iniciando o preparo do terreno marginal, a fim de que, além de um parque infantil, a Vila Ruthiar ofereça, aos seus moradores, as delícias do banho de mar, em praia exclusiva.

Casa Indiana

de José Martins

Armazém de secos e molhados — Depósito de gêneros coloniais, nacionais e estrangeiros — Preços sem competição — Vendas a varejo.

Av. Presidente Vargas, 786

Fabrica de Mosaicos e Artefatos de Cimento

Guarany

A única, no ramo, que se tornou popular em Rio Grande não só pela durabilidade e perfeição de seus artigos, como também pela grande diferença de seus preços. Produtos que se recomendam pela variedade de suas cores. Ladrilhos — Degraus — Mesas para cozinhas — Soleiras — Copas em família.

24 DE MAIO N. 533

Padaria MODELO

De MARIO VAZ

Rua General Bocalar, esq. Conselheiro Pinto
Lima — FONE 670
Não trabalha à noite — Não entrega à domicilio
~~24-25-26-27-28-29-30-31-32-33-34-35-36-37-38-39-40-41-42-43-44-45-46-47-48-49-50-51-52-53-54-55-56-57-58-59-60-61-62-63-64-65-66-67-68-69-70-71-72-73-74-75-76-77-78-79-80-81-82-83-84-85-86-87-88-89-90-91-92-93-94-95-96-97-98-99-100~~

Casa Hilda

A única especializada
em ótica

ZALONY 71/73

Armazem Bar

Mascarenhas

DE

Aldemar Mascarenhas

Artigos de primeira qualidade — Bebidas — Frios e doces — Cervejas — Cigarros. Preços convidativos

Rua Jockey Club, 314

CELESTINO MOURA

BRASIL

FARMACIA PARANÓ

Fotorreportagem 4: JR, 17 de junho de 1959, p.6.

Intitulada de “Contribuição para solucionar o problema da moradia – Moderno conjunto residencial na Avenida Getúlio Vargas” (JR, 17 de junho de 1959, p. 6), a fotorreportagem é apresentada sob a forma de duas fotografias e um texto acompanhando. Ocupa aproximadamente metade da página 6 do jornal. Destaque a primeira imagem da fotorreportagem:



Fotorreportagem 4: JR, 17 de junho de 1959, p.6. Destaque primeira imagem.

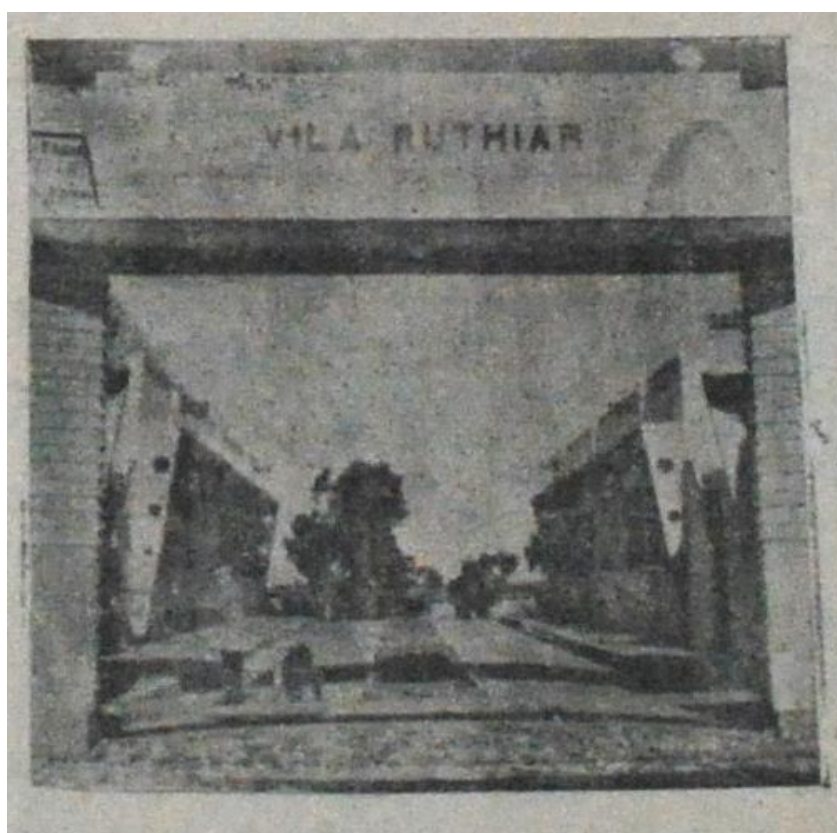
A primeira imagem dessa fotorreportagem sob o prisma formal, isto é, escolhas técnicas, apresenta como primeiro plano a fachada do conjunto residencial. A luminosidade ressalta as linhas e traços do edifício. Perpassa a ideia do moderno: linhas retas, jardim em frente ao conjunto e algumas árvores plantadas. Está acompanhada da seguinte legenda:

Estendendo-se ao longo da Getúlio Vargas, em cores claras, que o sol ajuda a ressaltar, a fachada do moderno conjunto residencial é uma amostra, ao viajante, do progresso arquitetônico de nossa cidade. As residências, alinhadas, na extensão da quadra, tem à frente um pequeno jardim, onde crescerão as flores, emprestando um colorido natural e vistoso a avenida de maior movimento, por onde vêm e vão, diariamente, centenas de veículos (JR, 17 de junho de 1959, p. 6).

Nesse caso, a fotografia detém o poder de chamar a atenção para a notícia, antes mesmo de essa ser lida, visto que, na imagem, estão resumidos os principais elementos que vão servir como propaganda da venda desse conjunto residencial. E a legenda vem a corroborar essa ideia, detalhando o que o olhar do observador não consegue captar, e, além disso, explicitando

que o conjunto residencial é uma amostra e comprovação do progresso arquitetônico da cidade.

Na segunda imagem da reportagem é apresentada a fachada que dá acesso às residências. Como primeiro plano, tem-se um pequeno canteiro, e, nas laterais da fotografia, as residências do conjunto residencial. A escolha do enquadramento da fotografia ocorreu de forma que a imagem conseguisse capturar a arborização presente, a pavimentação e as edificações. Eis a imagem:



Fotorreportagem 4: JR, 17 de junho de 1959, p.6. Destaque segunda imagem.

A imagem, no prisma de conteúdo, confere uma ideia de moderno, visto que alguns dos elementos arquitetônicos modernos estão presentes na nova edificação da cidade. A seguinte legenda está presente:

Ao centro, uma estrada ampla dá acesso às residências situadas no interior do parque. Uma rua interna começa ali, pavimentada, tendo ao centro pequeno canteiro, onde a grama está crescendo viçosa,

para dar um traço sobre o chão cinzento (JR, 17 de junho de 1959, p. 6).

Pode-se afirmar que o Brasil, nas décadas de 1950 e 1960, viu sua arquitetura definir-se em moderno e racional, inspirado nas obras de Le Corbusier, predominando, assim, mudanças na paisagem urbana; evidenciando o concreto armado, vidro, linhas e formas geométricas simples e puras. Processo laureado pela construção de Brasília, graças ao plano piloto de Lúcio Costa e os projetos arquitetônicos de Oscar Niemeyer, constituindo-se, assim, a instauração da arquitetura moderna em um ambiente brasileiro.

Deste modo, a reportagem vai exemplificar que novas construções estão sendo feitas a fim de que, paralelamente a modernização da zona urbana, o problema de escassez de moradia seja resolvido:

Ao longo da avenida Getúlio Vargas, uma das artérias de maior movimento, pela qual se ligam as rodovias com o centro da cidade e o porto do mar, novas e vistosas construções estão surgindo ultimamente, oferecendo a impressão agradável de que, paralelamente à modernização de nossa zona urbana, apresentam-se soluções concretas ao problema da moradia (JR, 17 de junho de 1959, p. 6).

Dado o exposto, nota-se a publicidade dada ao projeto moderno, palavras como “vistosas construções” e “modernização de nossa zona urbana” dão ênfase a esse desejo. A respeito da ligação das rodovias com o centro da cidade, fato sempre marcante nas fotografias do século XX, as pesquisadoras Lima e Carvalho (1997, p.113) ressaltam que “a melhoria na articulação central, seja pelas novas dimensões das vias, seja pela ligação com os bairros, sugere a necessidade de integração urbana”.

Deste modo, ainda que o novo conjunto residencial não seja no centro urbano, é evidenciado que possui ligações e vias rápidas para chegar ao mesmo. Mantendo-se afastado e perto conforme a necessidade e desejo. Nesse momento, talvez o mais próximo do ideal moderno esteja sendo delineado pela narrativa, isto é, que o habitante não precisa residir no centro da cidade, contudo, que seja possível chegar ao mesmo. E que a urbe, como um

todo, tenha ligações entre os diversos bairros e não fique isolada em pequenos agrupamentos.

Na fotorreportagem, também é evidenciado o desejo de recobrir o espaço da cidade, não deixando terrenos vazios e incompletos. Dessa forma, segue-se a análise da reportagem:

O plano de construção da Villa Ruthiar prevê 15 residências, com todas as instalações necessárias, em fino acabamento. No momento, 12 dessas modernas casas, cujas fachadas impressionam à primeira vista, pelas linhas arrojadas da arquitetura em voga, encontram-se totalmente concluídas e, algumas, já em vias de ser ocupadas (JR, 17 de junho de 1959, p. 6).

O texto complementa-se facilmente às imagens apresentadas, ambos ressaltando as linhas modernas das residências. Aliás, a imagem dois fornece a dimensão exata dessa situação: ao observar a imagem, o leitor tem a sensação de estar adentrando em um novo mundo, a própria fachada com colunas geométricas, fornecendo a ideia de pilotis⁴⁰, que é a própria ligação entre o homem e a natureza, isto é, o espaço interno e externo. Reafirmando os ideais modernos perpassados desde o início do século XX, mas com maior aplicabilidade no Brasil pós anos 1950.

Levando-se em considerações esses aspectos, pode-se definir que a cidade dos anos 1950 é uma coleção de fragmentos que fazem justaposição entre si. No caso específico dessa fotorreportagem, é o conjunto de traçados, linhas retas, casas alinhadas, arborização, domínio do homem e a sua ligação perante a natureza, situações em um primeiro momento heterógenas, mas que “se aproximam pela similaridade produzida pela metáfora melhoramentos construindo uma espécie de quebra-cabeça se ajustando à imagem da cidade moderna” (BRESCIANI, 2001, p.352).

Nisso, nota-se que a forma como ocorria o recorte espacial, geométrico e na própria ordenação do texto marcavam novas formas de representar a

⁴⁰ Tecnicamente, pilotis são as colunas ou pilares estruturais que sustentam uma construção, deixando livre o pavimento térreo.

nova visualidade urbana. Indo ao encontro das ideias de Bresciani, Peixoto afirma que:

[...] Em vez da rígida implantação da cidade tradicional, o espaço metropolitano é uma coleção soft de partes justapostas sem ligação entre si. Um campo que pode ser traçado independentemente de toda métrica, de toda grandeza, constituída por intervalos e movimentos, não por marcos fixados no espaço. O território é antes de tudo a distância crítica entre duas situações: relações de força, de atração e repulsão, que se estabelecem entre elas (PEIXOTO, 2012, p.30).

A cidade tradicional, marcada por regularidades, indústrias e casas convivendo no mesmo local transforma-se em uma coleção de partes em um primeiro momento sem ligação entre si. Novos espaços urbanos, as Villas, são criados a fim de garantir que até os menos abastados possam adquirir uma residência própria, em suaves prestações. Novos espaços exclusivos para a indústria são criados. Demarcando uma diferença notável entre as áreas industriais e urbanas.

Apresenta-se, então, a próxima fonte, uma fotografia do estúdio casa Foto Rio Grande, datada de 1960. Consta nos registros da Fototeca Municipal de Rio Grande que a partir de 1950 foi encomendado um conjunto de fotografias urbanas da cidade. Aqui está a imagem:



Fotografia 1: Rua Andradas, 1959. Estúdio Casa Foto Rio Grande. Fonte: Fototeca Municipal de Rio Grande

A foto acima exposta foi realizada na Rua Andradas, importante centro comercial da cidade, mais precisamente, o que seria o próprio calçadão⁴¹. Em primeiro plano, tem-se uma série de “lambretas”⁴², símbolo da juventude moderna da década de 1950. Em segundo plano, observa-se o comércio adjacente em torno. Chama a atenção à arquitetura mal conservada dos prédios expostos. A escolha do enquadramento e luminosidade confere as lambretas um brilho e destaque especial na imagem.

Também é possível observar alguns olhares de pedestres para as lambretas e também certo espanto do menino à direita para o fotógrafo. Além

⁴¹ O calçadão, como hoje é conhecido, sendo uma rua sem tráfego de carros, só foi existir no final da década de 1960.

⁴² A Lambretta foi a primeira fábrica de veículos no Brasil, saindo na frente até mesmo da indústria automobilística. A implantação da fábrica Lambretta do Brasil S.A.- Indústrias Mecânicas, em 1955, como uma licenciada da Inocenti, no bairro da Lapa em São Paulo, coincidiu com a moda mundial da motoneta (em inglês, *scooter*), na década de 50. A produção entre 1958 e 1960, o apogeu da marca, superou a quantidade de 50.000 unidades/ano. (<http://www.lambrettatradicionalbrasil.com.br/historia.htm>)

disso, nota-se uma distinção clara entre a calçada e o leito, e ainda é evidente o acúmulo de sujeira na denominada “valeta” da calçada. Conferindo, assim, um descuido para com essa rua fotografada.

Tais observações são vistas apenas com um primeiro olhar para essa fotografia, pois, no plano de conteúdo, nota-se certa transgressão do fotógrafo com o seu objetivo inicial: obter fotografias da visualidade urbana, sob encomenda da prefeitura. Obviamente, em nenhum registro foi constatado que tais imagens teriam que ser obrigatoriamente do possível desenvolvimento da cidade, porém, é fato que a prefeitura não iria solicitar encomenda de imagens que não mostrassem o belo e o moderno, visto que existia todo um discurso modernizador em voga na cidade no período estudado.

Outro elemento considerado moderno que está presente na fotografia é o alargamento da rua. O jornal *Rio Grande* explicita que, em 28 de março de 1959, foi concluído o processo de alargamento do centro urbano da cidade do Rio Grande, a fim de proporcionar uma melhoria no tráfego intenso que começava a surgir na cidade (JR, 28 de março de 1959, p.6).

Em virtude disso, ressalta-se, na imagem, a ideia do antigo (prédios mal cuidados e pintura descascando) x novo (lambretas, alargamento das ruas, símbolo do moderno). Também se destaca o espanto dos transeuntes com o novo, seja na forma das lambretas ou até o estranhamento para com o fotógrafo presente no cenário que seria de passagem.

Assim, é possível afirmar que o fotógrafo pode ou não interferir naquilo que fotografa. Nesse caso específico, o olhar do profissional acabou modificando todo o entendimento para com a fotografia.

A respeito disso, Charles Monteiro, ao analisar Porto Alegre da década de 1930, ressalta alguns elementos modernos presentes na cidade, que chegariam a Rio Grande após a década de 1950:

[...] fica evidente através dos discursos veiculados pela imprensa escrita que a abertura das novas avenidas e das obras de alargamento, prolongamento e calçamento das antigas ruas, eram um símbolo do projeto de modernização da burguesia e da elite dirigente; uma fantasmagoria da cultura burguesa. Nelas vê-se no plano físico a projeção dos ideais de normatização e controle da sociedade, mais

especificamente das classes populares, e de modernização das formas de sociabilidade pública no espaço urbano (MONTEIRO, 1995, p.109).

Dado o exposto, nota-se, obviamente, que Porto Alegre desde a década de 1930, até antes, já apresentava seu projeto moderno. Em Rio Grande, talvez, esses ideais modernos, visto a imagem apresentada, estavam chegando e com limitações.

A próxima imagem apresentada é aérea, possivelmente realizada em um helicóptero e discorre sobre o Porto Novo e não tem data específica, porém é do final da década de 1950.



Fotografia 2: Imagem aérea Porto Novo, década 1950. Estúdio Casa Foto Rio Grande. Fonte: Fototeca Municipal de Rio Grande

Nessa imagem, em um primeiro plano, estão vários galpões e fábricas, evidenciando, assim, a conjectura industrial do período. As indústrias pesqueiras alojaram-se em torno deste local, porque era mais fácil o escoamento da produção. A cidade, na década de 1950, expandia-se para o oeste, novos loteamentos eram criados para dar conta do crescimento da população urbana, que cresceu em mais de 22.000 habitantes. Em um

segundo plano, estão o mar e alguns terrenos que indicam estarem desabitados.

Ainda no plano de expressão dessa fotografia, primeiramente, nota-se que o fotógrafo está em nível superior ao do objeto fotografado. Possivelmente está em um helicóptero em baixa altitude. É uma fotografia retangular, a fim de contemplar a vasta área portuária. Ainda, a imagem está em preto e branco, e, como primeiro plano, duelam as construções das fábricas/galpões com a Laguna dos Patos, local onde prioritariamente era feito o escoamento da produção.

O plano de conteúdo perpetua várias ideias importantes; primeiro alguns barcos atracados junto ao Porto, talvez o fotógrafo tenha escolhido um determinado dia e horário em que tais embarcações estivessem arremetidas no Porto para assim o observador da fotografia realmente conseguir compreender que o novo Porto era bastante usado para o escoamento da produção.

No lado esquerdo da foto, veem-se várias construções, galpões e fábricas. Nota-se que todas estão alinhadas e obedecem a um padrão desde o telhado a suas fachadas. Ao lado direito, há terrenos vazios, então, novamente as questões da cidade nova e antiga estão disputando espaço nessa fotografia.

Porém, a imagem transmite a impressão de infinito. Ou seja, que o local é possível de expansão, sem limites. Além disso, nessa foto, vê-se um crescimento de outra face da cidade, para além dos limites do centro.

Dessa maneira, pode-se compreender que as escolhas técnicas do fotógrafo acabam por dar diversos sentidos atribuídos a fotografia. Nisso, tem-se a conotação “isto é, a imposição de um segundo sentido à mensagem fotográfica propriamente dita, que elabora-se nos níveis de produção da fotografia [...]: ela é, em suma, uma codificação do análogo fotográfico” (BARTHES, 1984, p. 15-17).

Por conseguinte, o resultado da análise de fotografias e cultura visual, como um todo, é uma narrativa completamente diferente da inicial. Antes só se tinha uma fotografia e/ou texto, agora, tem-se o tempo da própria imagem, o tempo do pesquisador e, por fim, a junção desses tempos, e o resultado final é uma narrativa completamente nova, reunindo três tempos diferentes.

Ao analisar fotografias, não basta olhar para as mesmas, pois as respostas não surgirão. É necessário analisar diversas vezes e sempre “olhar” essa fotografia de acordo com o contexto apresentado.

A análise da imagem dependerá do espectador (pesquisador) e sua vivência e relação com o mundo. Por isso, que a contextualização do espaço temporal da fotografia a ser analisada é fundamental, fornecendo bases e subsídios no momento do exame do retrato. Miriam Moreira Leite, dentro dessa perspectiva, conclui:

Como ao olhar retratos, quem olha está sempre a procura de uma relação entre ela e a imagem, cada uma verá parcelas e níveis diferentes da fotografia. A câmera funciona como uma extensão do olhar. Mas o olhar, que também é seletivo, funciona ao mesmo tempo que os outros sentidos e dentro de um contexto espacial e temporal que enriquece as impressões da imagem mental com inúmeros outros aspectos (MOREIRA LEITE, 1994, p.139).

Dessa forma, os fotógrafos são narradores, fazendo com que seu olhar, representado pela lente fotográfica, seja um “instante” daquela paisagem/objeto. Nessa mesma linha de pensamento, Paulo Knauss (2006, p.113) salienta “[...] que o olhar é múltiplo e que requer conhecer características intrínsecas às imagens, mas também admitir que a visão necessita ser preparada para ver e analisar as imagens.”. Não basta olhar e querer descobrir os diversos significados das imagens, mas sim é indispensável analisar o contexto e o suporte documental, a fim de poder preparar o olhar para avaliar as fotografias.

Por isso tudo, será analisado outro aspecto da representação da modernização em Rio Grande através do jornal *Rio Grande*. Agora, serão apresentadas fontes que tratem do tema “ampliação do saneamento básico riograndino”.

2.3 Ampliação do saneamento básico riograndino na década de 1950

Neste tópico, serão despontadas quatro fotorreportagens que evidenciam a questão saneamento básico, sendo mais específico, a questão de tratamento e limpeza de água, através de construções que proporcionassem tais feitos.

O Censo Demográfico de 1950 aponta que o número de domicílios particulares no Brasil era de pouco mais que 10 milhões e, ao final do século, este número atingiu a cifra de 45 milhões. O início da segunda metade do século XX caracterizou-se pelo declínio das taxas de mortalidade, por redução de doenças infecciosas e parasitárias devido ao surgimento dos antibióticos, e como resultado dos avanços obtidos na área do atendimento à saúde. Outro fator que pode ser considerado é que houve melhorias dos sistemas de saneamento básico, principalmente dos grandes centros urbanos (Censo 2010, p.54).

A industrialização e urbanização maciça que a teoria e as fontes apresentaram para a cidade do Rio Grande na década de 1950 acabaram por ocasionar transformações e necessidades novas. A partir das palavras de Sandra Pesavento é possível pensar as novas necessidades impostas pelo capitalismo industrial:

O processo de industrialização e urbanização estabeleceu transformações sociais que impuseram uma grande gama de necessidades, as quais passaram a se impor como problemas a serem resolvidos para o bom desenvolvimento desta sociedade urbano-industrial. A produção de energia, o saneamento, as habitações populares entre outros, eram pontos determinantes para o bom desenvolvimento deste fenômeno urbano (PESAVENTO, 1992, p. 29).

A reorganização do espaço urbano, com novos bairros, ampliação do Porto Novo, ligação entre os diversos pontos (bairros) da cidade e a melhoria do saneamento básico é fruto do momento em que o Brasil vivia e a cidade do Rio Grande tentava abarcar alguns desses elementos. Entre concordâncias e discordâncias, o jornal *Rio Grande* está despontando e levantando essas

questões. Eis, então, a fotorreportagem datada de 15 de janeiro de 1958 que trata do começo da construção de uma nova hidráulica para a cidade:

RIO GRANDE

ORGO INDEPENDENTE
DIÁRIO DE MAIOR CIRCULAÇÃO E TIRAGEM NO MUNICÍPIO

ANO XLV

DIRETORES
ALBERTO R. VIEIRA
ALBERTO R. VIEIRA
ALBERTO R. VIEIRA

RIO GRANDE, QUARTA-FEIRA, 15 DE JANEIRO DE 1958

GERENTE: ALBERTO R. VIEIRA

N. 36

Exército norte-americano experimentou com êxito o poderoso foguete «Redstone»

Washington, 15 (RG)—Ogênio do exército norte-americano, que deverá constituir uma parte do projeto «Jupiter», poderoso foguete, sobre o qual se pre-

jeta enviar uma pequena esfera, a 28 mil quilômetros por hora, para a órbita em redor da terra.

A experiência do Redstone foi coroada de êxito. O foguete subiu e ganhou velocidade, tendo os seus construtores demonstrado satisfação pelo resultado obtido. Porta-vozes do exército anunciaram que, dentro de um mês, o Jupiter será lançado com o satélite norte-americano.

Crônica de São José do Norte

PALANFRÓRIOS

Os paleios semanais, egocêntricos palanfrório do candidato à presidência do Estado, às próximas eleições, Dr. Leonel de Moura Brizola, são um manancial inesgotável de omensões, de contradições, tudo muito bem medido e calculado!

Questão de peito ou de papo. Impressiona elementos inusitados, como sempre facilmente levados por palavras. Os demais ouvintes, os mais lucidos na falta do que fazer, quando tal acontece, aguilham até onde vai o palanfrório do emérito paleador. A cousa, o palanfrório, já chegou a saturar seus próprios correligionários pelas indigestões que lhes suavam os vomitos de tão óca e frívola oratória.

A egocentría é o assunto obrigatório dos torneios da cratera, a megalomania, o estado patológico desse paleador.

O candidato do PTB sente-se mal pelo desprezo, pelo silêncio com que é tratado, pela Frente Democrática. Esta não lhe dá uma palavra em revide de suas palestras. A Frente Democrática segue os conselhos de Camilo Castelo Branco aos seus desafetos: «Em paz e às moscas».

No desprezo que lhe dá a Frente Democrática, reside a vulnerabilidade do palanfrório do candidato do PTB. Ele grita, ataca, agride, mente com alma e espera pelo eco, de sua palavra, esta não repercute por falta de acústica na opinião dos riograndenses, já saturados de tanta vaidade, de tanta egocentría, ao ponto de lhes causar náuseas ao ouvir às sextas-feiras, quando, por acaso, ha tempo.

A maior dor do senhor Brizola, são as inaugurações de obras de vulto levadas a efeito pelo insigne governador Dr. Lúcio Meneguetti, nos mais variados setores e nos mais remotos rincões do Estado.

O «slogan» «Honestidade e Trabalho» está, pois, consubstanciado na pleiade de empreendimentos e inaugurações levadas a cabo pelo governo da Frente Democrática.

Sem nos embrenharmos a tentar registrar o que tem sido a ação benemérita do governo da Frente Democrática por todo o Estado, o que não nos abanquemos a tal por falta de espaço, basta registrarmos com especial afania que nos últimos vinte anos, «nenhum» governo do Estado fez tanto pelo porto de Rio Grande, como o atual governo da Frente Democrática.

Cousas como essas é que causam os desabaques do candidato do PTB a presidência do Estado, emérito paleador dos últimos tempos.

Só mesmo uma segunda e aplastante derrota eleitoral como a que se aproxima, poderá curá-lo.

Pimenta da Costa

RUA RIACHUELO:

Em retirada os cabos da linha de bondes

Na manhã de hoje começou o trabalho de retirada dos cabos elétricos que davam força aos bondes para trafegarem na rua Riachuelo.

Como se sabe, os bondes elétricos da linha Porto-Macega foram suprimidos e, os trilhos e cabos existentes na rua Riachuelo foram retirados sem finalidade. Em vista disto, o S.R.G.T.C. resolveu retirar o material para utilização em outros locais.

O «cavaleiro» foi retirado para que se arrancassem os trilhos e dormentes, estes já apodrecidos. Ficaram os postes e o equipamento reprovado. Agora, estão tirando os cabos que transmitiam corrente elétrica. Ficaram os postes e o equipamento reprovado. Espera-se que, amanhã ou depois, sejam retirados os postes, ficando, apenas, o equipamento reprovado.

Depois de tudo isto, com os protestos dos que moram ou empregam ali, haverá a aquisição de um terreno para a construção de um depósito de transporte coletivo, pelo mesmo em bondes.

Aguarda-se, portanto, o começo do trabalho de remoção da rua Riachuelo.

Moderna Hidráulica para Rio Grande



A fotografia acima, para guio dos riograndenses, foi tirada em Rio Grande, e apresenta um ângulo feio de Rubens, colhido na Hidráulica Municipal.

Em primeiro plano aparecem os arrojadores, já concluídos e em condições de utilização. Ao fundo, o edifício onde se instala o maquinário de tratamento da água.

O Serviço Riograndense de Água e Esgotos, tendo contratado como Escritório Saturnino Brito, do Rio de Janeiro, a execução de plano elaborado por técnicos de nomeada, estará, brevemente, em condições de fornecer água abundante e limpa à população desta cidade.

A obra que se leva a efeito na hidráulica é monumental. Foi iniciada há alguns anos e está alcançando término da primeira etapa do plano Saturnino Brito. Para a sua realização, o S.R.G.A.E. conta com os recursos naturais e ainda com outros provenientes da reversão de impostos federais e da venda de lotes de terreno em área urbana e suburbana de sua propriedade.

A respeito desta obra importante, destinada a solucionar, definitivamente, um grave problema da nossa cidade, publicaremos, em próxima edição, ampla reportagem.

Presidente da Petrobrás em visita a Rio Grande

Estará nesta cidade, amanhã, o coronel Janary Nunes, Presidente da Petrobrás Brasileira S/A. (Petrobrás) que aqui efetuará visitas à refinaria da Ipiranga S/A, e aos depósitos de petróleo refinado, assim como às instalações do «pier» petrolífero, estas do «porto» da Mangueira.

O coronel Janary Nunes será homenageado pela cidade, amanhã, às 21 horas, com um jantar, no Clube do Comércio.

Guias de Exportação

Impressão esmerada

Papel de 1.ª qualidade

ENTREGA EM 24 HORAS

Tipografia do «RIO GRANDE» — Riachuelo 2152 (equipada com impressora automática)

Posto Continental

ÓLEO AMORTECEDORES «HUDSON»

Gal. Neto

próximo à fábrica Nova

Farmácia de Plantão

Principal

Fotorreportagem 5: JR, 15 janeiro 1958, Capa.

Talvez cause um estranhamento inicial em ver apenas uma imagem nessa fotorreportagem, porém, serão apresentadas outras três matérias que

acabam por complementarem-se e confeccionando uma narrativa visual a respeito da construção da nova hidráulica da cidade.

Intitulada “Moderna Hidráulica para Rio Grande” ocupa aproximadamente $\frac{1}{4}$ da primeira página do jornal. A fotografia é retangular, na vertical, e apresenta, no primeiro plano, os arejadores que, segundo o texto, estão concluídos e em condições de utilização. No segundo plano, estão as estacas do futuro edifício onde se instalará o maquinário de tratamento de água.

A composição da luz ocorre de forma que o edifício sobressaia na imagem. O ângulo escolhido pelo fotógrafo dá ênfase ao edifício já construído, enquanto o que está em construção acha-se praticamente incógnito na fotografia. O plano da imagem é fechado, de modo que o objeto fotografado ocupa quase todo o cenário, sem permitir grandes espaços à sua volta.

O edifício apresenta linhas retas assim como as colunas que sustentam a edificação, e o círculo também está presente no que seria uma espécie de tambores de água. Assim, as figuras privilegiadas da geometrização, que são a linha e o círculo estão presentes nessa imagem. A ênfase e necessidade da harmonia das formas do edifício podem ser representadas como a harmonia social.

No plano de conteúdo, algumas ideias sobressaem-se ao analisar a imagem, como a monumentalidade que o edifício transmite. Imponente e sedutor convida o leitor a contemplar a nova construção da cidade. A verticalização dos prédios, importante elemento dos anos 1950, começa a surgir, e nada mais justo do que ser em um prédio governamental, visto que o habitante da cidade, ao observar a imagem e constatar a altura elevada do prédio, associará esse novo imóvel com o governo municipal. Assim, poderá fazer uma relação entre moderno e o governo, aquilo só poderá existir se esse conceber formas e alternativas para a modernização, promovendo uma possível identificação nacional com a também modernização que ocorria no Brasil.

O texto fornece mais detalhes à fotorreportagem, explicita que “O Serviço Riograndino de Água e Esgotos, tendo contratado como Escritório

Saturnino Britto, do Rio de Janeiro, a execução de plano elaborado por técnicos [...]” (JR, 15 de janeiro de 1958, capa). Continuando o texto, o novo edifício estaria, então, “brevemente, em condições de fornecer água abundante e limpa à população desta cidade” (JR, 15 de janeiro de 1958, capa).

O Saturnino de Britto era um importante engenheiro, quando veio a falecer, seu filho assumiu o escritório, sendo responsável por inúmeros projetos no Brasil, dentre eles estava envolvido na construção de Brasília. O escritório perdurou até 1978 quando Saturnino de Britto Jr. faleceu.

Na década de 1920, realizou diversos trabalhos no sul do Rio Grande do Sul, como Pelotas e Rio Grande. Tendo retornado nessa cidade em 1958 para a execução do plano de saneamento para a cidade (DANTAS, 2003).

Por conseguinte, nota-se que o jornal *Rio Grande* ressaltava que a cidade ansiava e buscava por profissionais qualificados para realizar suas obras de modernização. Importante salientar que uma cidade não é um fenômeno autônomo, mas sim “produto das leis de desenvolvimento de acumulação capitalistas e não pode ser dissociada das tendências e movimentos do capital [...]” (CARLOS, 1988, p.61). Carlos apresenta uma teoria bem realista sobre o significado da cidade, esta não é um fenômeno isolado, mas sim resultado de forças e acumulações capitalistas. E essas, conforme o mercado, avanços técnicos, retrocessos e economia moldam e transformam a cidade.

Neste sentido, Kevin Lynch auxilia na discussão ao afirmar que o cenário urbano só se torna plausível e possível de ser estudado quando se conhece não apenas seus habitantes, mas questões como sensações visuais, formas, cores e sentidos da cidade (LYNCH, 1997, p. 11).

Dessa maneira, Carlos e Lynch auxiliam essa pesquisa, pois se acredita que ao analisar as representações da cidade do Rio Grande nas fontes pesquisadas é necessário estudar e compreender as forças envolvidas, como a manipulação do jornal para com o leitor.

Assim, continuando na reportagem, constata-se uma tentativa de aproximar o leitor da cidade à modernização que se tentava elencar. O jornal qualifica a obra de construção da usina como monumental e que “o S.R.G.A.E.

conta com os recursos naturais e ainda com outros provenientes da reversão de impostos federais e da venda de lotes de terreno em área urbana e suburbana de sua propriedade” (JR, 15 de janeiro de 1958, capa).

Outro fator importante é que a construção da obra conta com recursos federais e da venda de terrenos, fazendo com que tenha uma ligação entre a venda desenfreada de terrenos e lotes com as novas construções governamentais da cidade. Poderia ser considerada uma forma de manipular o leitor, visto que este, ao observar que é necessário que ocorra os novos loteamentos para melhorias nos serviços elementares da cidade, promova e aceite essas novas construções.

Continuando no assunto ampliação do saneamento básico e dentro do mesmo tema da hidráulica, tem-se a reportagem do dia 24 de janeiro de 1958:

Fotorreportagem 6: JR, 24 de janeiro de 1958, capa.

Essa fotorreportagem é constituída de uma folha do jornal e ocupa a capa. Conferindo assim um maior destaque ao assunto abordado. Além do texto, possui duas imagens de tamanho médio.

O título da matéria é “Água tratada e em abundância para abastecer Rio Grande” e em letras menores está escrito “Em desenvolvimento o Plano Saturnino de Brito – Obras monumentais quase concluídas – Loteamento de

terrenos proporciona recursos financeiros para o andamento das obras” (JR, 1958, capa). Destaque à primeira imagem da fotorreportagem:



Fotorreportagem 6: JR, 24 de janeiro de 1958, capa. Destaque primeira imagem.

A primeira foto apresenta, como primeiro plano, parcialmente, uma construção que no futuro será o depósito para o conjunto de filtros e decantadores para auxiliar no tratamento de água. Ao fundo, tem-se uma visão, parcial, dos arredores do local. Nota-se um areal predominante e alguns postes de energia elétrica. Acompanha a seguinte legenda:

A visão é impressionante. Esta construção gigantesca está sendo moldada em cimento, pedra e ferro. Será, brevemente, o conjunto de filtros e decantadores que surgirá ao lado do corredor de manobras, já concluído e que escapou à objetiva (JR, 24 de janeiro de 1958, capa).

Por conseguinte, a legenda dimensiona o olhar do leitor, visto que já indica que a construção é gigantesca, enquanto que, em um primeiro olhar,

veem-se apenas estacas, ainda não é possível ter uma dimensão exata da possível magnitude da obra. O texto da reportagem explicita:

Os nossos leitores, certamente, já observaram que a quantidade de água fornecida às suas residências é maior do que em época anterior. Felizmente, o problema da falta d'água não se fez sentir neste verão. A razão desta melhoria essencial está na cravação de novos poços [...] e, por coletores, [...] bombeiam com a força de poderosos motores para os reservatórios, de onde será bombeado para a cidade e entregue ao consumo (JR, 24 de janeiro de 1958, capa).

Assim, a reportagem indica que os novos planos de tratamento e aumento da distribuição da água estão funcionando, visto que, segundo o jornal, não faltou mais água neste verão. Realizando um paralelo entre a cidade do Rio Grande e a capital de Santa Catarina, Florianópolis, é possível observar, segundo os apontamentos de Lohn, que:

A leitura dos jornais de Florianópolis daquele período indica que a euforia com Brasília — menos a cidade e mais sua representação — espalhou-se pelo país, como referência de uma nova sociedade em construção (LOHN, 2007, p. 298).

Assim, pode-se notar que existia um alvorecer da imprensa a respeito das transformações em curso, como Lohn salientou, a importância era menos na cidade em si e mais na sua representação, o que os novos investimentos e melhorias representavam no imaginário popular.

A respeito da representação, esta “é um preparado mais forte que a verdade. A representação contém a verdade – pense nas afirmações contidas por uma representação histórica -, não está contra, mas além da verdade” (ANKERSMIT, 2012, p.223). Dessa forma, ao analisar os significados nas fontes sob o prisma da representação, tem-se além da verdade; obtém-se a personalidade do período com o qual se lida, por exemplo, através da análise da fotorreportagem acima, pode-se verificar que o período em questão, a segunda metade da década de 1950, é um tempo marcado por afirmativas de que os elementos modernos em Rio Grande estavam presentes, contudo, por vezes, a legenda, fotografia e o texto acabam por contradizer-se.

Continuando a análise, tem-se a segunda fotografia dessa mesma fotorreportagem, em destaque:



Fotorreportagem 6: JR, 24 de janeiro de 1958, capa. Destaque segunda imagem.

Nessa imagem, em primeiro plano há um edifício de linhas modernas, onde serão montados os motores que impulsionarão a água para a cidade. Após, em segundo plano, estão os arejadores, já prontos e em condições de utilização. O ângulo escolhido para essa imagem é a continuação da imagem anterior, como se o fotógrafo tivesse realizado a fotografia e recortado a fim da matéria ficar mais ilustrativa.

O plano da imagem é médio, de forma que o edifício ocupe uma boa parte da imagem, porém, as outras obras e construções em volta também aparecem na fotografia. Assim, tem-se a ideia que não é apenas um edifício de linhas modernas, mas sim um prédio moderno que faz parte de um objetivo maior: perpetuar o desenvolvimento em Rio Grande. Esse poderia ocorrer, seja através da construção de prédios arrojados, de linhas retas, com grandes

janelas de circulação de ar e sol, como, na mesma construção, fornecer água em abundância para a população.

Essas imagens, que ressaltam a arquitetura da cidade, fazem com que a incumbência do fotógrafo seja equivalente ao de outros artistas comerciais: sua missão é a de fazer com que a edificação fotografada fique o mais atraente e encantadora possível, de acordo com as tendências estéticas em voga. Assim, “muitas das fotografias produzidas sob estas circunstâncias são belas imagens, algumas também são inteligentes, mas poucas são verdadeiramente reveladoras” (SZARKOWSKI, 1982, p.13).

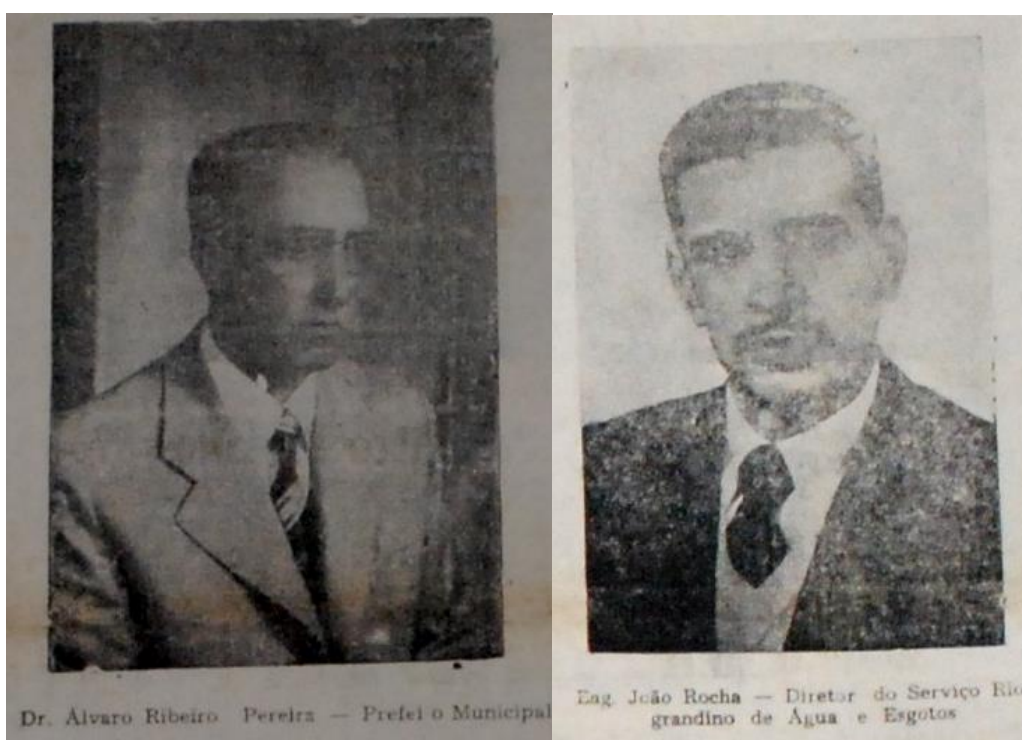
No caso das fotorreportagens, tal questão torna-se mais evidente: a fotografia impacta o leitor em um primeiro momento, e o título da matéria juntamente com as legendas já conduzem o olhar do leitor para a direção que se quer. Ainda, que na década de 1950 as inovações técnicas e estilísticas na imprensa brasileira tenham ocasionado em um jornalismo cada vez menos imparcial e mais subjetivo (VASQUEZ, 2012).

Apresenta-se, então, a próxima fonte analisada. Essa é uma complementação das outras duas fontes anteriores⁴³ e tem o seguinte título “Hidráulica Municipal: obra de mérito que enaltece a administração Álvaro Ribeiro Pereira”. A fotorreportagem ocupa duas folhas do jornal e possui quatro fotografias, além do texto.

⁴³ Fotorreportagens 5 e 6.

Fotorreportagem 7: JR, 7 de novembro de 1959, p. 6.

De início, a reportagem apresenta fotografias do prefeito da cidade, o Dr. Álvaro Ribeiro e o Engenheiro João Rocha, diretor do serviço riograndino de água e esgotos. Ambas as imagens, de pequeno porte, apresentam close fechado. O fotógrafo optou por conferir maior luminosidade aos rostos apresentados. As duas fotografias aferem uma postura séria e introspectiva aos fotografados. Em ambas as fotos, as personalidades demonstram estarem em um momento introspectivo. Abaixo as imagens explicitadas:



Fotorreportagem 7: JR, 7 de novembro de 1959, p. 6. Destaque primeira e segunda imagem.

O primeiro parágrafo esclarece que, no domingo anterior ao da reportagem, foram inauguradas as obras da Hidráulica Municipal, contando com a honrosa presença do vice-presidente da república João Goulart. Além do mais, enaltece o governo do prefeito da cidade explicando que “a obra monumental que se desenvolve nos terrenos arenosos da Hidráulica Municipal, por si só, serve para enaltecer a administração do Prefeito Álvaro Ribeiro Pereira” (JR, 7 de novembro de 1959, p.6).

Neste caso, nota-se todo um trabalho do jornal para enaltecer o prefeito da cidade, visto que a fotografia já confere ao executivo da cidade um ar sério, sombrio e preocupado, e o texto retifica essa questão, valorizando o sr. Álvaro e afirmando que o propósito deste é ver sua cidade natal em fluente ritmo de progresso e afastado de situações calamitosas. Na sequência da narrativa, tem-se, então, a terceira imagem:



Fotorreportagem 7: JR, 7 de novembro de 1959, p. 6. Destaque terceira imagem.

Em um primeiro plano, tem um prédio de porte baixo e em ângulo parcial aparece outra edificação, já mencionada na fotorreportagem anterior⁴⁴. A legenda induz a leitura e possível compreensão do leitor: “o bom gosto presidiu a obra monumental [...] e Rio Grande ganhou um recanto atraente [...] enfeitada por vistosos arbustos” (JR, 7 de novembro de 1959, p.6). Atenta-se para o fato que o monumental é o prédio, e os arbustos são apenas enfeites.

A quarta imagem da fotorreportagem apresenta o vice-presidente do Brasil, João Goulart, cortando a fita de inauguração da nova Hidráulica:

⁴⁴ Fotorreportagem 6.



Fotorreportagem 7: JR, 7 de novembro de 1959, p. 6. Destaque quarta imagem.

A fotografia é um close de Goulart e do prefeito da cidade, e, como segundo plano, apresenta a população que foi participar do ato festivo. Nota-se um desejo de aproximação das pessoas para o vice-prefeito, talvez mais interessados na presença de importante autoridade do que na obra em si. Ou também, pode-se entender que, possivelmente, as pessoas queriam acompanhar de perto como é a nova estação de Tratamento de Água, visto que, no transcorrer das reportagens analisadas⁴⁵, nota-se sempre a exaltação dos prédios e a funcionalidade exemplar para resolver a questão do déficit de água na cidade.

Nesse caso, vê-se que as necessidades urbanas misturam-se ao artístico, fato justificado quando se enaltece a monumentalidade de um edifício antes de explicitar e altear sua função na urbe. Em virtude disso, para Rossi “na natureza dos fatos urbanos há algo que o torna muito semelhante, e não só metaforicamente, à obra de arte” (ROSSI, p. 18, 1995).

⁴⁵ Fotorreportagens 5 e 6.

De acordo com o autor, o caráter artístico dado aos fatos urbanos, comum ao longo do século XX, está ligado a sua qualidade e unicidade. Pode-se compreender que o autor quando escreve fato urbano, está se referindo a uma rua, edifício particular ou um bairro, de tal modo que cada cidade é única e possui suas próprias referências, ainda nas palavras do autor.

Argan, ao debater essas questões, vai mais além e afirma que fatos urbanos são todo e qualquer tipo de arte, não só a rua ou o edifício específico. Nesse sentido, afirma que:

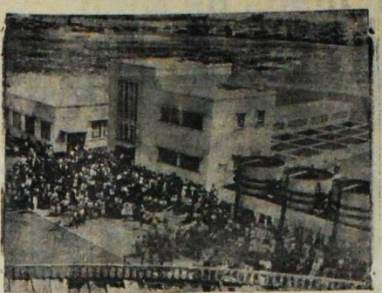
(...) todavia uma cidade não é apenas produto das técnicas de construção. As técnicas da madeira, do metal, da tecelagem, etc. também concorrem para determinar a realidade visível da cidade, ou melhor, para visualizar os diferentes existenciais da cidade (ARGAN, p. 75, 1984).

Portanto, o jornal *Rio Grande* ao enaltecer os materiais empregados para a construção da Hidráulica faz com que diversas realidades da cidade transpareçam. Permitindo ao público, o habitante da urbe, participar do processo de construção das ideias modernas para a cidade. Assim, o cidadão poderá visualizar o processo de modernização da cidade, valorizando-o e sendo ativo, demonstrando uma constante cultura de transformação.

A próxima fotorreportagem é a continuação da fonte anterior, o mesmo assunto, com mais fotos e textos explicativos:

RIO GRANDE, 7 DE NOVEMBRO DE 1959

Página 7



No dia da inauguração, o povo acorreu à Hidráulica Municipal e elevou-se a vista magnífica, obtida do alto do Reservatório Central, na qual são vistos, em conjunto, a linha de recalque, a estação de tratamento, o corredor de manobras, os arejadores, os decantadores e os filtros.

Condição da água

Os lençóis subterrâneos são avolumados por vários fatores, sendo que, entre estes, destaca-se o tremendo a água da chuva, que se infiltra no solo, tanto no próprio local de captação como em zonas mais afastadas.

A água doce que se infiltra no subsolo tende a se deslocar para o litoral, constituindo verdadeiras torrentes subterrâneas, das quais se retira continuamente.

Para o caso local, grandes áreas de captação devem ser reservadas a fim de que seja preservado o manancial e evitadas quaisquer surpresas em casos de prolongada estiagem.

A configuração geográfica de Rio Grande é a de uma península e, até há pouco tempo, cerca da metade de toda a água fornecida à população era captada na sua parte mais estreita, em local que, pela intensa drenagem a que é submetido, apresenta cada vez mais baixo e respectivo nível freático, admitindo-se que se encaminham os lençóis subterrâneos para o esgotamento. Nesse local, a precipitação pluviométrica não chega mais a constituir uma reserva, dada a permanente solicitação.

Mas, este problema se encaminha para a superação, em virtude das medidas providências tomadas, em boa hora, por governos passados, que reservaram áreas extensas, na faixa da península (Carreiros) onde começou a ser procedida a captação, que muito se intensificou na atual gestão do dr. Álvaro Ribeiro Pereira, na qual é diretor do Serviço Riograndino de Água e Esgotos o eng. João Rocha.

Atualmente, é em Carreiros que se efetua mais da metade da captação de água, em Rio Grande. Uma nova adutora foi construída, em ferro, para substituir a antiga, de cimento, feita em caráter provisório, e que se mostrava incapaz de resistir a maior volume como agora se exige. A nova adutora já se encontra montada, numa extensão de mais de cinco quilômetros, podendo ser carregado, através dela, grosso volume d'água, em pressões elevadas.

Ainda em Carreiros, está sendo construído um novo poço de reunião que será o PR4, em futuro próximo. Embora as dificuldades apresentadas pela incidência de chuva no corrente ano, as obras seguem em ritmo animado, devendo ser concluídas ainda no próximo verão.

Para que seja utilizado imediatamente a conclusão das obras, uma linha de alta tensão e o respectivo transformador já se encontram nas imediações do local em que está sendo construído o PR4.

Distribuição

Toda e qualquer rede de distribuição de água ou esgoto de uma cidade é sempre projetada para o atendimento de um determinado número de predios e com uma capacidade de funcionamento eficiente previsto para um certo número de anos, de acordo com o critério econômico adotado oriundo dos recursos disponíveis na época, circunstâncias estas que vêm limitando a previsão, tendo em vista o desenvolvimento demográfico ou industrial o que é variável de uma cidade para outra.

A rede distribuidora de água, para o caso local, já atingiu o limite previsto e, ainda mais, está sendo agravada a sua eficiência com a obstrução continua dos encanamentos por partículas ferruginosas ocasionando um menor rendimento na distribuição e, consequentemente, exigindo cada vez maior pressão deficiente nos condutos. Impõem-se, portanto, modificações no traçado da rede e tratamento da água afim de ser removida a causa da obstrução dos ramais.

A população da nossa cidade cresce; a cidade se estende e o consumo industrial de água aumenta. Medidas de caráter urgente se fazem necessárias, as quais já foram devidamente providenciadas em tempo hábil e estão prontas a concretizarem-se.

A atualização e extensão do sistema de distribuição de água da cidade constitui a terceira etapa do plano já em execução, o qual prevê a construção de novos ramais troncos e três reservatórios dentro da cidade.

Também esta terceira etapa do Plano Saturnino de Brito se encontra em andamento.

Na primeira zona de distribuição, compreendida entre as ruas Cristóvão Colombo e Minas Gerais, intensos trabalhos se desenvolvem, visando a colocação de tubos de ferro, por onde passará a água destinada ao fornecimento das residências, estabelecimentos comerciais e industriais ali situados.

Este novo encanamento partirá diretamente da Hidráulica e se destinará aos bairros existentes além da praça Conselheiro Saraiva. A sua utilização, prevista para breve, deverá aliviar a adutora principal, que chega ao centro da cidade, permitindo que, com a mesma pressão até agora fornecida, chegue a água até a extremidade, atingindo, com facilidade, os reservatórios situados nos edifícios mais altos.

Ainda na etapa do Plano Saturnino de Brito, correspondente à distribuição e que, uma vez executada, dará a solução definitiva ao problema da água em Rio Grande, deverão ser construídos reservatórios em vários pontos da cidade, ressaltando os da praça Tamandaré e da praça da Bandeira. Tais reservatórios deverão ser subterrâneos, em nada inflando na estética dos logradouros citados.

PARQUE


Concluídas as obras de construção da unidade de recalque, da estação de tratamento, arejadores e decantadores da Hidráulica Municipal, diglhos e direção do Serviço Riograndino de Água e Esgotos de dar um toque final ao novo aspecto que ganhou o terreno arenoso, onde as dunas, há alguns anos ondulavam a alvura da paisagem.

Preparado o terreno, foram traçados os canchais e, sobre eles, plantada a gramínea, que logo se estenderá, como um tapete verde, dando o aspecto de um jardim, para emoldurar os edifícios de linhas modernas, obra de mérito realizada em sintonia pela administração Alvaro Ribeiro Novos arbustos, alguns Pereira, credora da gratidão das espécies raras em nosso meio, foram trazidas para ser dispostas em logradouros.


Melhor do que as palavras, falam as fotografias que ilustram, e, sobre eles, plantada a gramínea, que logo se estenderá, como um tapete verde, dando o aspecto de um jardim, para emoldurar os edifícios de linhas modernas, obra de mérito realizada em sintonia pela administração Alvaro Ribeiro Novos arbustos, alguns Pereira, credora da gratidão das espécies raras em nosso meio, foram trazidas para ser dispostas em logradouros.

OBRA DE MÉRITO

Melhor do que as palavras, falam as fotografias que ilustram, e, sobre eles, plantada a gramínea, que logo se estenderá, como um tapete verde, dando o aspecto de um jardim, para emoldurar os edifícios de linhas modernas, obra de mérito realizada em sintonia pela administração Alvaro Ribeiro Novos arbustos, alguns Pereira, credora da gratidão das espécies raras em nosso meio, foram trazidas para ser dispostas em logradouros.



A moderna aparelhagem que mostra a fotografia foi instalada na Hidráulica Municipal e se destina a impulsionar o líquido tratado ao reservatório central, de onde se guta para distribuição à cidade.



Uma força elétrica potente, que caminha pelo rio de volta à Hidráulica, para ser utilizada nos modernos aparelhos de tratamento da água, também a pavimentação asfáltica veio dar novo aspecto à zona progressista de Rio Grande, onde os bairros se unem a subúrbios, numa excelente demonstração do novo desenvolvimento.

Por essa taxa a folia e a vida das avenidas Rheinantz e Presidente Vargas podem os veículos trafegar livremente, em direção à Hidráulica, erguida em meio a um parque.

Fotorreportagem 8: JR, 7 de novembro de 1959, p. 7.

Os fatos envolvendo a inauguração da Hidráulica continuam sendo mostrados no jornal *Rio Grande*. Assim, na página sete do dia 7 de novembro de 1959, tem-se quatro imagens e um texto dando continuidade à página anterior do jornal, já analisada.

Por conta da má conservação e o próprio tempo do jornal, as fotos não estão com uma qualidade excelente, contudo, crê-se que é possível visualizá-

las. A primeira imagem de formato médio foi feita sob o plano aberto, onde a câmera está distante do objeto fotografado. Eis a imagem:



Fotorreportagem 8: JR, 7 de novembro de 1959, p. 7. Destaque primeira imagem.

Nessa imagem, o fotógrafo está em um plano superior à imagem. O contraste da luz ocorre de forma que os prédios retratados na imagem sobressaem-se, devido à luz solar captada.

A posição espacial dos objetos na fotografia é bastante representativa: a posição do povo é importante, visto que está na frente do prédio a ser inaugurado, esperando o momento de entrar no recinto e poder verificar com os próprios olhos as obras de modernização que o jornal salientava há vários anos.

Ana Maria Mauad (2000, p.393), estudando fotografia e cidades, percebe que “por meio do ato fotográfico, o fotógrafo inscrevia a paisagem e seus habitantes na imagem [...] a imagem da cidade e de seus habitantes integrava o estoque de bens colocados à disposição para consumo e intercâmbio simbólico”.

Logo, percebe-se uma aproximação dos escritos de Mauad com os fatos narrados visualmente no jornal. Pode-se compreender que estando os habitantes inseridos e em grande número na fotografia, que, estando cientes ou não, participavam da “venda” da imagem moderna de Rio Grande para o restante do Brasil. Estando a população curiosa e ávida para conferir as obras, confere a importância da construção, significando muito mais do que uma hidráulica para a cidade, mas sim conotando que a população apoia e está ciente dos avanços modernos que ocorrem na cidade, visto que a ampla oferta de água é um elemento modernizador.

A narrativa textual da reportagem exemplifica como irá ocorrer, a partir do momento da inauguração da nova usina, o tratamento da água. E a imagem 2, segundo a legenda, é “o corredor de manobras da Estação de tratamento de água da Hidráulica Municipal, cujas condições absolutamente higiênicas encantam o visitante” (JR, 7 novembro, 1959, p.7). Dada a imagem:



Fotorreportagem 8: JR, 7 de novembro de 1959, p. 7. Destaque segunda imagem.

Nesse momento, na imagem apresentada, é aferido maior importância ao texto do que a imagem em si, visto que através da imagem não tem como verificar as condições do denominado corredor de manobras e tampouco suas condições higiênicas, então, o texto possui o papel de exemplificar tais fatos e reassegurar que além da ampla oferta de água, o novo local oferecerá o líquido em condições ideais para consumo, uma vez que o maquinário, que o ajuda a “produzir”, está aseado.

Dado o exposto, entende-se que não basta o jornal informar ou noticiar os fatos, é necessário conectar o leitor com o fato narrado. E indo além, unir o consumidor do jornal, o próprio habitante da urbe, com os acontecimentos e os ideais modernos perpassados pela cidade. A respeito do imaginário social presente nas fontes, Baczko defende que:

[...] todas as cidades são, entre outras coisas, uma projecção dos imaginários sociais no espaço. A sua organização espacial atribui um lugar privilegiado ao poder, explorando a carga simbólica das formas (o centro opõe-se à periferia, o — acima opõe-se ao — abaixo, etc.). A arquitectura traduz eficazmente, na sua linguagem própria, o prestígio que rodeia um poder, utilizando para isso a escala monumental, os materiais —nobresll, etc (BACZKO, 1985, p. 313).

Tendo em vista os aspectos observados por Baczko, o imaginário social e o que se deseja representar como o ideal moderno, no caso deste trabalho, somente torna-se inteligível através da produção de discursos, como no caso das fotorreportagens, sendo que essas, de alguma forma, têm que ser absorvidos pelos leitores do periódico. Então, utilizando como referência a ocorrência da própria população indo conferir as obras, ou, a ida do vice-presidente da república no ato da inauguração, tais situações conferem credibilidade e aceitação das obras por seus habitantes. A terceira foto dessa página do jornal sinaliza ser uma aparelhagem utilizada para o tratamento da água. A legenda fornece mais detalhes:

A moderna aparelhagem que mostra a fotografia foi instalada na Hidráulica Municipal e se destina a impulsionar o líquido tratado ao reservatório central, de onde seguirá para distribuição à cidade (JR, 7 novembro, 1959, p.7).

Dessa maneira, a legenda auxilia na compreensão e representação da imagem, porque, analisando objetivamente a mesma, não tem como ter conhecimento do que se trata a aparelhagem fotografada, assim como não é possível saber que a mesma é uma “moderna aparelhagem”. De tal modo que a legenda direciona o olhar do leitor do jornal e o mesmo, salvo se tiver conhecimentos de engenharia, possivelmente concordará com o discurso que o jornal emprega.

A quarta imagem junto com a legenda representa todo o ideal moderno que o jornal tentou passar no decorrer dessa fotorreportagem analisada. Conforme a fotografia:



Fotorreportagem 8: JR, 7 de novembro de 1959, p. 7. Destaque quarta imagem.

A imagem, de tamanho médio, com forte iluminação, apresenta no primeiro plano uma espécie de estrada ou rua. À esquerda, algumas casas, e no segundo plano, mais casas e arborização. A legenda indica que:

Uma faixa asfáltica substitui o caminho empoeirado da velha Hidráulica [...] edifícios modernos surgiram sobre o terreno [...] aparelhagem de tratamento da água, também a pavimentação asfáltica veio dar novo aspecto à era progressista de Rio Grande, onde os bairros se unem aos subúrbios, numa excelente demonstração do novo progresso (JR, 7 de novembro 1959, p.7).

Conforme explicitado, a “velha” hidráulica foi substituída por novos edifícios e equipamentos modernos. Na verdade, apenas existia o terreno da companhia de água e esgotos, e no seu lugar, foi construída a Usina. Além disso, foi realizado um trabalho de pavimentação asfáltica nas ruas intermediárias que são caminho para chegar-se a Hidráulica. Assim, auxiliou na imagem da cidade progressista e moderna, onde todos os caminhos conduzem ao progresso e à modernização.

Ao final da reportagem, o jornal convida o leitor a visitar a Hidráulica Municipal, “para que vejam de perto a obra de mérito realizada em silêncio pela administração Álvaro Ribeiro Pereira, credora da gratidão dos riograndinos” (JR, 7 de novembro 1959, p.7). Para o jornal, as obras foram realizadas em silêncio, contudo, nesta análise, já foram constadas três notícias, com grande importância, em relação à obra. Indo além, o jornal não fornece, em um primeiro momento, margens para que o leitor duvide da competência do prefeito de Rio Grande, e que todos os cidadãos são gratos aos seus feitos.

Observa-se, então, que as imagens e o texto seguem uma sequência narrativa, desde a página 6 do jornal, onde estão as fotografias dos grandes responsáveis, segundo o jornal, da instalação da nova usina de água até a imagem do complexo, com todos os seus prédios, chegando à figura de João Goulart, representando o governo federal no desenvolvimento da feitoria. Partindo para a imagem de a população indo conferir e prestigiar o evento, após, imagens dos maquinários do local, sempre exaltando a higienização e a moderna aparelhagem, e, por fim, uma fotografia dos arredores da Usina, uma forma da população compreender que mais do que ampla oferta de água, as novas instalações estão proporcionando melhorias na cidade, como um todo.

Nesse capítulo dois, foram abordadas as obras de infraestrutura da cidade, isto é, as realizações que têm como objetivo o desenvolvimento e a

modernização da cidade. A divisão do capítulo ocorreu para facilitar o desenvolvimento da narrativa. Assim, foram abordadas as questões relativas aos novos bairros e modernização das ruas da cidade, como também a ampliação do saneamento básico riograndino.

Diante disso, o próximo capítulo complementar a análise das formas e como chegaram à cidade as questões modernizadoras. Será dada ênfase aos novos prédios, praças e também aos problemas relatados pelo jornal. Assim, será possível obter um panorama mais detalhado das representações que o jornal explicita a respeito do progresso da cidade.

3 Obras de embelezamento: enfim... a modernização chega á cidade?

Você não tira uma foto, você cria uma foto

Ansel Adams

O escritor e o fotógrafo utilizam as mesmas ferramentas, mas enquanto um descreve uma imagem com mil palavras o outro descreve mil palavras com uma imagem.

Jefferson Luiz Maleski

Neste capítulo será dada ênfase as obras de embelezamento, principalmente as intervenções nos prédios – reformas ou construção de novas edificações, e modificações na estrutura urbana das ruas. O jornal *Rio Grande* e as fotografias do estúdio Casa Foto Rio Grande explicitaram seja através do texto ou análise das imagens apresentadas, elementos da modernização presentes nas categorias analisadas.

Porém, em algumas fontes, nota-se contradição entre os elementos novos/modernizadores e elementos antigos, considerados não modernos. Assim, tem-se em uma mesma fotografia, por exemplo, a nova e a antiga urbe, ambos disputando e ocupando espaços na cidade.

Além disso, o trabalho seria incompleto se não fossem abordados os problemas da cidade explicitados no jornal *Rio Grande*. Situações como alagamento de ruas, abandono de prédios e do canaleta serão analisados.

3.1 Novos prédios, belas ruas: a presença do traçado moderno.

No capítulo anterior, foram expostas e analisadas as fotorreportagens e fotografias relativas ao assunto “obras de infraestrutura”, de modo que questões como a criação de novos bairros foram evidenciadas. Além disso, em um conjunto de quatro fotorreportagens, foi possível discutir as questões da modernização enraizadas com a solução e melhoria das demandas do saneamento básico. O jornal expressava que para ocorrer a modernização o governo acreditava que situações como a ausência de água teriam que ser resolvidas. Para isso, foi construída uma nova usina hidráulica para a cidade. E junto a essa, segundo a fonte trabalhada, ocorreram uma série de melhorias para o seu entorno e para a cidade em geral, sempre focada na questão estética.

A partir do exposto, então, para dar prosseguimento a análise das fontes estabelecidas, nesse subtítulo serão apresentadas três fotorreportagens e duas fotografias, para analisar e debater as questões relativas aos novos bairros e nova configuração das ruas, dentro da perspectiva moderna.

O princípio de práticas inovadoras, lançado pelo governo de JK, desde a construção de Brasília, a execução de novas rodovias, impulso nas questões industriais e aumento exponencialmente da população urbana, acabou por imprimir na paisagem urbana elementos relacionados com os novos tempos.

Ao menos é o que a bibliografia explicita a respeito disso para o Brasil. Apresenta-se, então, a primeira fonte deste capítulo, que irá auxiliar no desenvolvimento da questão: se e como essa modernização, que supostamente ocorria no Brasil, chegou à cidade do Rio Grande.

[illegible]

Fotorreportagem 9: JR, 18 de abril de 1959, capa.

A reportagem ocupa aproximadamente uma página do jornal, contém texto e uma imagem quadrada de tamanho médio. Possui o seguinte título: “Equipe do Instituto Tecnológico efetua sondagens no terreno em que se erguerá o Edifício-Galeria São Pedro” (JR, 18 abril, 1959, capa).

Como primeiro plano, a imagem apresenta alguns homens, possivelmente a equipe do Instituto Tecnológico, assim como escadas e o material necessário à sondagem do terreno. Ao que aparenta, eles não estão posando para a câmera, e sim conversando e analisando a situação do solo.

No segundo plano, alguns muros e outras casas adjacentes ao que será o futuro edifício.

No plano de conteúdo, algumas ideias são pertinentes à imagem em questão. Só o fato de haver uma fotografia do futuro local que a prefeitura promete ser o novo edifício-galeria já é um fator comprobatório, sob o ponto de vista do leitor, que o governo está de fato interessado a levar a proposta à diante.

Nesse caso, a distância entre o desejo do moderno e o tempo que se leva para acontecer é diminuída pela presença da imagem e da reportagem como um todo, visto que tal fotorreportagem vem a público, primeiramente, propagandear o novo empreendimento na cidade, e, depois, a publicação da matéria relativa à nova construção acaba por permitir que o público acompanhe e sinta-se integrante do projeto moderno que o jornal demonstra estar ingressando na cidade. A seguinte legenda acompanha a imagem:

Um dos nossos diretores, especialmente convidado, presenciou na tarde de ontem, o início das sondagens no terreno em que se erguerá o monumental Edifício Galeria São Pedro. Na oportunidade, o repórter fotográfico Wilmar Barros obteve este flagrante, em que são vistos, também, observando os trabalhos, os diretores executivos do Condomínio Cidade do Rio Grande, srs. José Ferreira dos Santos e dr. Mário Schroeder Rodrigues (JR, 18 abril, 1959, capa).

A legenda, nessa matéria, está fazendo um pequeno resumo da reportagem. Primeiramente, explica a fotografia e dispensa, para aqueles que não o desejam, de ler toda a fotorreportagem. Nesse caso, a fotografia exhibe toda a capacidade de transmitir as informações, servindo como intermediador entre o fato acontecido, narrado e entendido pelo leitor. Continuando na análise da reportagem, tem-se um fragmento da matéria:

O Condomínio Cidade do Rio Grande, cumprindo uma das etapas mais importante para a realização de seu objetivo de erguer em nosso centro urbano, um monumental Edifício Galeria, contratou os serviços do Instituto Tecnológico do Rio Grande do Sul, filiado à Escola de Engenharia, para efetuar as sondagens do terreno, a fim de servir base à perfeita elaboração dos cálculos referentes ao alicerce (JR, 18 abril, 1959, capa).

Por conseguinte, o texto elucida que o Condomínio Cidade do Rio Grande, responsável por erguer no centro urbano um monumental edifício, já contratou os serviços de engenheiros para começar os primeiros passos para a construção da edificação. Nota-se que a designação dada ao edifício é que o mesmo será “monumental”. Neste sentido, dando prosseguimento a matéria, tem-se:

Técnicos e operários especializados, na tarde de ontem, iniciaram os trabalhos, utilizando os mais modernos instrumentos, com os quais perfuraram o solo, em profundidade superior a doze metros, retirando amostras para futuro exame em laboratório [...] (JR, 18 abril, 1959, capa).

Nessa descrição, é salientado que os trabalhos de perfuração e análise do solo já começaram, a fim de investigar se as condições do local são propícias para a construção do já denominado “monumental edifício”. Além desse termo, têm-se os “mais modernos instrumentos”, ao afirmar que estão perfurando o solo a fim de retirar amostras do local. Tais afirmações de cunho superlativo servem para afirmar ao leitor do jornal que tudo de mais moderno será empregado no edifício, que este irá acompanhar o ideal moderno que estava perpassando no Brasil.

O autor Ankersmit (2012, p.81) salienta que “[...] Mas um texto histórico dando-nos descrições corretas do passado não é suficiente: o texto deve também nos dar a “personalidade” do período (ou um aspecto dela) com o qual lidamos”.

Na citação acima, Ankersmit está explicitando uma questão bem pertinente a esse trabalho. A ênfase nas palavras “moderno” e “monumento” auxilia na compreensão da personalidade do período na cidade do Rio Grande. Dessa forma, entende-se que a urbanização brasileira era voltada para as questões modernas, sejam essas na forma inovadora de uma edificação, altura de um prédio ou construção de uma nova usina para a cidade. Seguindo com o texto da reportagem, o jornal afirma:

Ao que podemos informar-nos, não tardará a surgir a estrutura do moderno edifício, elevando-se entre os demais prédios da zona

central de Rio Grande e transformando-lhe o aspecto arquitetônico que receberá um notável impulso, em verdadeira ascensão rumo à paisagem urbana ideal a uma cidade que se enfileira entre as mais importantes do Brasil (JR, 18 abril, 1959, capa).

Pode-se notar que o jornal está agindo como um duplo agente: ao mesmo tempo em que é um veículo noticiador dos fatos, papel esperado da imprensa, também está deixando subtendido que é adepto das ideias modernas que o governo municipal está tentando implementar, como no caso dessa fotorreportagem, a construção de um novo edifício para a cidade, nos moldes modernos urbanistas.

Dessa maneira, pode-se entender que o jornal e os meios de comunicação em geral conectam o leitor com a realidade, porém condicionada pelo interlocutor, no caso, o jornal *Rio Grande*:

Nas sociedades pós-modernas, os indivíduos não entram em contato com a realidade através de sua práxis, mas pela informação veiculada pelos meios de comunicação de massa ou armazenada nos bancos de dados. A informação seria o elemento que mediatiza os processos de apreensão da realidade e as próprias relações sociais (MARTELETO, 1987, p.177).

Como Marteleto afirmou, uma característica das sociedades pós-modernas é que o olhar do indivíduo é influenciado por uma série de fatores, que através da imprensa, por exemplo, vão determinar e direcionar as representações que os habitantes terão perante as cidades.

Dessa forma, aprofundando a análise da fotorreportagem, ressaltam-se, nessa capa do jornal, duas matérias aparentemente desconectadas com a reportagem analisada. A primeira intitulada “O São Gonçalo cresceu assustadoramente – isolando Rio Grande” (JR, 18 abril, 1959, capa), descreveu que o rio subiu rápido, transbordando água sobre as margens, ocasionando grandes perdas para Rio Grande. Ainda, salienta que muitas áreas rurais foram atingidas e, por fim, afirma que as ligações⁴⁶ entre Rio

⁴⁶ A ponte que permitia o tráfego de veículos (carros, caminhões, etc) entre Rio Grande e Pelotas, denominada Alberto Pasqualini, na BR 392, foi inaugurada em julho de 1963.

Grande e Pelotas foram cortadas, visto que o funcionamento das barcas era impossível.

A segunda reportagem intitulada “Pelotas continua suportando os efeitos da enchente” (JR, 18 abril, 1959, capa) afirma que, com a intensa chuva que ocorreu, as águas dos arroios Pelotas, Pepino e Santa Bárbara, que circundam a cidade, alagaram casas e ruas, porém, agora os níveis dos arroios já baixaram e os moradores poderiam voltar para suas casas.

A conexão que se pode fazer com as três principais matérias dessa capa, que são a respeito da construção do Edifício Galeria São Pedro, o isolamento de Rio Grande devido ao aumento dos níveis do São Gonçalo e os efeitos das fortes chuvas em Pelotas, é que a primeira matéria recebeu maior destaque, inclusive com imagens. A segunda matéria, apesar do enunciado em letra de forma e tamanho grande, acaba por ceder espaço para a matéria do edifício. E o assunto que retrata os efeitos das fortes chuvas em Pelotas ganha um pequeno espaço, sem ênfase ou destaque. Isso pode ser porque, para o jornal, era mais importante e até mesmo vendável o fato de haver a construção de um prédio moderno e bonito na cidade.

Continuando nas obras de embelezamento, apresenta-se a próxima fonte, que é uma fotorreportagem que dará continuidade ao já assunto tratado: a construção do Edifício-Galeria São Pedro.

A matéria de 27 de junho de 1959 dará prosseguimento ao assunto “construção do edifício e galeria São Pedro”. Ocupa aproximadamente uma página e está na contracapa do jornal.

A imagem é em tamanho grande e trata do projeto da nova edificação. Observa-se, então, uma evolução no projeto, pois em abril de 1959 o jornal ainda não relatava nenhuma informação do projeto, apenas a visita dos engenheiros responsáveis pela averiguação do terreno e se era possível à

construção do edifício no lugar pré-determinado. Ainda que seja um modelo, a imagem é importante para entender os objetos e ideias que permeavam o novo edifício e galeria São Pedro.

Então, como primeiro plano, tem-se a projeção do edifício: imponente, vários andares, há a presença dos pilotis, janelas amplas e em fita, e o que aparenta ser um terraço no último andar do prédio, oportunizando, assim, uma nova utilização para a cobertura do prédio. Como segundo plano, têm-se as casas laterais e a arborização em frente ao prédio.

Analisando a imagem, algumas ideias a respeito do plano de conteúdo podem ser consideradas, tais como a grandiosidade do edifício em contraste com as casas laterais. Decorrendo assim o conceito de imponente do novo prédio em contraste com as casas antigas. A altura imponente do prédio coincide com as novas questões urbanísticas: prédios altos e a verticalização da cidade.

Além disso, é notória a presença da arborização, preconizando a ideia do homem dominante perante a natureza. A partir da década de 1950 tem-se a ideia que a natureza pode ser farta, porém, nunca maior que as construções feitas pelo homem. Dando prosseguindo a análise, a seguinte legenda acompanha a imagem elencada:

Antevisão – o projeto do Edifício e Galeria São Pedro permite antever-se o novo aspecto que a imponente construção dará as ruas principais da cidade. No clichê, uma perspectiva do edifício, aparecendo, em destaque, a fachada da rua Marechal Floriano, em toda a suntuosidade da arquitetura de linhas modernas, com predominância de cristais (JR, 27 de junho de 1959).

A legenda indica um caminho de leitura e percepção da fotografia para o leitor, fornecendo, assim, indícios de que o edifício representado na imagem fornecerá possivelmente um novo viés para a urbe: substituindo os prédios antigos, de pouca estatura para um novo edifício: de linhas modernas, predominância de cristais (pastilhas) e toda a suntuosidade proporcionada pela sua altura. A respeito das intervenções, que acabam por modificar a malha urbana como um todo, Peixoto salienta:

As intervenções tendem, portanto, a não ser locais, mas a abranger áreas mais amplas, a partir dos territórios configurados pelos sistemas de transporte e comunicações e pelas grandes operações urbanas. [...] Uma cartografia que opere por adição, tornando cada vez mais densa e saturada a adição. Evidenciando zonas de ação e intervalos de articulação: uma urbanização tensionada e complexa (PEIXOTO, 2012, p.31).

Por conseguinte, a reconfiguração da cidade do Rio Grande não poderia ser uma simples reforma, teria que ser uma cidade voltada para o futuro, capaz de transmitir e exibir para seus habitantes, e até mesmo para o país, a modernização almejada.⁴⁷ Importante salientar que, em 1959, ano da presente reportagem, Brasília encontrava-se próxima da sua inauguração⁴⁸, consequentemente, “Brasília será, no momento de sua inauguração, a prova material para o imaginário popular da vitória da modernização contra o atraso [...]” (LOUZADA, 2003).

Dessa maneira, as ideias perpassadas pela construção de Brasília já estavam presentes no Brasil, visto que JK em seus discursos sempre apresentava o andamento das obras da nova capital federal e, como tinha a necessidade de pleitear novos investimentos e liberação de verbas, era de extrema importância ratificar os objetivos do desenvolvimento brasileiro entrelaçados à construção da nova capital (BOJUNGA, 2001).

Por conseguinte, a reportagem explana que “os resultados da sondagem do terreno, fornecidos pelos técnicos do Instituto Tecnológico de Porto Alegre, são ótimos, animando os empreendedores da grande iniciativa cidadina” (JR, 27 de junho de 1959).

Nota-se, então, que como se pode esperar, a iniciativa da construção do novo edifício não era única e exclusivamente da prefeitura, havia investidores interessados no negócio. Ainda no texto: “muitas são as manifestações de apoio recebidas ultimamente, e já ultrapassam nosso município, pois importante firma de Pelotas, confiante no empreendimento, vem empregar capitais em cotas de participação” (JR, 27 de junho de 1959).

⁴⁷ JR, 30 de junho de 1959. Matéria sem imagens, mas que explicitava a respeito da construção do Edifício Galeria São Pedro.

⁴⁸ Brasília foi inaugurada em 21 de abril de 1960.

Observa-se que, pela primeira vez, as fontes dessa dissertação expõem que não é somente a prefeitura que realizava os investimentos na urbe riograndina, mas sim que havia investidores, e no caso do edifício São Pedro, de outras cidades, como Pelotas. O jornal explicitava que o Edifício será de cunho comercial, onde amplas salas servirão como escritórios ou consultórios médicos, abrangendo ainda mais o significado do edifício para a cidade, visto que muito mais que moradias, o governo e a iniciativa privada estavam interessados no desenvolvimento econômico que seria alavancado com os novos consultórios e escritórios.

No mesmo dia dessa reportagem, tem-se, agora na contracapa, outra matéria, intitulada “Ampla e luxuosa a sede da Associação Atlética Banco do Brasil” (JR, 27 de junho de 1959, contracapa).



Fotorreportagem 11: JR, 27 de junho de 1959, capa.

A matéria ocupa metade da página e, posteriormente, segue na página 11. A imagem quadrada de tamanho grande ocupa a maior parte da capa. O plano da fotografia é aberto, a câmera, nesse caso, está distante do objeto fotografado.

No primeiro plano dessa imagem, tem-se parcialmente uma casa e a arborização. No segundo plano, tem-se a continuidade da edificação. O fotógrafo parece estar em posição inferior, possivelmente curvado, em relação a casa fotografada.

No plano de conteúdo, a fotografia do jornal ressalta a imponência da casa fotografada, possivelmente um palacete, com boas condições de conservação e, além disso, é retratada a arborização presente, sendo essa bem cuidada e em torno de um chafariz, indicando a ideia que a edificação pertence a alguma família abastada. A legenda fornece indicações do que a fotografia quer mostrar:

Numa bela fotografia de Gerson, detalhe do palacete Poock, adquirida pela Associação Atlética Banco do Brasil para servir como sede social, ampla e luxuosa, a melhor sem dúvida, de quantas existem em Rio Grande (JR, 27 de junho de 1959, capa).

O palacete Poock, cujo dono era o sr. Gustavo Poock⁴⁹, dono das indústrias de charuto com o mesmo nome, foi adquirido pela Associação Atlética Banco do Brasil, a fim de servir como a nova sede social. O jornal enfatiza que o novo espaço será “amplo, luxuoso e o melhor da cidade, de acordo com os ideais modernos” (JR, 27 de junho de 1959, capa), sempre demonstrando a necessidade de realçar que o novo prédio, ou a reforma do antigo, estará dentro “dos ideais modernos que alcançam o Brasil”. E ainda, “que para a Associação se mudar para o antigo palacete Poock, haverá uma ampla reforma e atualização do prédio” (JR, 27 de junho de 1959, capa). Neste sentido, Berman enfatiza que:

Ser moderno é encontrar-se num ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, auto-transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos e tudo o que somos (BERMAN, 2007, p.15).

O que a fotorreportagem em questão demonstra é que para ocorrer a modernização referente ao “novo”, no caso a Associação Atlética Banco do Brasil, é necessária a transformação da edificação, de certa forma, o antigo prédio está defasado, e a reforma permitirá a atualização do mesmo.

⁴⁹ Esta fábrica de charutos havaneses e nacionais foi fundada em 1891, na cidade de Rio Grande, pelo sr. Gustavo Poock, ao qual exclusivamente pertenceu durante longo tempo.

Ainda, o jornal salienta que a reforma propiciará a modernização do prédio, porém, ao analisar a fotografia, não se notam avarias na arquitetura e fachada do edifício, surge, então, o indício de que a “atualização” seria para a casa situar-se nos novos padrões estéticos modernos que estão sendo implantados na cidade.

Essa reforma pode ser equiparada com a “reconstrução da sociedade”, em voga em alguns países da Europa e nos Estados Unidos desde os anos 1920. Chegou ao Brasil por volta de 1950, e as pesquisadoras Cecília Ribeiro e Virgínia Pontual apontam que tinha pretensão de que:

[...] a arquitetura e a organização urbana deixaria de ser o reflexo da sociedade para se tornarem instrumentos de sua reconstrução, o que remetia às estruturas da sociedade e aos comportamentos humanos, principalmente aqueles voltados para o âmbito da vida cotidiana (RIBEIRO; PONTUAL, 2009).

Dessa forma, o comportamento humano e a estrutura da sociedade como um todo eram levados em consideração nas reformas urbanas. No caso da reforma do antigo casarão Pock para um prédio moderno, levou-se em consideração os novos anseios da população, que como o jornal salientou “a população riograndina deseja e anseia pela reforma no casarão Pock, a fim de terem uma nova Associação Atlética, onde poderão usufruir de todo o novo espaço” (JR, 27 de junho de 1959, capa).

Na construção dos condomínios fechados em Brasília, havia espaços destinados aos clubes; que a classe média poderia frequentar e esses espaços serviriam como espaços de política e segregação social. Em Rio Grande, a situação era um pouco diferente: a construção dos novos bairros era exclusivamente para moradias e separada da construção/reformas dos clubes e associação atlética.

Além disso, provavelmente só os sócios e acompanhantes tinham a autorização de frequentar a associação atlética, contudo, o jornal salienta que a população em geral deseja a reforma do casarão. Possivelmente tal artifício tenha sido usado mais na tentativa de convencimento da população que a reforma era necessária, ocasionando, assim, apoio dos riograndinos.

A transformação do casarão Pock – de um palacete para uma associação atlética - remete às questões discutidas por Marshall Berman a respeito das transformações da sociedade moderna. Assim exemplifica o autor:

Tudo o que é sólido” – das roupas sobre nossos corpos aos teares e fábricas que as tecem, aos homens e mulheres que operam as máquinas, às casas e aos bairros onde vivem os trabalhadores, às firmas e corporações que os exploram – tudo isso é feito para ser desfeito amanhã, despedaçado ou esfarrapado, pulverizado ou dissolvido, a fim de que possa ser reciclado ou substituído na semana seguinte e todo o processo possa seguir adiante, sempre adiante, talvez para sempre, sob formas cada vez mais lucrativas (BERMAN, 2007, p.96).

Equiparando as considerações de Berman com a situação descrita da fotorreportagem, nota-se que o projeto moderno para Rio Grande tem também, como objetivos ou consequências, dependendo da circunstância envolvida, a “necessidade” da substituição e reciclagem, isto é, o que até então era um palacete, pertencente a uma família abastada, iria tornar-se, após uma reforma e atualização do prédio, em uma associação atlética Banco do Brasil.

A fim de compreender melhor as questões das obras de embelezamento será analisada uma fotografia do estúdio Casa Foto Rio Grande que apresenta algumas singularidades:



Fotografia 3: Praça Xavier Ferreira. Estúdio Casa Foto Rio Grande, 1958.

Essa imagem foi extraída dos arquivos do estúdio Casa Foto Rio Grande. Consta nos arquivos que a fotografia é de 1958 e da Praça Xavier Ferreira. Também está anexado às informações que a praça e as ruas em seu entorno, na área central, sofreram reformas e modificações. Não estão evidenciadas quais reformas, porém a fotografia indica algumas questões a serem consideradas.

Importante reprisar que o estúdio fora contratado pela prefeitura a fim de fotografar e registrar a cidade, como um todo. Obviamente, a escolha dos lugares a serem fotografados foi do órgão, contudo, o enquadramento, luminosidade e planos é escolha do profissional.

Primeiramente, a análise dos elementos formais indica que a imagem possui tamanho médio, preta e branca e a luz da rua está sendo usada de forma que sobressaia a praça e alguns prédios em torno da mesma. O fotógrafo está em um plano superior ao objeto fotografado e a imagem foi capturada em plano aberto.

Em primeiro plano, evidenciam-se alguns prédios de estatura baixa à mediana, má conservação dos mesmos e também a imagem apresenta um pequeno perfil da praça. Ao segundo plano, está a cidade de uma forma geral.

Quanto ao conteúdo subtendido nessa imagem, pode-se observar má conservação dos prédios, praça bem cuidada e razoavelmente arborizada. Existe um terreno vazio e a praça está de acordo com os conceitos modernos em voga: em forma de esplanada, bem cuidada, árvores na quantidade adequada e iluminada.

Outro elemento a ser observado: a rua ao lado da praça é mais larga do que a sua continuidade, assim conforme está indicada nas informações da imagem, a rua sofreu reformas por volta de 1958. Um dos elementos notórios do moderno nos anos 1950 é o alargamento das ruas, principalmente para dar espaço para os novos carros – mais velozes – que estavam surgindo. E, também, nota-se, na fotografia, a presença de asfaltamento, outro elemento moderno e inovador.

Bittencourt, ao analisar a espacialidade de Rio Grande, conclui que, a partir de 1950, “as ruas centrais deixam de ser um espaço onde outrora se forjava uma cultura popular para serem vistas como espaços de circulação remetidos às esferas de consumo e do trabalho” (BITTENCOURT, 2007 p 81-82).

Dessa maneira, era necessário haver as reformas, como ampliação das ruas e até a iluminação, visto que devido ao desenvolvimento industrial, o horário do trabalho expandia-se, e era necessária a luz artificial para os trabalhadores circularem pelas vias urbanas. Além disso, com o possível desenvolvimento da cidade, oriundo da industrialização, amplia-se o poder de consumo; novos carros e cada vez mais velozes, circulam pela urbe, e as ruas precisam estar adequadas para esse novo patamar.

A respeito da leitura espacial da cidade moderna, Berman (2007) defende que, dentro do mundo moderno e modernizador, é necessária a existência de contextos sociais, ambientes e espaços públicos destinados aos homens do mundo moderno, onde possam encontrar-se e reafirmar seu papel nesses novos ideais. As ruas, assim, seriam uma possibilidade de leitura a

despertar esperanças, onde seria possível encontrar significados, liberdade e beleza.

Por conseguinte, os novos elementos da Praça Xavier Ferreira contrastam: o prédio antigo, deteriorado versus a nova praça; a rua antiga, estreita em contraste com a nova alameda, ampla, larga, permitindo o tráfego de veículos, outro indício do moderno dos anos 1950. Dessa maneira, o imaginário de quem vivencia as reformas de embelezamento das ruas é “ressignificado” a todo o instante, seja através das imagens produzidas ou pela própria experiência. Aprofundando o assunto, Lucrécia Ferrara salienta:

Assim, o imaginário sobre uma cidade não a reproduz, mas, estimulado pelos seus fragmentos/índices, produz discursos que com ela interagem. Uma espécie de diálogo insólito porque, no primeiro momento, o usuário é emissor e receptor ao mesmo tempo e, apenas com o registro da memória, esses discursos se transformam em arquétipos culturais. Assim sendo, o imaginário dialoga, em última instância, com a história urbana (FERRARA, 2000).

Nesse caso, Lucrécia afirma que o imaginário por si só não reproduz os sentidos e vivências de uma cidade, porém, estimulado, por exemplo, por imagens, o imaginário adquire vida e ganha status de memória, dialogando, assim como no caso da imagem apresentada, com a história urbana, visto que, com o registro visual das reformas urbanas em curso, a memória e a experiência seria passada e repassada pelos habitantes além dos limites fronteiriços da cidade.

Apresenta-se a última fonte desse subtítulo. Uma fotografia do estúdio retratando o momento de entrega do mercado público, visto que este desde 1950 encontrava-se em processo de reforma, porém, entre 1956 a 1959 houve aplicação de capital federal nas obras, ocasionando, assim, a reinauguração do espaço em março de 1959 (JR, 20 março 1959).



Fotografia 4: Mercado Público Municipal de Rio Grande, 1959, Estúdio Casa Foto Rio Grande.

A fotografia é colorida, de tamanho grande, e apresenta, como primeiro plano, um grupo de pessoas do sexo masculino aparentemente olhando/escolhendo flores. Ao fundo, a doca do mercado, que funcionava a banca do peixe, onde eram comercializados esses produtos. A imagem, conforme explicitado, retrata o dia da inauguração do mercado e só apresenta pessoas do sexo masculino. Isso se deve, possivelmente, porque as mulheres até deviam frequentar o local, mas em dias de compras, e não no dia da inauguração, visto que essa remete a questões do poder público e comércio, situações predominantes da esfera masculina.

As flores apresentadas na imagem adquirem a conotação de renovação e beleza do espaço. E nota-se que as pessoas fotografadas estão elegantes e bem vestidas, dando atribuição formal para o evento. Nesse caso, a imagem fornece uma representação visual do evento: inauguração importante e possivelmente marcando novos ideais modernos para a cidade, fato

comprovado pelas flores e grupo de pessoas prestigiando o evento. A respeito da representação, Ankermith salienta:

A representação contém a verdade, mas também pode fazer algo com ela. [...] a representação pode brindar-nos com uma perspectiva sobre o mundo convidando-nos a certo tipo de ação. A representação é o 'elo perdido' entre o que é e o que deveria ser, leva-nos à criatividade e ao uso retórico da linguagem, nos quais a linguagem pode comover-nos e ser uma fonte de alegria ou tristeza (ANKERMITH, 2012, p. 223).

A representação contém a verdade, porém não é somente a verdade. Assim, essa fotografia fornece informações e pistas para questionamentos e análises. Pelas flores, vestuário e grupo de pessoas pode-se compreender a importância do evento retratado. Nesse sentido, Baczko explana que:

Exercer um poder simbólico não consiste meramente em acrescentar o ilusório a uma potencia "real", mas sim em duplicar e reforçar a dominação efetiva pela apropriação dos símbolos e garantir a obediência pela conjugação das relações de sentido e poderio (BACZKO, 1985, p. 298 – 299).

Dessa maneira, Ankermith e Baczko ainda que sejam de gerações diferentes, complementam-se. O primeiro elucida que a representação pode fornecer ou auxiliar com uma perspectiva sobre o fato narrado, o segundo, explana que não basta acrescentar o imaginário a um objeto real, mas tem que se levarem em conta os símbolos. E indo além, se o desejo for, como no caso da fotografia explicitada, narrar um determinado fato para a população, e que o mesmo não seja distorcido o representado de maneira diferente do desejado, é necessário obediência, e essa só ocorrerá, se todos os símbolos (flores, vestuário) estiverem bem representados e estabelecidos.

Nesse tópico, 3.1, foram vistas e analisadas as obras de embelezamento referentes aos novos prédios e belas ruas, como o traçado moderno, seja na forma explícita nos prédios e ruas, ou singular, por meio de símbolos.

Porém, até mesmo as ausências e os problemas ressaltados nas fontes são importante para o desenrolar da análise. Diante disso, o desenvolvimento

do próximo tópico será a respeito dos problemas decorrentes da cidade que, de alguma forma, estejam ligados com o processo de modernização.

3.2 Modernização e Problemas: controvérsias do crescimento urbano

Como constatado até o momento, Rio Grande foi palco de inúmeras intervenções estéticas e/ou de infraestrutura no recorte temporal dessa pesquisa (1956-1961). As fontes estudadas ajudam a compreender e problematizar aquela realidade.

Contudo, existiam problemas, e o jornal, apesar de muitas vezes parecer ter uma posição bem favorável aos governos⁵⁰, tratou de noticiar esses *déficits* urbanos. Não se pode esquecer que o Brasil vivia um momento de euforia, evidenciado pelas propostas modernas de JK e principalmente pela construção de Brasília, fato que perdurou todo seu mandato, com inauguração somente em 1960, quase no fim do governo de JK. Então, houve quase cinco anos para que as cidades brasileiras fossem contagiadas pelas ideias e propostas modernas desenvolvidas em torno da criação de Brasília.

Dessa maneira, será apresentado o outro lado dessa questão: os problemas urbanísticos de Rio Grande, como resultado da ausência ou do mau planejamento do processo de modernização. Tem-se então, fotorreportagem datada de 20 de março de 1957:

⁵⁰ Municipal e federal, que são os mais explícitos no jornal.

[illegible]

Fotorreportagem 12: JR, 20 de março de 1957, capa.

A reportagem intitulada “Necessita reforma o edifício da Alfândega” ocupa toda a capa do jornal *Rio Grande* e possui três imagens. A primeira imagem, na verdade, é uma fotografia de anos atrás, como consta na legenda: “Alguma coisa mudou, na feição urbana da zona central do Rio Grande. O edifício da Alfândega, entretanto continua dominando a vista parcial, hoje como há anos passados [...]” (JR, 20 de março de 1957, capa). Dessa maneira, o

leitor fica sabendo que a fotografia apresentada não é atual, sem especificar o período exato. Conforme consta na imagem:



Fotorreportagem 12: JR, 20 de março de 1957, capa. Destaque primeira imagem.

Nessa fotoreportagem, a legenda indica informações precisas e necessárias que o leitor necessita saber para acompanhar o desenvolvimento da reportagem. Então, essa primeira imagem apresenta como primeiro plano e vista parcial o edifício da Alfândega, e, no segundo plano, a área urbana da cidade do Rio Grande. O fotógrafo estava em um plano superior ao objeto fotografado, e entende-se, que o objetivo era colher uma parte da prédio alfândega em contraste com a cidade, perpassando a ideia que a alfandega faz parte da urbe riograndina,. Além disso, a sua imponência perante os outros prédios fotografados é evidente, fornecendo a ideia de grandiosidade à representação da alfândega dentro do contexto urbano riograndino. O texto da matéria afirma que:

Rio Grande berço de uma das unidades mais progressivas da Federação, raramente consegue, sem esforço titânico, sem luta árdua que se dilata por anos a fio, aquilo que lhe é devido a sua posição geográfica e pela sua condição de único porto marítimo do Estado, pela importância de seu comércio e de sua indústria ou, ao menos, como núcleo populacional que se coloca, afóra a Capital, num honroso segundo pôsto, entre quasi uma centena de outras sedes municipais do Rio Grande do Sul (JR, 20 de março de 1957, capa).

O texto confere a Rio Grande um status de grandeza, devido a sua importância portuária, comercial, industrial, e até mesmo, devido a sua

densidade populacional. Devido a isso, o jornal afirma que a população exige a reforma da Alfândega, alegando que, somente reformado, o edifício honrará o seu lugar na paisagem urbana.

Continuando nas críticas, o jornal enfatiza que o edifício está abandonado, e os governos municipais e federais não estão auxiliando com os recursos necessários. Ainda afirma que foi sugerido por parte do governo federal, a demolição do edifício, visto que sua estrutura era aquém das necessidades da alfândega.

Assim, é evidente a importância do edifício dentro da estética da cidade, visto que o jornal afirma que a população não aceita a modificação da edificação, e anseia pela reforma e plena utilização do espaço, visto que “os riograndinos se identificam com tamanha grandiosidade e beleza do edifício da Alfândega” (JR, 20 de março de 1957, capa).

Dessa maneira, entende-se que o jornal escolheu utilizar uma fotografia antiga, e não atual, de 1957, para evidenciar os problemas do prédio da alfândega, devido ao fato que uma fotografia corroborando do estado atual do prédio, que, segundo o JR, era lamentável, o leitor até se compadecerá, porém, nada mais efetivo do que uma imagem “antiga”, onde “os tempos eram outros, e o edifício da alfândega era valorizado devido a sua importância para a cidade” (JR, 20 de março de 1957, capa). A respeito dos sentidos que as imagens provocam, Knauss (KNAUSS, 1985, p.93) salienta que: “Além de discursivas, as imagens possuem outras dimensões, estéticas, políticas e emotivas, que se definem em rede, pela posição relacional do produtor e da obra em determinado contexto cultural”.

Nessa conjuntura apresentada, a imagem sozinha talvez não propiciasse análises profundas, porém, dialogando a imagem com o texto da reportagem será corroborada a denúncia que o jornal está fazendo em relação ao edifício. O jornal utiliza de questões emotivas para fazer as acusações, principalmente voltadas ao governo federal, visto que foi ideia desse, demolir o prédio para construir outro, mais adequado para a sua função.

A segunda e terceira imagens explicitam o porquê que o prédio da alfândega perdeu parte de sua finalidade. A segunda fotografia apresenta uma série de prédios, que constituem a alfândega. Eis a imagem:



Fotorreportagem 12: JR, 20 de março de 1957, capa. Destaque segunda imagem.

A imagem apresenta como legenda:

No início da construção do Pôrto Velho, o cais, que antes ficava onde hoje termina a calçada da frente sul, na rua Riachuelo, avançou sobre o canal, proporcionando a abertura de uma larga avenida e dando lugar às instalações portuárias (JR, 20 de março de 1957, capa).

A legenda indica que a fotografia apresentada é do início da construção do Porto Velho, porém, há informações desconstruídas, visto que o antigo Porto foi inaugurado em 1872, e o advento da fotografia foi por volta de 1826, e no Brasil por volta de 1840. Devido as técnicas fotográficas disponíveis da época, uma fotografia panorâmica e com a qualidade, que essa possui, seria difícil.

Esse possível erro pode ser creditado a erro na própria legenda mesmo, ou foi intencional, visto que se tem o costume que “quanto mais antigo

determinado objeto for, mais valorizado é”. E o que a reportagem está indicando é que devido a sua importância histórica e ao próprio tempo de existência o edifício da alfândega deveria ser valorizado.

A terceira imagem da fotorreportagem apresenta como primeiro plano o mar, e no segundo, armazéns, conforme consta abaixo:



Fotorreportagem 12: JR, 20 de março de 1957, capa. Destaque terceira imagem.

Neste sentido, a legenda indica que “Finalmente, surgiram os armazéns, o Pôrto Velho apresentou-se em condições de abrigar a pequena navegação e as grandes dependências da Alfândega ficaram abandonadas” (JR, 20 de março de 1957, capa).

O jornal, então, indica que devido ao desenvolvimento portuário, o edifício da alfândega está necessitando de reparos, visto que a sucessão dos fatos: desenvolvimento portuário capaz de abrigar a pequena navegação, a existência de armazéns no Porto e o fato do alargamento da avenida, propiciando um melhor desenvolvimento das atividades portuárias, resultou em desuso de determinadas partes da alfândega que antes cumpriam o papel dos armazéns.

Pode-se compreender que, nesse caso, a modernização e o desenvolvimento de determinados setores da cidade, como a atividade portuária, resultou em um desequilíbrio em outros, como a ausência ou diminuição de uso de determinadas edificações da cidade, como o caso da alfândega. Ainda neste sentido, o jornal apresenta outra reportagem que demonstra a incoerência entre o desejo pelo moderno e as necessidades da população riograndina. A próxima reportagem data de 18 de julho de 1959.



Fotorreportagem 13: JR, 18 de julho de 1959, Capa.

Optou-se por não inserir a folha toda, visto que, na parte inferior do jornal, constava apenas uma propaganda que no momento não é importante para a análise desse trabalho.

A fonte em questão ocupa meia página e está alocada na capa do jornal *Rio Grande*. A matéria é constituída de duas imagens e mais texto. E possui o seguinte título: “A Prefeitura desconhece problemas de vasta zona da cidade” (JR, 18 de julho de 1959, capa). A primeira imagem, no primeiro plano, exhibe uma carroça com alguns ocupantes e, em seu entorno, o que deveria ser um

calçamento, está cheio de água, chegando a unir o meio fio com o meio da rua. No segundo plano, é evidente a presença de casas, todas alagadas.

A segunda imagem evidencia, no primeiro plano, um homem na bicicleta cercado pela água. No plano de fundo, além de mais água, nota-se a presença de casas e carros andando e um estacionado, ambos também com a presença de água (submersos). As duas imagens completam-se, tanto que foi adicionada apenas uma legenda para ambas as fotografias. Devido a isso, serão analisadas em conjunto.

As fotografias, no plano de conteúdo, indicam um desejo do jornal de chocar o leitor, visto que esse ao olhar essas imagens já se assusta e entende que a cidade está alagada ou alagou no dia anterior. A legenda explicita melhor ao comunicar que essas imagens tratam-se de uma rua específica: “Os clichês acima dispensam comentários. Fixam aspectos da Cel. Sampaio nos dias de chuva” (JR, 18 de julho de 1959, Capa). Tais palavras indicam que essas fotografias de alagamento da rua são comuns em dias de chuva.

Ainda analisando as imagens, a situação indica que tal rua está em estado de abandono, visto que o logradouro tornou-se um só, sem distinção nem lugar para pedestres e carros. Nota-se um contraste: há presença de postes de luz, indicando que, ao menos na teoria, a cidade dispõe de iluminação pública, porém, o problema de alagamento das ruas também está presente. Novamente, uma fonte indica a presença, no mesmo espaço, do antigo (alagamentos) x novo (iluminação das ruas). Talvez isso indique que a prefeitura prefira investir em obras que serão mais reconhecidas, como prédios e usinas, do que tentar amenizar o problema das chuvas, visto que quem sofre mais com esses problemas, ao menos na teoria, é uma parcela inferior à contemplada com as obras urbanísticas.

O jornal também menciona que “o presidente JK poderia intervir diretamente nos problemas riograndinos, devido à importância da cidade nas questões industriais e portuárias” (JR, 18 de julho de 1959, capa). Pode-se considerar que os problemas das cidades, como “desajustamento entre crescimento urbano e previsão dos serviços de utilidade pública” (MODESTO,

1965), são decorrentes de uma possível falta de planejamento entre o desejo e a necessidade da busca pelo moderno.

Ainda, o texto da matéria explicita que “Nossa reportagem, ontem pela manhã, teve oportunidade de transitar por alguma das ruas mais sacrificadas deste Rio Grande sacrificado” (JR, 18 de julho de 1959, capa).

É evidente que a matéria é de cunho denunciativo, além do próprio apontamento relativo ao alagamento, tem-se um subterfúgio de expor que a cidade do Rio Grande está passando por momentos difíceis e de sacrifício. A reportagem também explicita que há várias ruas alagadas, e isso se deve principalmente pela falta de manutenção nos canos responsáveis pelo escoamento da água da chuva.

Continuando na reportagem, ao afirmar que os carros transitando pelas ruas alagadas formam uma espécie de lama e pioram a situação das ruas, também é explicitado que “só mesmo vendo é que se pode aquilatar os prejuízos que ocasionam nesse trecho a existência daquela enorme poça d’água, decorrência do desleixo em que vive a nossa cidade” (JR, 18 de julho de 1959, Capa).

Nota-se uma contradição no significado que a imagem expressa e o texto verbal do jornal. A primeira, conforme explicitado, indica um grande alagamento na rua. O texto verbal indica que foi, apenas, uma enorme poça. Isso se deve possivelmente ao ângulo em que a imagem foi obtida, favorecendo assim tais ideias de haver ocorrido alagamento na cidade. E isso pode ter ocorrido propositalmente, a fim de impactar o leitor em um primeiro momento, convidando-o a ler por completo a reportagem.

Assim, pode-se compreender que o fotógrafo forja a imagem no sentido que a fotografia é uma construção que depende dos interesses envolvidos e das condições e desejos que envolvem o profissional. Neste sentido, Pareyson afirma que:

Colocada sobre o signo da arte, a pessoa se torna verdade, e iniciativa de arte, assume inteiramente uma direção artística, traz, de per si, uma vocação formal, torna-se uma carga de energia formante. No exercício de tal atividade, desaparece inteiramente nesta,

tornando-se seu ato, ou melhor, seu gesto: a pessoa toda torna-se gesto do fazer, modo de formar, estilo. (PAREYSON, 2005, p.107).

O autor auxilia no entendimento de quem é o fotógrafo por trás da câmera. Não a pessoa ou nome, mas sim, de uma forma geral, qual o papel e a influência do profissional na construção da imagem. Pareyson afirma que o artista, no caso, o fotógrafo, desaparece ou dilui-se na imagem. Isto se comprova na medida em que os gostos, preferências, escolhas e necessidades do profissional estão imbricados na imagem, a ponto de não saber até onde vai à realidade/ficção. Por isso que é necessário problematizar o olhar do obtentor das imagens, através do contraste das análises das fontes com bibliografias do tema.

Pode-se compreender que a imagem fotográfica é uma representação resultante do processo de criação e construção do fotógrafo, de sua manipulação e interferências ao nível da expressão. O documento fotográfico, entretanto, não pode ser dissociado do processo de construção da representação, pois a imagem fotográfica, como produto final, é o resultado do processo de criação do fotógrafo. A imagem fotográfica é registro, testemunho, mas é também criação – ao analisar as fontes fotográficas tem-se que levar em conta o binômio “registro/criação” ou “testemunho/criação” (KOSSOY, 1999).

O jornal utiliza do problema citado na reportagem para evidenciar outras dificuldades que Rio Grande passava. Cita então que “[...] na confluência com a Gal. Vitorino se encontra enorme barreiro, que vai de muro a muro, pois não existe calçada. O capim tomou conta dessa via pública” (JR, 18 de julho de 1959, Capa).

Desse modo, o jornal aproveita-se do momento referido na matéria, e evidencia que outras questões estão sendo deixadas de lado na cidade: como ruas sem calçada e o capim, que não é aparado. E termina a reportagem perguntando “onde andam os administradores da cidade, que a deixam ficar desse jeito, entregue a própria sorte” (JR, 18 de julho de 1959, Capa).

É evidente um discurso denunciativo quanto aos órgãos públicos, nesse caso específico, direcionado para a prefeitura de Rio Grande. A próxima fonte

alargará suas críticas para o governo federal. A reportagem data do dia 18 de abril de 1956.

RIO GRANDE

ANO X I RIO GRANDE, QUARTA-FEIRA, 18 DE ABRIL DE 1956 N. 114

Um problema em pauta : Urgentes melhorias para as Vilas dos Cedros e Santa Tereza



A objetivo de Rubens Collier e o projeto do Instituto de Habitação e Urbanização da Prefeitura Municipal de Rio Grande, visando a melhoria das Vilas dos Cedros e Santa Tereza, localizadas à beira da Avenida D. Pedro II, é a construção, em modelo estabelecido para assistência à infância abandonada.

Os padres Capuchinhos já tentaram obter a doação do terreno por parte do governo para ali instalar o Mosteiro de São João Teles, uma escola e um centro de recuperação profissional.

O propósito dos Capuchinhos, todavia, esbarrou na burocracia.

O Rio Grande é uma cidade que cresce. Cresce vertiginosamente. A urbanização se alastrando; as casas de residência vão ocupando lugares desocupados e quase ninguém sente esse crescimento, esse progresso.

Se passa despercebido o fenômeno do aumento da área construída, em Rio Grande, é porque o mesmo se processa no sentido horizontal. Não possuímos arranha-céus.

Os edifícios altos não são bem sucedidos no centro da cidade. Ainda, graças a Deus, não sentimos do aperto, nem apreciamos os efeitos nefastos da inflação que permite a ereção de grandes construções através de dinheiro fácil, arrancado, mercedo de favores, das áreas pingues dos institutos e entidades assistenciais, para beneficiar os ricos e tornar mais miserável a sorte dos desafortunados. Em Rio Grande essa prática odiosa não se fez presente.

A cidade cresce e esse aumento é percebido através de novas residências que frente a frente, vão aumentando as ruas, penetrando em terrenos antes áridos, recuperados e conquistados, graças ao acerto e a visão de indivíduos de visão.

José de Almeida Matos, na magnífica obra que é «Vida e crescimento das cidades» livro que deveria ser lido e meditado por todos aqueles que administram, ressalta por uma coletividade, referindo-se à cidade do século XX, escreveu: «Não é grave, nem livre de traumatismos a evolução da cidade com temporária, posta sob a violenta pressão do progresso do capitalismo liberal e dos aspectos modernos da persistente revolução industrial, e esse progresso não aguarda que a cidade se reestabeleça dos abalos anteriores. Está travada a luta entre a técnica e a cidade, e essa se esforça por recuperar o necessário equilíbrio».

De fato o capitalismo liberal e, consequentemente, o surto industrial vieram agravar os problemas de urbanismo, criando o que comumente chamamos de favelas, e que constitui um perigo para a segurança da coletividade de que não que tange ao aspecto político, econômico, educacional, religioso, etc.

As favelas, na sua forma sempre crescente de braços, ameaçam para as populações rurais e estas deixaram as lidas campestres para em avalanche interminável, amontoar-se na cidade em busca do trabalho, do cinema, do campo de futebol, da proteção do trabalho.

É o resultado do êxodo de pessoas e de pessoas, onde o meio infesto substitui o ar puro e saudável dos campos. A mentalidade do indivíduo, também, se modifica e é certo que nos camponeses convertidos em operários nós vamos encontrar, quase sempre, um desajustado.

Em Rio Grande esse problema encontramos-o vivo, patente, expressivo nas Vilas do Cedro e Santa Tereza. Ainda ontem, percorriamos essas vilas na sua periferia e, podemos constatar o absoluto em que se encontram seus moradores. Queramos dizer, que o governo do município ainda não conseguiu a sua força, a sua merecedora de melhor atenção para esse setor da vida comunal. A Vila dos Cedros e Santa Tereza, o mais triste é que o governo não auxilia a luta política. Líderes da vila que procuram colar um prestígio entre os moradores beneficiados do seu grupo, em favor do grupo, em proveito da coletividade em si, e que doava de que ali habita e merece uma vida mais higiênica e um terreno onde construir uma creche e uma escola. Essa lei desapareceu na gaveta do antigo Prefeito, talvez por culpa do próprio órgão legislativo, a situação de infortunação em que se encontra a vila, não se preocupa com o atendimento da população e a construção do que o atestado de inatividade dos administradores. O Prefeito não deve permitir que sejam tomadas as medidas iniciais em relação a esse aglomerado humano.

Perguntamos pelos projetos, pela planificação que já deveria ter sido acompanhada por um órgão da administração, da ordem dos Capuchinhos e que desde o bairro residencial de operação da paróquia de São João Teles se tem

Concerto (Amanhã) Pró Pulmão De Aço

Conforme já nos divulgamos, será realizado amanhã o concerto do jovem pianista mexicano, Francisco Beyer, em benefício da Campanha pró aquisição de um pulmão de aço, que terá lugar no auditório da Escola de Belas Artes.

Consultando seus apontamentos, diz-nos, que na Vila dos Cedros, existem 17 quarteirões, com 642 casas e que ali estão localizados 2.777 casas residenciais. Se atribuímos um número de cinco pessoas para cada habitação, temos um total de 13.885 moradores.

Na Vila Santa Tereza, cujos fundamentos foram lançados pelo saudoso vigário da paróquia de São João Teles, existem 12 quarteirões, 381 lotes e 530 casas. Podemos, também, calcular o número de cinco pessoas por cada casa e teremos 2.650.

Somando-se os moradores da Vila Santa Tereza e da Vila dos Cedros, temos um total de 16.535, portanto um número considerável de habitantes, que deve ser atendido pelo governo municipal em suas mínimas necessidades, quais sejam saneamento, água potável, luz elétrica, etc.

Continuamos na página



No edifício que acima se vê, funciona uma escola primária, um dos cursos de corte e costura do SESI e, aos domingos, o salão é transformado em igreja. Trata-se de um barracão que ameaça cair.

Brasilarroz Ltda.

INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Rua Riachuelo n.º 1 — Telefone 431

Tubos e cunidades ONDALIT — Ferro Condutores — Tubos galvanizados — Cimento branco IRAJÁ — Cimento comum — Tubos galvanizados para água, MANNESMANN. Estoque permanente.

N. 398 25-17

Fotorreportagem 14: JR, 18 de abril de 1956, contracapa.

A matéria ocupa a página toda da capa do jornal. Além do texto, apresenta duas fotografias retangulares, de tamanho médio. Possuí o seguinte título: “Um problema em pauta: Urgentes melhorias para as Vilas dos Cedros e Santa Tereza”(JR, 18 de abril de 1956).

A primeira imagem tem, no primeiro plano, um terreno vazio, apenas com a presença de um poste de luz. Em segundo plano, tem-se uma série de casas e vegetação. Eis a imagem:



Fotorreportagem 14: JR, 18 de abril de 1956, contracapa. Destaque primeira imagem.

É possível observar que o terreno não ocupado passa uma sensação de abandono e vácuo, como estivesse à espera das novas construções. As casas ao fundo reforçam essa ideia, visto que se existem terrenos ocupados, por que não estão retratados na imagem?! A legenda fornece indícios para esse questionamento:

A objetiva de Rubens colheu o aspecto do único terreno vago que existe na Villa dos Cedros. [...] ali poderia ser construído, um modelo de estabelecimento para assistência à infância abandonada (JR, 18 de abril de 1956).

Assim, a legenda complementa as informações pertinentes à imagem retratada. Explicitando que realmente o terreno estava vago, porém sendo o último nessa condição na Villa dos Cedros. O texto ainda sugere uma nova

ocupação ao local, salientando que os padres capuchinhos já tentaram obter o terreno por doação do governo, contudo, os entraves burocráticos não permitiram.

Não esquecendo que a educação ocupava uma das metas do governo de JK, contudo, é intrigante observar que o governo que se intitulava democrático e desenvolvido, tenha contemplado apenas 3,4% dos investimentos previstos em educação (PINHEIRO, 2001).

Dessa forma, é necessário desbravar a fonte elencada para entender-se quais os entraves que aparentemente impossibilitaram que os padres capuchinhos adquirissem o terreno, cujos fins seriam voltados à educação e assistência ao menor. Primeiramente, a matéria explicita as questões econômicas envolvendo a urbe da cidade, afirmando que “o Rio Grande é uma cidade que cresce. Cresce vertiginosamente. A urbs vai se alastrando; as casas de residência vão ocupando lugares descampados e quase ninguém sente esse crescimento, progresso” (JR, 18 de abril de 1956).

Então, o jornal primeiramente explica que Rio Grande está crescendo, porém, ninguém está notando esse progresso. E indo além, vai salientar que se o fenômeno está despercebido é “porque o mesmo se processa no sentido horizontal. Não possuímos arranha-céus. Os edifícios alterosos não se sucedem no centro da cidade” (JR, 18 de abril de 1956). Ainda mencionando o progresso na cidade, o jornal indica:

Ainda, graças a Deus, não sentimos de perto, nem apreciamos, os efeitos nefastos da inflação que permite a ereção de grandes construções através de dinheiro fácil, arrancado, mercê de favores, das arcas pingues dos institutos e entidades assistenciais, para beneficiar os ricos e tornar mais miserável a sorte dos desafortunados. Em Rio Grande essa prática odiosa não se fez presente (JR, 18 de abril de 1956).

Para o jornal, Rio Grande estava crescendo, vertiginosamente, porém, não “aos olhos vistos” visto que o crescimento da cidade processava-se na horizontal, sem a construção de grandes prédios, e ainda agradece a esse fato, visto que os edifícios alterosos significam o aumento da inflação e o dinheiro

empregado é fruto dos mais miseráveis e até mesmo da ausência de uma melhor assistência social.

O jornal continuará seu relato afirmando que as Vilas do Cedro e Santa Tereza estão abandonadas, a mercê da sua própria sorte. E culpará os governos municipal e federal pela situação em que o local encontra-se: não está planejado, e devido a isso, as vilas são inóspitas favelas. Havendo a planificação, seriam transformados em bairros residenciais de operários dignos e honestos, merecedores de melhor tratamento pelo poder público. Tal particularidade apontada reflete características apresentadas por Sandra Pesavento, quando afirma que: “a emergência do mundo urbano, dimensão social onde melhor se configura a realização do capitalismo, implica um duplo processo de integração e confinamento dos subalternos” (PESAVENTO, 1998, p. 11).

O periódico também nomeia os culpados por tal situação, o presidente JK e ressalta que, em poucos meses de governo, o presidente conseguiu piorar a questão da moradia riograndina e também, o prefeito de Rio Grande Álvaro Ribeiro Pereira, que está destruindo a cidade.

Continuando, o jornal salientará que é triste quando se tem um projeto para melhorar a situação do local, e os governos prometem, mas não cumprem em ceder parte da vila para obras assistenciais.

A segunda imagem da reportagem é bem significativa quanto às denúncias realizadas pelo jornal. Conforme demonstrado abaixo:



Fotorreportagem 14: JR, 18 de abril de 1956, contracapa. Destaque segunda imagem.

No primeiro plano, está uma casa de aparência simples e uma área não asfaltada, onde, aparentemente, a areia dos tempos do início da cidade ainda se faz presente. Ao fundo, tem-se outra construção e vegetação. O fotógrafo está no mesmo nível do objeto fotografado, um pouco distante, possivelmente para conseguir captar todo o cenário na imagem. E o plano da imagem é aberto, onde se tem uma dimensão maior do espaço. A legenda complementa a análise:

No edifício que acima se vê, funciona uma escola primária, um dos cursos de corte e costura do SESI e, aos domingos, o salão é transformado em igreja. Trata-se de um barracão que ameaça cair (JR, 18 de abril de 1956).

Por conseguinte, a casa em questão trata-se de um prédio, conforme o jornal explicitou, que ameaça cair. A edificação é utilizada para diversos projetos sociais: escola primária, cursos de qualificação e Igreja. O periódico salienta que esta casa, assim como outras edificações da Vila estão

esquecidas, e que nem o presidente, recém-eleito, JK, dá a atenção devida aos problemas assistências do País (JR, 18 de abril de 1956).

Dessa forma, no plano de conteúdo, é possível perceber que o jornal relata que o abandono de tais Vilas ocorre em todas as instâncias, desde a ausência de asfaltamento, moradias dignas, existência de terrenos vazios sem utilização e, até mesmo, de edificações prestes a ruir.

Em continuidade com essa reportagem, no dia posterior, em 19 de abril de 1956, tem-se a seguinte reportagem, intitulada “Um problema em pauta: A burocracia impede vasto plano de assistência social” (JR, 19 de abril de 1956).

RIO GRANDE

ANO X - RIO GRANDE, QUINTA-FEIRA, 19 DE ABRIL DE 1956 - Nº 115

Um problema em pauta:

A burocracia impede vasto plano de assistência social

Rubens ficou um flagante da residência do governador, na Vila de Santa Teresa. Nessas casinhas é que estão sendo arquivadas as certidões de batismo e casamento e os demais documentos da Paróquia. São mesmo um sacerdote abnegado poderia inventar: tanto decoro ferido e incompreensão dos governos.

Em nossa edição de ontem, abordamos de modo geral os inúmeros problemas que afetam os populares bairros obreiros da Vila dos Cedros e Santa Teresa. Hoje, de sejamos, tratar de um assunto importante e que diz de perto ao futuro desses zonas da cidade.

Mencionamos que durante o governo passado a Legislação havia concedido a benemerita Ordem dos Padres Capuchinhos, um terreno para a instalação de uma escola e de uma creche, pa-

ra atender às crianças e, dor cunhar, às suas pais. Indelintamente o seu propósito encontrou "serio obstáculo na idêntica burocracia que impera neste país. Havia necessidade de consulta e permissão do Ministério de Viagem e Obras Públicas.

O processo foi encaminhado ao Rio de Janeiro e até hoje se encontra. A espera de um despacho. Os acontecimentos que prejuliam a ordem constitucional afezem, também, a marcha normal do processamento da doação. E, enquanto os Ministros se sucediam a questão que tanto interessava o povo riograndense restava inerte, paralisada por força da insegurança e fragilidade da nossa estrutura política.

É de lamentar que a pretensão dos Capuchinhos ainda não tenha sido atendida. Quem mais pede com essa demora é o povo desta cidade, é a própria pátria. Estamos vendo do sentimento que uma das razões primordiais do estancamento dos costumes é o abandono em que vivem as novas gerações, principalmente, as da classe obreira. Numas épocas de aperturas, quando a inflação e a corrupção parece que desfilam a nação é urgente a necessidade de elevar a marcha para o futuro. E isso só será possível com uma campanha intensa em prol do reavivamento dos bons costumes, o que permitirá a educação e a religião.

Quando esteve em Rio Grande, logo depois de eleito, o Governador Meneguetti, frei Lino o procurou e aproveitando a sua disposição de conhecer as necessidades do Rio Grande, levou-o à Vila dos Cedros. Nessa oportunidade o ativo padre Capuchinho teve a promessa do Governador de que lhe seria doado um terreno, desta vez pelo Estado.

Realmente o Governo

São Judas Tadeu, e entre que a Ordem dos Capuchinhos. Essa Paróquia tem o seu início na Vila Barroso e daí estendendo até o Porto, abrangendo, pois a Vila dos Cedros, Vila Santa Teresa, Vila Militar, Vila Naval, etc. Os religiosos encarregados de selar pela nova Paróquia até agora ainda não possuem um templo digno desse nome. A missa dominical é rezada num salão escuro e exigente durante a semana se aloja uma escola primária a uma aula de corte e costura da SESI.

Por que não apressar a doação do terreno aos padres Capuchinhos para que possam intensificar o seu apostolado, realizando, como pretendem, uma ampla obra de assistência social na qual foi prevista uma escola de artes e ofícios, visando aproveitar os jovens moradores das Vilas dos Cedros e Santa Teresa?

Apresariam, de perto, a situação dessas duas Vilas. As fotografias que ilustram esta reportagem, mostram bem, o estado deplorável da colônia que em que se encontra. O governo municipal, estadual e federal, até agora não realizaram que se possa declarar de declínio para assegurar essa população do infortúnio. Por que, então, entrar os propósitos dos partidos políticos? Por que, então, entrar os propósitos das partes? Por que observar uma obra de benemerência como é a que pretendem cumprir os Padres Capuchinhos?

Por uma das fotogra-

Hoje à noite o concerto de Francisco Boyer

Realizar-se-á hoje à noite o concerto do jovem pianista moçoim Francisco Boyer, em benefício da Catapilha 196. Aquisição da Prefeitura de Aço, patrocinada por esta filha. O concerto terá como local o auditório da Escola de Belas Artes.

Não se trata de uma casa pequena, mas de um mundo, com ruas largas e habitações modernas e modernas. Muito pelo contrário é a Vila dos Cedros, onde residem 15.000 riograndenses esquecidos do governo.

A Prefeitura ainda ordenando algumas ruas, embora a maior parte da Vila continue abandonada. Para com o que alegamos. Basta fixar a fotografia de Rubens que as ruas dividiam.

As que ilustram esta reportagem, apresentam um contraste os nossos olhos, pelo deplorável e que não poderia ser uma vila, mas frotas mais arruinadas do que é a Vila dos Cedros quando a contemplamos. Essas fotografias não tem terra, com o que mostra o estado deplorável da colônia que em que se encontra. O governo municipal, estadual e federal, até agora não realizaram que se possa declarar de declínio para assegurar essa população do infortúnio. Por que, então, entrar os propósitos dos partidos políticos? Por que, então, entrar os propósitos das partes? Por que observar uma obra de benemerência como é a que pretendem cumprir os Padres Capuchinhos?

Por uma das fotogra-

Nesta sala funciona o Grupo Escolar anexo à Paróquia São Judas Tadeu. Atualmente funciona um curso de dactilografia da SESI. Aos domingos, se classes são abertas e ali se amentam os fiéis para escutar a missa.

EUCATEX
ISOLANTE
Casas
quentes
ISOLACAO CONTRA
O CALOR

Distribuidor autorizado
ALVARIZA
Bacelar 313
Fone 805

Fotorreportagem 15: JR, 19 de abril de 1956. Contracapa.

A matéria apresenta três imagens mais o texto explicativo e ocupa a contracapa do jornal. A fotorreportagem denuncia o descaso que a Vila dos Cedros e Santa Tereza estavam passando. É uma continuação da matéria do dia anterior, 18 de abril.

Em relação às imagens, a primeira é retangular, de tamanho médio e, no primeiro plano, apresenta uma casa pequena, de madeira. Ao fundo, aparentemente está mostrado outra residência, que não é possível especificar

maiores detalhes. O plano da imagem é médio, a câmera está a uma distância média do objeto fotografado, permitindo que outra edificação, ao fundo, fosse evidenciada. Abaixo, está exposta a primeira imagem da fotorreportagem em questão:



Fotorreportagem 15: JR, 19 de abril de 1956. Contracapa. Destaque primeira imagem.

O contraste da luz solar ocorre de forma que os raios incidam majoritariamente sobre o principal objeto fotografado. O conjunto de ideias corrobora tal informação, visto que a aparência da casa: janelas tortas, porta estreita, casa de madeira, pouca vegetação na frente indicam e perpassam a ideia que o morador é humilde. E a legenda, neste sentido, conduz o olhar do leitor:

Rubens fixou flagrante da residência do pároco, na Vila de Santa Tereza. Nesse casebre é que estão sendo arquivadas as certidões de Batismo e casamento e os demais documentos da Paróquia. Só mesmo um sacerdote abnegado poderia enfrentar tanto desconforto e incompreensão dos governos (JR, 19 de abril de 1956).

Nesse momento, vê-se, novamente, o nome do fotógrafo Rubens assinando as imagens, conferindo um caráter autoral às fotografias. Obviamente, não se pode excluir a possível interferência do editor do jornal, que articulando as palavras e imagens, conferia determinado sentido para a reportagem. Ainda a respeito da legenda, essa indica que a residência em flagrante, era do pároco, fixado na Vila de Santa Tereza.

Além disso, salienta, conforme evidenciado pela imagem, que a casa fotografada está em precárias condições, agravado pelo fato do local ser o arquivo das certidões de batismo, casamento e demais documentos da Paróquia. A casa, então, tem dupla função: residência do pároco e arquivo de documentos importantes, aferindo importância ao local. Por fim, acusa os governos de incompreensão para o problema do sacerdote.

No decorrer da reportagem, o jornal faz um breve resumo da fotorreportagem do dia anterior (18 abril) e enfatiza que apesar dos protestos, o problema continua. Obviamente que apenas passou-se um dia, porém, o jornal ignora tal fato.

Também é ressaltado pela reportagem que o governador Meneghetti, quando esteve em Rio Grande, logo após sua eleição⁵¹, foi procurado por Frei Lino e “aproveitando a sua disposição de conhecer as necessidades de Rio Grande, levou-o à Vila dos Cedros” (JR, 19 de abril de 1956, contracapa).

O jornal esclarece que o governador doou um terreno, que estava vago na Vila dos Cedros, para os desejos do Frei, que eram voltados para a educação e melhoria de vida para os habitantes de tal lugar. Contudo, “o seu propósito encontrou sério obstáculo na odienta burocracia que impera neste país. Havia necessidade de consulta e permissão do Ministério de Viação e Obras Públicas” (JR, 19 de abril de 1956, contracapa).

Nesse momento, nota-se de certa forma um elogio para o governador do estado, e uma crítica ao governo federal, visto que o Ministério de Viação e Obras Públicas era uma pasta do governo de JK.

⁵¹ De 1955 a 1959 foi governador do estado do Rio Grande do Sul, cargo para o qual seria reeleito em 1962.

A segunda imagem é uma fotografia aérea, também obtida por Rubens, e é difícil fazer distinções quanto ao primeiro e segundo plano. Eis a imagem:



Fotorreportagem 15: JR, 19 de abril de 1956. Contracapa. Destaque segunda imagem.

Pode-se afirmar que o plano da imagem é aberto, possivelmente para abarcar toda a área desejada. A legenda, nesse caso, é indispensável para o leitor compreender a imagem. Obviamente que as palavras vão conduzir o olhar do leitor para uma determinada “realidade” que se deseja mostrar. O texto acompanhando a imagem indica que:

Não se trata de uma cidade perdida [?] do mundo, com ruas tortas e habitações acanhadas e anti-higiênicas. Muito pelo contrário é a Vila dos Cedros, onde residem 15.000 riograndinos esquecidos do governo (JR, 19 de abril de 1956, contracapa).

A legenda indica, então, que a imagem apresentada é a Vila dos Cedros, é notória a ausência de geometrização das ruas, essas estão tortas, sem simetria. À direita na imagem, as ruas estão retas, em conformidade com os padrões urbanos da década de 1950. Contudo, já a esquerda da imagem, as ruas estão oblíquas, com ausência de confluência, onde, por exemplo, uma determinada rua não está em paralelo com a outra. O que possivelmente gerou problemas até no trânsito dos veículos e tráfego de pessoas.

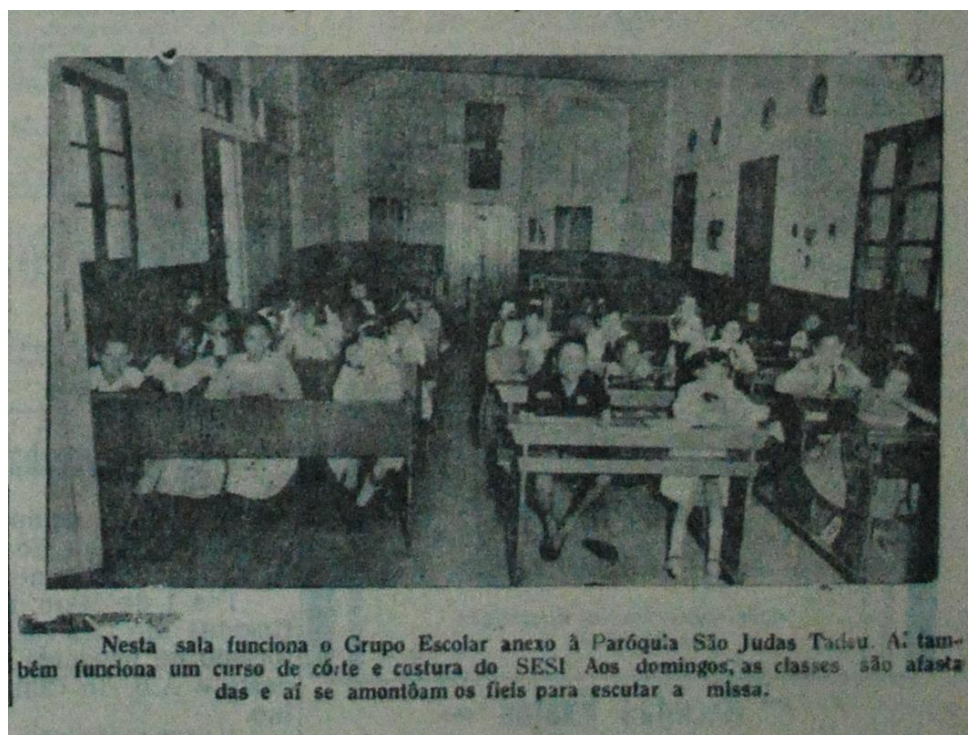
A legenda indica que a Vila dos Cedros não é um bairro perdido, atribuindo, assim, uma importância ao local. Esse não é um lugar qualquer, mas sim onde vivem 15.000 riograndinos, o que equivale a aproximadamente 20% da população riograndina. O texto da matéria indica novas informações referentes a essa segunda imagem:

Essa fotografia aérea foi colhida por Rubens e mostra o aspecto desolador das casas amontoadas, como numa [?] sombrias aldeias chinesas onde a peste e a fome ceifam centenas de vida, diariamente [...] Contemplada do alto a Vila dos Cedros onde habitam quase 15.000 pessoas, apresentam um aspecto deplorável e que toma tintas mais carregadas quando a contemplamos em terra, com os olhos fitos na miséria que desfila interminável (JR, 19 de abril de 1956, contracapa).

Para enfatizar o drama que a Vila passava, o jornal optou por usar um efeito de comparação com as aldeias chinesas⁵², enfatizando que em Rio Grande a situação está bem parecida. Ainda salienta que a Vila dos Cedros apresenta um estado de miséria. No transcorrer da matéria, vai afirmar que as ruas do local não são asfaltadas, não há água encanada e esgotos. A partir

⁵² A China até aproximadamente a década de 1950 passava por guerra civil, entre os comunistas e nacionalistas. Lançando a repressão aos considerados bandidos e contra-revolucionários, criando um ambiente político do tipo "terror vermelho" na China continental. Principalmente nas áreas rurais, as crises sociais e econômicas eram desenfreadas. A população rural passava necessidades básicas, e como consequência houve um desenfreado crescimento desordenado das aldeias chinesas (Nonnenberg, 2010).

disso, a terceira imagem da fotografia funcionaria para o leitor identificar-se com os habitantes de tal cenário, visto que era necessário que o leitor do jornal diário “comprasse” e “aceitasse” a notícia como verdadeira, e, assim, nada melhor do que ver uma parte de si naquela imagem. Eis a fotografia:



Fotorreportagem 15: JR, 19 de abril de 1956. Contracapa. Destaque terceira imagem.

Então, essa última imagem da fotorreportagem tem como primeiro plano um grupo de crianças, possivelmente alunos, devido à disposição das carteiras e vestimentas. Ao fundo, algumas carteiras vazias.

O fato de haver em um mesmo banco três ou quatro alunos com o contraste de haver carteiras vazias indica duas possibilidades: a primeira, para visualizar a matéria do quadro melhor, os alunos optaram por sentarem-se na frente. A segunda possibilidade é o fato dos personagens da imagem estarem posando para o fotógrafo, isto é, se prepararam para o momento do click.

Assim, como a imagem fazia parte de um conjunto de corpus denunciativo, nada melhor do que um número excessivo de alunos estarem na mesma carteira, aumentando a gravidade do problema relatado na matéria:

Fotorreportagem 16: JR, 17 de outubro de 1957, capa.

A reportagem ocupa aproximadamente meia página da capa do jornal *Rio Grande*, e está constituída de uma imagem mais o texto verbal. Possui o título “Canalete abandonado marcha para a destruição” (JR, 17 de outubro de 1957, capa).

A imagem apresentada é datada de 1927 e é um projeto inicial do que seria o canaleta. Ainda assim, ela é importante para o entendimento da reportagem, e, além disso, é necessário problematizar o porquê que o jornal escolheu mostrar uma imagem projeto de 1927 em detrimento de uma fotografia de 1957.

A imagem ocupa quase o mesmo espaço que o texto verbal na matéria, enfatizando assim sua importância. No primeiro plano, tem-se a vista frontal do canaleta⁵³, nas bordas da imagem apresentam-se algumas casas, e ao fundo, postes de luz e árvores. A luz da imagem irradia sobre o canaleta, dando visibilidade e deixando claro que esse objeto é o que é importante na imagem. Tem-se, então, a legenda detalhando a imagem e a correlação com a crítica apresentada no restante do texto:

Este foi o projeto inicial do Canaleta, que sofreu várias modificações, como se pode ver. Nesta antevisão, de 1927, os postes de iluminação se colocavam, artisticamente, nas extremidades das pontes, previsão que não se realizou. A sujeira, as rachas do concreto e as comportas estragadas não foram previstas pelos administradores de então. Eles previram o Canaleta e não os encarregados da sua conservação (JR, 17 de outubro de 1957).

A legenda fornece informações complementares à imagem, indicando que conforme relatado anteriormente, a imagem é, na verdade, um desenho de um projeto para a construção do canaleta, onde os postes de iluminação colocavam-se artisticamente, conferindo, assim, além da necessidade da energia elétrica, o fator embelezamento do local.

O texto junto à imagem ainda denuncia que, na atualidade (1957), há rachas no concreto e comportas estragadas, acusando-se, assim, diretamente, os responsáveis pela conservação do local, no caso a prefeitura. No restante

⁵³ Construído na década de 1920 com fins de escoamento cloacal.

da reportagem, o jornal salientou que na seção “Corujando”, leitores já haviam feito denúncias relativas ao estado de conservação do canaleta, porém como o problema intensificou-se, o periódico decidiu publicar a matéria na primeira página. Assim explicita:

É que o assunto já passou da condição de [...] para a de problema cuja solução se faz urgente para salvaguarda da saúde pública, dos fôros de cidade que Rio Grande possui e de paciência de um povo que deseja ver preservado o seu patrimônio (JR, 17 de outubro de 1957).

Dessa maneira, o jornal salienta a importância para que se resolva o problema exposto, visto que é uma questão de saúde pública, e, além disso, que o cidadão riograndino deseja ver preservado o seu patrimônio. O jornal deixa subjacente que o canaleta é um patrimônio para os riograndinos. Ainda, o jornal critica a prefeitura por permitir o abandono e descaso com o local.

Igualmente, fazendo com que o leitor se identifique com a problemática retratada na matéria, faz com que desenvolva o status de cidadão e cidadania para com sua cidade. A respeito da ligação da fotografia com a cidade e seu habitante, no caso, criatura e criador, Felizardo salienta que a cidade:

[...] é criação nossa, foi desenhada por nós, é a expressão mais acabada da nossa cultura, de cada um e da comunidade, que se poderá chegar a respeitá-la e a desenvolver opinião sobre as modificações que ela pode ou deve sofrer. Cidadania não é apenas uma palavra da moda; é um conceito fundamental para a vida humana – mas que só se concretiza se for respeitado o princípio da gangorra: não se pode avançar para o futuro sem a adequada carga de passado (FELIZARDO, 1992, p.60).

Obviamente que o autor escreve na década de 1990, porém, são aplicáveis no recorte temporal dessa dissertação, principalmente quando o jornal insere o leitor na problemática citada, elencando, primeiramente, o problema do canaleta, para, depois, salientar as belezas e riquezas do local. E a imagem corrobora no sentido de “lembrar” para o habitante da urbe como o canaleta poderia ter sido. Dessa maneira, as questões cidadão e cidadania,

como o autor elencou, são levadas ao patamar de detentor e produtor da cidade. Essa é resultado da cultura, hábitos e desejos do seu cidadão.

A reportagem ainda explicita que o prefeito e vereadores deveriam fazer uma visita ao bairro Cidade Nova, onde se localizava o canaleta, a fim de verificar a situação do mesmo. Visto que se pode considerar o local, principalmente, a sua margem onde formou-se uma avenida, “como a mais digna de receber os olhares de admiração dos que nos visitam. Foi construído sob influência do bom gosto e valorizou as propriedades situadas à sua margem [...] que lhe deram a feição de uma avenida de luxo” (JR, 17 de outubro de 1957).

E assim o jornal encerra o texto, ressaltando que o local é de bom gosto, possuindo uma avenida com feições de luxo e atraindo olhares dos visitantes. Dessa forma, justifica o porquê da escolha de utilizar uma imagem desenho de 1927 para estampar a matéria. Isso se deve ao fato que o jornal queria ressaltar a beleza e o luxo do local, então, para que seu leitor diário apoiasse tal causa, uma fotografia nostálgica teria mais poder, visto que o cidadão observaria a imagem e sentiria saudades daqueles tempos, em que o canaleta era bonito e luxuoso.

Dessa forma, o capítulo três teve como objetivo discutir, através das fotorreportagens do jornal *Rio Grande* e das fotografias do estúdio Casa Foto Rio Grande, as questões relativas às obras de embelezamento retratadas em tais fontes. Para isso, foram realizadas considerações a respeito dos novos prédios e embelezamento das ruas da cidade, a presença do traçado moderno nas novas edificações e também os problemas que a modernização trouxe para Rio Grande.

Considerações Finais

Essa dissertação foi fruto de pesquisas oriundas desde a graduação em História na Fundação Universidade de Rio Grande até o desenrolar do mestrado em História na Universidade Federal de Pelotas. Obviamente, como todo trabalho de Ciências Humanas, não se pode afirmar que chegou ao fim, em definitivo. Tem-se como pretensão continuar as pesquisas em História Visual e possivelmente como objeto a cidade do Rio Grande. Contudo, para esse momento, acredita-se que os objetivos propostos foram cumpridos, assim como, a problemática foi desenvolvida de forma coerente e proporcionando mais debates em torno do assunto estudado.

Para os estudos e análises das fontes trabalhadas, diversos autores que tem como objeto a cidade do Rio Grande foram utilizados, tais como: Pedroso (2012), Pelissari (2012), Bittencourt (1999), Alves (2005), Martins (2006) e Copstein (1982). Esses autores, primeiramente, auxiliaram no desenvolvimento do recorte temporal da dissertação, visto que o período entre 1956 a 1961 tendo como fonte a cultura visual, não tinha sido até então trabalhado. Assim como, os autores ajudaram no desenvolvimento da problemática, visto que foi constatado que a problemática desenvolvida, que resumidamente é se e como se expressa, através da visualidade urbana, a modernização brasileira na cidade do Rio Grande, também ainda não tinha sido contemplada nos trabalhos dos historiadores.

Como fonte, optou-se por dois tipos: fotorreportagens do jornal *Rio Grande* e fotografias do estúdio Casa Foto Rio Grande. Foram utilizadas 16 fotorreportagens e 4 fotografias de estúdio.

Dessa forma, foi possível desenvolver o primeiro capítulo, que foi conceitual, mas também foi possível analisar alguns mapas que auxiliaram no desenvolvimento da pesquisa. Foi explicitado a respeito do governo de JK (1956-1961), seu Plano de Metas, objetivos, o desenvolvimentismo e a urbanização decorrente do planejamento e construção de Brasília.

Logo após ser eleito, JK já tratou de colocar em prática o Plano de Metas, constituído de 31 metas mais a meta-síntese, que era a construção de

Brasília. Dentro o plano de metas, estavam previstas questões como transportes, indústrias, educação e energia. Também, foi salientado que o desenvolvimentismo centralizava as atenções no País, tendo como objetivo e propostas a superação dos problemas sociais, econômicos e culturais. Vendo tais questões como uma coisa só, e não em partes fragmentadas.

A modernização também estava em voga em tal período, e para definir o conceito o autor Marshall Berman e suas apreciações foram fundamentais. Além desse autor, pesquisadores como Anderson (1986) e Baudellaire (2010) também foram utilizados. A partir disso, entendeu-se, então, que a modernização está vinculada diretamente com as obras de infraestrutura e embelezamento permeadas durante o governo de JK.

A respeito do planejamento e construção de Brasília, tem-se que desde 1891 já se tinha em mente a construção de uma nova capital federal, visto que o Rio de Janeiro (a capital até então) estava permeado de perigos e possíveis invasões, seja por terra ou mar. A partir disso, o governo de JK utilizou-se de tal subterfúgio para o convencimento dos políticos e da população em geral para obter financiamento para a nova capital.

Mais ainda, JK afirmava que como Brasília até então era um campo árido, deserto, a partir do desenvolvimento da cidade, poder ia-se ter um exemplo de que qualquer cidade ou Estado poderia e deveria desenvolver-se. Sendo assim, Brasília representava a própria urbanização brasileira, permitindo que ao restante do País basear-se na nova capital para planejar seu desenvolvimento urbanístico.

Chegando a cidade do Rio Grande, foco e objeto desse estudo, os autores já citados trouxeram novos elementos para a discussão e problematização das fontes. Viu-se que a cidade foi fundada no século XVIII, porém enfrentou diversas situações que fizeram com que a urbes somente fosse desenvolver-se no século seguinte. Dessa forma, entre 1874 a 1910 a cidade cresceu a oeste, depois a leste, e na década de 1950 o crescimento ocorreu novamente a oeste, para além dos limites do centro histórico.

Importante destacar que os portos do Rio Grande do Sul configuraram entre os três principais do Brasil, e especificamente, o de Rio Grande, até por

volta de 1958 esteve ao lado do de Porto Alegre, em termos de importância econômica e para a cidade.

Nos estudos sobre as cidades e o urbanismo, notou-se que o imaginário da modernização perpetuava-se através da urbes. Por meio de sua arquitetura, bairros, residências e transformações em geral, é que o ideal de moderno seria propagado. Interessou ver como a imprensa e os estúdios fotográficos tiveram deveras importância no processo urbanístico da década de 1950. Os jornais, principalmente os diários, propagavam ou repudiavam as obras decorrentes no País, e os estúdios fotográficos, principalmente os contratados pela prefeitura, tinham como missão retratar as transformações urbanísticas, propiciando que os órgãos públicos circulassem suas ideias do ideal moderno.

A notícia só é assim reconhecida quando há interesse do público, é a curiosidade que gera a necessidade de haver a notícia. Também acaba gerando construção de valores na sociedade em que se insere, e aqui, nesse caso, pode-se estar falando do jornal *Rio Grande* ou do estúdio Casa Foto Rio Grande, visto que ambos, ainda que de formas distintas, chegavam de alguma maneira ao público.

Desde o início do século XX as reformas urbanas eram fotografadas, porém, a partir de 1950, devido ao advento das técnicas fotográficas e de reformas mais amplas, que abarcavam toda a estrutura da cidade, as transformações foram amplamente fotografadas. Tinham dupla função: evidenciar para a população que as reformas e, conseqüentemente a modernização estava ocorrendo. Assim como, que as cidades ficassem cientes do desenvolvimento das outras urbes, funcionando como uma espécie de concorrência, quem chegaria ao ideal moderno mais rápido.

O ideal moderno era representado por diversos elementos, como: reforma de um prédio, construção de novos bairros, porém, a cidade ideal, aquela que serviria como exemplo para as outras, existiu mais na imaginação do que na realidade. Analisou-se como as representações constroem e desconstroem realidades conforme a necessidade dos mandatários. Viu-se que conforme o interesse da prefeitura, uma determinada fotografia seria

constituída. Obviamente respeitando que as vivências, desejos e técnicas do fotógrafo, o obtentor da imagem, tem que ser levadas em conta.

Brasília cumpriu o papel imaginário e modelar, como se fosse o exemplo do espetáculo máximo do poder e modernização brasileiros. Ao mesmo tempo em que as cidades baseavam-se em Brasília, também a usavam como motivo direto do governo não interferir nos problemas da urbe, nesse caso, na cidade do Rio Grande.

Analisou-se como as imagens que mostravam os “novos bairros, velhas ruas” foram empregadas pelo poder público como prova de que o progresso estava ocorrendo. A Vila Santana, por exemplo, o novo conjunto residencial, foi premissa do progresso para a cidade, conforme evidenciado pelo jornal. Notou-se a criação de um novo núcleo suburbano na cidade, voltado às classes menos abastadas, visto que as condições de parcelamento eram favoráveis.

A construção de outro novo bairro nas proximidades da Hidráulica, provido de energia elétrica, pavimentação, escola e rede de água também demonstrou a ampliação do espaço urbano. Esses novos bairros eram traçados de linhas retas, conforme o urbanismo em vigor no período. Somou-se aos novos bairros a construção de um moderno conjunto de moradia a fim de contribuir para solucionar o problema de habitação, que segundo o jornal analisado, estava acontecendo em Rio Grande.

Além de fotografias presentes nos jornais, a dissertação contou com fotografias de estúdio, encomendadas pela prefeitura. Percebeu-se que o motivo de tais encomendas era retratar as reformas urbanas em curso. Possivelmente, antes do fotógrafo dirigir-se ao ambiente a ser retratado, havia uma série de exigências e normativas que deveriam constar na imagem. Elementos como a presença de lambretas, alargamento das ruas, desenvolvimento e ampliação do porto, poderiam servir como provas que a cidade do Rio Grande estava nessa busca, quase que utópica, do moderno. Porém, elementos como prédios antigos e espaços não ocupados indicam que ou o fotógrafo descuidou-se na hora do click ou tinha por intenção utilizar-se dessa mesma imagem para demonstrar que nem tudo era belo como a prefeitura ansiava mostrar nas imagens.

A ampliação do saneamento básico riograndino também foi analisada na dissertação, principalmente ao analisar-se o tema Hidráulica Municipal. As fotorreportagens permitiram que o leitor do jornal fosse acompanhando ao longo de aproximadamente dois anos a construção e entrega da nova hidráulica da cidade.

As imagens do edifício dos motores da usina mostraram uma edificação de linhas retas, prédio alto, evidenciando assim, elementos constituidores da modernização vigente na década de 1950. O escritório responsável pela implementação da nova usina era Saturino de Britto, responsável por grandes projetos de saneamento no Brasil. Essa informação frisada a todo instante, deixou evidente a importância da obra, não só pelo fato de solucionar o problema de abastecimento de água na cidade, mas, também, porque seguia o curso moderno brasileiro. Pode-se compreender que a obra ganhou status, por parte da imprensa, de obra de arte, devido ao seu caráter monumental.

A inauguração da nova Hidráulica, com a presença do vice-presidente da República, João Goulart e do prefeito da cidade, mostrou, então, que a obra era fruto dos esforços do poder público municipal e federal, e que estavam juntos no processo de modernização. A modernização brasileira chegava até Rio Grande e a cidade a acolhia. Ao aceitar tais moldes modernos, Rio Grande ganhava mais recursos e se tornava mais brasileira.

Também analisou-se as obras de embelezamento da cidade, como o surgimento de novos prédios de linhas modernas e novas ruas largas e de traçado retilíneo. O Edifício e Galeria São Pedro, foi utilizado para demonstrar o desejo de urbanistas e governantes pela verticalização da cidade, como representação de modernização. Na reforma do prédio da Associação Atlética Banco do Brasil analisou-se outra forma de remodelação urbana, representada visualmente nos jornais. A substituição de antigos prédios ou sua remodelação, também exemplificado na análise das intervenções no casarão Pock, demonstrou como a atualização das edificações às linhas modernas foi importante para dar a cidade uma nova visualidade estética moderna.

Na análise da Praça Xavier Ferreira, viu-se como a imagem se presta para a apresentação de elementos inovadores, como ampla iluminação,

formato de esplanada, arborização e alargamento das ruas, mas também demonstra, ou dá a ver, elementos como terrenos baldios e prédios mal cuidados. Pareceu que o fotógrafo poderia ter optado por outros ângulos em que tais situações “ruins” não obtivessem tanta visualidade, contudo, a partir de suas escolhas, ficou evidente que o “antigo” ainda estava na representação visual da cidade e do fotógrafo. A controvérsia “antigo X moderno” também foi analisada na discussão sobre a proposta de demolição do edifício da Alfândega, que necessitava de reforma. Por ser prédio do governo federal, as autoridades municipais e o jornal cobravam solução sobre a edificação em desuso, no entanto, a proposta das autoridades federais de demolição do prédio não foi bem acolhida na localidade.

A pesquisa mostrou que as fotografias serviam para mostrar como a cidade se engajou no projeto moderno modelado por Brasília, mas que os problemas de infraestrutura não desapareciam. A burocracia, principalmente do governo federal, impedia que situações como esgoto, pavimentação das ruas, energia elétrica, distribuição de água e educação fossem tratados. Assim, enquanto prédios e loteamentos eram construídos, problemas como, limpeza e conservação das ruas não eram solucionados.

Na fotorreportagem sobre a má conservação do Canalete também se analisou a dificuldade do convívio de elementos inovadores que passam a integrar a urbe e os antigos que, pela degradação da ação do tempo ou da obsolescência, se tornam um sério problema a administrar. O caso do Canalete se tornou exemplar: por meio de uma fotografia antiga (em que mostra o Canalete pleno em sua função sanitária e estética), a reportagem veicula sua situação de abandono e má conservação. É muito interessante que, para a fotorreportagem em questão, não foi realizada uma fotografia atualizada do espaço, mas sim, a de um antigo projeto, em que mostra o espaço iluminado, limpo e em melhores condições de uso, visto que, além da questão prática, que seria o escoamento cloacal, o lugar, era um patrimônio para os riograndinos, considerado um lugar de luxo e bom gosto urbano.

A bibliografia e problematização das fontes destacaram que a modernização e urbanização não são processos que caminham

obrigatoriamente juntos, porém, nos anos 1950, e mais precisamente, na cidade do Rio Grande, tais situações são análogas. A industrialização ocasionou novos investimentos na cidade, às vezes em bairros afastados, em outros momentos, no centro urbano. Em alguns momentos investimentos voltado às elites, em outras situações, para as classes abastadas.

Por meio do jornal *Rio Grande*, através das fotorreportagens analisadas, foi possível compreender que a modernização brasileira, em vigor na década de 1950, calcada nos preceitos modernos do urbanismo e arquitetura, chegou à cidade do Rio Grande, porém com especificações próprias da cidade. Também se visou compreender se e como essa modernização se expressou visualmente em fotorreportagens e em fotografias encomendadas a um estúdio.

Notou-se que as veiculações visuais eram mais da cidade do parecer do que do ser. Havia a necessidade, a todo instante, de enfatizar o moderno, a modernização, com isso, era ressaltado, sempre que possível, que as novas construções eram em linhas retas e a justaposição das formas estava também presente. Assim como, o domínio do homem perante a natureza, essa era pensada de forma racional e sempre com a intenção do belo.

A partir das fotorreportagens que delatavam os problemas foi possível perceber que as críticas, direcionadas tanto para a prefeitura como para o governo federal, eram resultados de problemas oriundos do próprio processo de remodelação urbana. Viu-se que, em alguns momentos, a responsabilidade foi creditada a Brasília; os investimentos gastos para a construção da nova capital federal impossibilitavam investimentos em outras cidades, como Rio Grande. Em outras situações, os problemas eram oriundos do processo de modernização da cidade, que privilegiava alguns setores em detrimento de outros, esses sendo, geralmente os menos abastados.

Entende-se que o jornal apresentou diversas controvérsias, em alguns momentos sendo a favor do processo de modernização e elogiando os governos, em outros, contrário, e culpando os próprios governos do descaso que a população riograndina vivia. Contudo, o que se pôde perceber, para este momento, é que Rio Grande compreendeu e aplicou a modernização na cidade

voltada, majoritariamente, às questões belas. Até em situações necessárias, como construção de novos loteamentos e Usina Hidráulica, eram aplicados princípios de embelezamento.

O outro aporte de fontes, as fotografias do estúdio Casa Foto Rio Grande, apesar do número limitado de imagens analisadas, foi importante para perceber como o processo de representação da modernização brasileira no contexto riograndino pode ser visto a partir de diferentes representações visuais. Através da problematização e análise destas fotografias, em conjunto com a bibliografia especializada do assunto, chegou-se a compreensão que as imagens produzidas pelo estúdio foram encomendadas pela prefeitura, a fim de fotografar as obras em curso. Essas registraram elementos como: verticalização dos prédios, a presença da lambreta na cidade, alargamento das ruas, iluminação pública e atualização das praças. Porém, notou-se, uma possível corruptela por parte dos fotógrafos, pois, situações como prédios abandonados e terrenos baldios foram percebidas nas imagens. Dessa forma, se o objetivo era mostrar o belo, oriundo das novas reformas, a modéstia do antigo também foi evidenciado pelas fotografias do estúdio. Nota-se então, que na cidade do Rio Grande o antigo e novo faziam parte da constituição moderna da cidade.

Foi possível perceber que os discursos da modernização não eram simplesmente intenções, mas sim, organização de forças, seja dos governos ou da população, pois esta, através do jornal ou fotografias do estúdio, poderia sentir-se parte integrante desse ideal e participar, visto que na industrialização, cidadãos, governos e projetos de urbanização estão interligados no mesmo processo.

Por conseguinte, para este momento, foram essas as análises percorridas dessa dissertação. Obviamente que é um trabalho em permanente construção, porém, acredita-se que os objetivos propostos foram cumpridos, e novos e atualizados debates poderão ser oriundos desse trabalho.

Fontes Consultadas

Jornal Rio Grande:

Fotorreportagem 1: JR, 4 de julho de 1959

Fotorreportagem 2: JR, 13 de julho de 1957

Fotorreportagem 3: JR, 25 janeiro de 1958

Fotorreportagem 4: JR, 17 de junho de 1959

Fotorreportagem 5: JR, 15 janeiro 1958

Fotorreportagem 6: JR, 24 de janeiro de 1958

Fotorreportagem 7: JR, 7 de novembro de 1959

Fotorreportagem 8: JR, 7 de novembro de 1959

Fotorreportagem 9: JR, 18 de abril de 1959

Fotorreportagem 10: JR, 27 de junho de 1959

Fotorreportagem 11: JR, 27 de junho de 1959

Fotorreportagem 12: JR, 18 de julho de 1959

Fotorreportagem 13: JR, 18 de abril de 1956

Fotorreportagem 14: JR, 17 de outubro de 1957

Fotorreportagem 15: JR, 19 de abril de 1956

Fotorreportagem 16: JR, 17 de outubro de 1957

Estúdio Casa Foto Rio Grande:

Fotografia 1: Rua Andradas, 1959

Fotografia 2: Imagem aérea Porto Novo, década 1950

Fotografia 3: Praça Xavier Ferreira.

Fotografia 4: Mercado Público Municipal de Rio Grande, 1959

Referências Bibliográficas

ALVES, Francisco das Neves. O centenário da Biblioteca Rio-Grandense nas páginas do jornal Rio Grande. In: **Biblioteca Rio-Grandense: textos para o estudo de uma instituição a serviço da cultura**. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2005.

ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique. **A cidade do Rio Grande: uma abordagem histórico-historiográfica**. Rio Grande: Universidade do Rio Grande, 1997.

ANASTASIA, Carla Maria Junho. De Drummond a Rodrigues: venturas e desventuras dos brasileiros no governo JK. In: MIRANDA, Wander Melo (org). **Anos JK: margens da modernidade**. São Paulo: Imprensa Oficial/Casa de Lúcio Costa, 2002.

ANDERSON, Perry. Modernidade e evolução. Novos estudos **CEBRAP**, fevereiro de 1986, n.14.

ANKERSMIT, F. R. **A escrita da história; a natureza da representação histórica**. Londrina: UEL, 2012.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte como história da cidade**. São Paulo: Martins fontes, 2005.

ARRUDA, Gilmar. **Cidades e Sertões: entre história e a memória**. Bauru: Edusc, 2000.

AVANCINI, Atílio. A imagem fotográfica do cotidiano: significado e informação no jornalismo. **Brazilian Journalism Research** - Volume 7 - Número 1 – 2011.

BACZKO, Bronislaw. **“A imaginação social”** In: Leach, Edmund et al. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil – 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Lisboa: Edições 70, 1981.

_____.A mensagem fotográfica. In: **O Óbvio e o Obtuso**. Lisboa: Edições 70, 1984.

BAUDELAIRE, Charles. **O pintor da vida moderna**. Belo Horizonte, Autêntica, 2010.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BIELSCHOWSKY, Ricardo. Vinte anos de Ierj, cinquenta anos de Cepal. In: MAGALHÃES, João Paulo de Almeida (et. al). **Vinte anos de política econômica**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

BITTENCOURT, Ezio. **Da Rua ao Teatro**: os prazeres de uma cidade – sociabilidades & cultura no Brasil Meridional. Rio Grande: Ed. da Furg, 2001.

BOJUNGA, Cláudio. **JK – o artista do impossível**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

BRAGA, Marcelo José. **China**: estabilidade e crescimento econômico. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572010000200002 Acessado em 20/11/2013

BRESCIANI, Maria Stella. .Melhoramentos entre intervenções e projetos estéticos: São Paulo (1850-1950). In: **Palavras da Cidade**. Porto Alegre: Ed. Universidade – UFRGS, 2001.

_____. Cidade e História. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). **Cidade**: história e desafios. Rio de Janeiro: Ed.Fundação Getulio Vargas, 2002.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. São Paulo:EDUSC, 2004.

CAMPOS, Candido Malta. **Os rumos da cidade**. Urbanização e Modernização em São Paulo. São Paulo, SENAC, 2002, p. 24.

CANABARRO, Ivo. **Dimensões da cultura fotográfica no sul do Brasil**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

CARDOSO, Miriam Limoeiro. **Ideologia do desenvolvimento**: Brasil: JK JQ. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

CARLOS, A. F. A. **Espaco e Indústria**. Sao Paulo: Contexto, 1988.
_____. **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CARVALHO, Vânia Carneiro de; LIMA, Solange Ferraz de. **Fotografia e Cidade**: da razão urbana à lógica do consumo: álbuns da cidade de São Paulo, 1887-1954. São Paulo: Mercado das Letras, 1997.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estud. av. vol.5 no.11 São Paulo Jan./Apr. 1991

_____. **À beira da falésia**: a história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

_____. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2010.

COHEN, Marleine. **Juscelino Kubistchek**: o presidente bossa nova. São Paulo, Globo, 2005.

COPSTEIN, Rafael. **Evolução Urbana de Rio Grande**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n.122, p.43-68, 1982.

COUTO, Ronaldo Costa. **Juscelino Kubitschek**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara: Senado Federal, Edições Técnicas, 2011.

D'AVILA, Naida Menezes. Na trajetória da modernidade: O lazer e a Moral nos anos 50 em Porto Alegre. In: KRAWCZYK, Flávio (org). **Da necessidade do moderno**: o futuro de Porto Alegre do século passado. Porto Alegre: UE/Secretaria Municipal de Cultura, 2002.

DANTAS, Ana Caroline de Carvalho Lopes, **Sanitarismo e Planejamento Urbano**: a trajetória das propostas urbanísticas para Natal entre 1935 e 1969. Natal: UFRN, Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, 2003.

DUARTE, Regina Horta. Em nome do verde: condomínios residenciais privados, perspectiva histórica, anos 1950-1960. In: **III Congresso Internacional de História Urbana**. Brasília, ed. Unb, 2013.

DUBOIS, Philippe. **O Ato Fotográfico**. 12ª ed., São Paulo: Papirus Editora, 2009.
Editores, 1975.

ETCHEVERRY, Carolina Martins. Fotografias de cidade no século XIX: um debate possível entre memória e patrimônio. **IV Encontro Nacional de Estudos da Imagem I Encontro Internacional de Estudos da Imagem**. Londrina, PR, 2013.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da USP. 1995.

FELDMAN, Sarah. Para além do olhar técnico: habitação como questão urbanística no Brasil (1939-1958). In: **III Congresso Internacional de História Urbana**. Brasília, Ed. UNB, 2013.

FELIZARDO, Luiz Carlos. Fotografia, Arquitetura, Espaço Urbano. In: **Anais do Congresso Latino Americano sobre a cultura arquitetônica e urbanística**. Porto Alegre, 1992.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. Cidade: imagem e imaginário. In: **Os significados urbanos**. São Paulo: Editora USP/FAPESP, 2000. p.115-131.

FERRAZ, Célia de Sousa; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs). **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2008.

FURNAS. Edição especial - 50 Anos de Furnas. **Revista FURNAS** - Ano XXXIII - nº 337 - Fevereiro 2007.

GAWRYSZEWSKI, Alberto. **Agonia de morar: urbanização e habitação na cidade do Rio de Janeiro (DF) - 1945/50**. Londrina (PR): UEL, 2012.

GORELIK, Adrián. O moderno em debate: cidade, modernidade, modernização. In: MIRANDA, Wander Melo, (org.). **Narrativas da Modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. **Nação, nacionalismo, Estado**. Estudos Avançados 22 (62), 2008.

HABERMAS, Jürgen. A consciência de época da modernidade e a sua necessidade de autocertificação. In: **O discurso filosófico da modernidade**. Lisboa: Dom Quixote, 1990.

HALL, P. **Cidades do amanhã**: uma história intelectual do planejamento e do projeto urbano no século XX. São Paulo: Perspectiva, 1995.

JEUDY, Henri Pierre. **Espelho das Cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

KNAUSS, Paulo. **A escultura no campo ampliado**. In: Gávea, nº1, Rio de Janeiro, 1985.

_____. **O desafio de fazer História com imagens**: arte e cultura visual. ArtCultura, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan.-jun. 2006

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

_____. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. São Paulo, Ateliê Ed, 1999.

KOURY, Ana Paula. Arquitetura construtiva: proposições para a produção da arquitetura no Brasil (1960-1970). **Projeto História**, São Paulo, n.34, p. 189-203, jun. 2007.

KUBISTCHEK, Juscelino. **Por que construí Brasília**. Brasília, Senado Federal, 2000.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

LEHMKUHL, Luciene. Fazer história com imagens. In: PARANHOS, Kátia; LEHMKUHL, Luciene e PARANHOS, Alberto (orgs.) **História e Imagens** – texto visuais e práticas de leituras. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. Limites da utopia: cidade e modernização no Brasil desenvolvimentista (Florianópolis, década de 1950). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 27, nº 53, p. 297-322, 2007.

LOUZADA, Silvana. A Inauguração de Brasília pelas lentes dos fotógrafos de *O Cruzeiro e Manchete*. Intercom – **XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – BH/MG – 2003.

LUCA, Tania Regina de Luca; MARTINS, Ana Luiza. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla. (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

LYNCH, Kervin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MACHADO, Andréa Soler. **A borda do rio em Porto Alegre**: arquiteturas imaginárias, suporte para a construção de um passado. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

MARTELETO, R.M. Informação: elemento regulador dos sistemas, fator de mudança social ou fenômeno pós-moderno? **Ciência da Informação**, v.16 n.2, p.169-80, jul./dez. 1987.

MARTINS, José de Souza Martins. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

MARTINS, Solismar Fraga. **Cidade do Rio Grande**: industrialização e urbanidade (1873 – 1990). Rio Grande: Editora da Furg, 2006.

_____. Rio Grande (RS) e suas Paisagens Urbanas: a cidade portuária, seus períodos industriais e suas espacialidades. In: ALVES, Francisco das Neves (Org). **Seminário Cultura e Identidades**. Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 2013.

MASSIA, Rodrigo de Souza. **Fotógrafos, espaços de produção e usos sociais da fotografia em Porto Alegre nos anos 1940 e 1950** / PUC-RS, Porto Alegre, 2008.

MAUAD, Ana Maria. A inscrição na cidade: Fotografia de autor, Marc Ferrez e Augusto Malta. In: SALGUEIRO (coord), Heliana. **Paisagem e arte: a invenção da natureza, a evolução do olhar**. São Paulo: H. Angotti Salgueiro, 2000.

_____. O olhar engajado: fotografia contemporânea e as dimensões políticas da cultura visual. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 10, n. 16, p. 33-50, jan.-jun. 2008.

MELLO, João Manuel Cardoso; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHAWARCZ, Lilian (et al.) **História da Vida Privada no Brasil**: contraste da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MENESES, Ulpiano. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, vol. 23, nº 45. 2003.

_____. Ulpiano. Rumo a uma História Visual. In: MARTINS, J. de S; ECKERT, C. e NOVAES, S. C. (Orgs.). **O Imaginário e o Poético nas Ciências Sociais**. Bauru: Edusc, 2005, PP. 33-56.

MEYRER, Marlise Regina. **Representações do desenvolvimento nas fotorreportagens da revista o cruzeiro (1955-1957)**. Tese de doutorado, PUC-RS, 2008.

MIRANDA, Wander Melo (org.) **Anos JK: margens da modernidade**. São Paulo: Imprensa Oficial/Casa de Lúcio Costa, 2002.

MODESTO, H. Ausência de Planejamento no Brasil. In: I. B. MUNICIPAL, **Leituras de planejamento e urbanismo**. IBAM, Rio de Janeiro, p. 3-18, 1965. [Revista de Administração Municipal, 37, novembro-dezembro 1959]

MONTEIRO, Charles. Porto Alegre: urbanização e modernidade. A construção social no espaço urbano. **Coleção História 4**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

_____. História, fotografia e cidade: reflexões teórico-metodológicas sobre o campo de pesquisa. **MÉTIS: história & cultura** – v. 5, n. 9, p. 11-23, jan./jun. 2006.

_____. A construção da imagem dos "outros" sujeitos urbanos na elaboração da nova visualidade urbana de Porto Alegre nos anos 1950. **Urbana**, ano 2, nº 2, 2007, dossiê: cidade, imagem, história e interdisciplinaridade. CIEC/UNICAMP.

MÓR, Roberto Luís Monte. A cidade e o urbano. In: BRANDÃO(ORG.), Carlos Antônio Leite. **As cidades da cidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MOREIRA LEITE, Miriam. Leitura da fotografia. **Estudos Feministas**. Ano 2 - 130 2º semestre 1994.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. Nacionalismos e reforma agrária nos anos 50. **Rev. Bras. Hist.** vol.18 n.35 São Paulo 1998.

MUMFORD, Lewis, **A cidade na história**: suas origens, transformações e perspectiva São Paulo: Martins Fontes, 1998

NETO, Regina Beatriz Guimarães. **Cidades da mineração**: memórias e práticas culturais - Mato Grosso na primeira metade do séc XX. Cuiabá: Carlini & Caniato; EduFMT, 2006.

NEVES, Hugo Alberto Pereira. O Porto do Rio Grande no período de 1945-1965. **Biblos**, Rio Grande, v. 1, n. 39, 1985.

NIEMEYER, Oscar. **Minha experiência em Brasília**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2006.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi Oliveira. Tempos de JK: a construção do futuro e a preservação do passado. In: MIRANDA, Melo Wander. **Anos JK**: margens da modernidade. São Paulo: Imprensa Oficial, Casa de Lucio Costa, 2002.

OLIVEIRA, Valter Gomes Santos. **Revelando a cidade**: imagens da modernidade no olhar fotográfico de Osmar Micucci (Jacobina 1955-1963). Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

OLIVO, Carla; REGO, Renato. Ordenar a cidade, habitar moderno: Prestes Maia em Londrina. In: **III Congresso Internacional de História Urbana**. Brasília, ed. UNB, 2013.

PAREYSON, Luigi. **Os Problemas da Estética**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PEDROSO, Duarte Ticiano. **Cidade nova**: Narrativas do cotidiano no subúrbio operário de Rio Grande – 1950. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Pelotas, UFPEL, 2012.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Intervenções urbanas**: Arte/Cidade. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012.

PELISSARI, Marina Kruger. **A “mais fina sociedade riograndina” e suas representações:** a vida social da elite de Rio Grande - RS (1956 a 1960). Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS, 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O cotidiano da república.** Porto Alegre: Ed. Da Universidade / UFRGS, 1992.

_____. **Os pobres da cidade:** vida e trabalho – 1880-1920. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

_____. **História do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

PINHEIRO, Luiz Adolfo. **JK,** Jânio, Jango. Três Jotas que abalaram o Brasil. Brasília, Letraliva, 2001. (<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01881998000100015>), acessado 01/10/2013

POSSAMAI, Zita Rosane. **Cidade fotografada:** memória e esquecimento nos álbuns fotográficos – Porto Alegre décadas de 1920-1930. Tese doutorado, UFRGS, Porto Alegre, 2005.

_____. Fotografia e Cidade. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 10, n. 16, p. 67-68 77, jan.-jun. 2008.

PRINCIPE, Hermogenes. **Luz E Trevas Nos Tempos De Juscelino.** São Paulo: E Realizações, 2002.

QUINTO, Maria Cláudia. Por trás das lentes, uma história: a percepção de fotógrafos sobre as imagens da mídia impressa. In: MONTEIRO, Charles (Org). **Fotografia,** história e cultura visual: pesquisas recentes. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

Revista Sapiência, setembro de 2006, Nº 9 Ano III. Informativo científico da FAPEPI.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 50.** Tese em Doutorado em Comunicação. UFRJ/ECO, 2000.

RIBEIRO, Cecília; PONTUAL, Virgínia . A reforma urbana nos primeiros anos da década de 1960. *Arquitextos*, São Paulo, ano 10, n. 109.07, **Vitruvius**, jun. 2009 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.109/50>>. Acessado em 10/02/2013

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. (Org.). **Cidade, povo e nação** - Gênese do urbanismo moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

RODRIGUES, Marly. **O Brasil na década de 1950**. São Paulo: Editora Marly Rodrigues, 2010.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Editora brasiliense, 1998.

ROSSI, A. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ROUILLÉ, André. **A fotografia**: entre documento e arte contemporânea. São Paulo: Senac, 2009.

RUDIGER, Francisco Ricardo. **Tendências do Jornalismo**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2003.

SALVATORI, Elena; HABIAGA, Lydia Angélica de Perez; THORMANN, Maria do Carmo. Crescimento Horizontal da Cidade do Rio Grande. In: **Revista Brasileira de Geografia**, V. 51, n. 1, Publicação Trimestral (Jan/Mar), Rio de Janeiro, 1989.

SANDRI, Sinara Bonamigo. **Um fotógrafo na mira do tempo**. Porto Alegre, por Virgílio Calegari. Dissertação Mestrado em História – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SILVA, Luciana F. Transformações urbanas e imaginário fotográfico: a cidade de São Paulo sob a visão de três grandes fotógrafos. **Revista Significação**, Nº 31, 2009.

SINGER, Paul. **A crise do “milagre”**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil**: de Getúlio a Castelo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

_____. **Sobre fotografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

STORMOWSKI, Marcia Sanocki. **Interpretações sobre a pobreza na época do desenvolvimentismo:** análise dos discursos de Vargas e JK. Tese Doutorado, UFRGS, 2011.

TOMAZONI, Mário Alberto. **Álbuns da cidade de Caxias (1935-1947):** As reformas urbanas fotografadas. Dissertação, PUC, RS, Porto Alegre, 2011.

VASCONCELOS, J. R. Luta contra o subdesenvolvimento é luta contra o imperialismo. In **Revista Brasileira.** São Paulo, nº 27, jan./fev. 1960, pp. 157-164.

VIVIAN, Diego Luiz. **Indústria portuária sul-rio-grandense:** portos, transgressões e a formação da categoria dos vigias de embarcações em porto alegre e rio grande (1956 - 1964). Dissertação, UFRGS, Porto Alegre, 2008.

WAISMAN, Marina. La ciudad e sua memorias. In: **Anais do Congresso Latino Americana sobre a cultura arquitetônica urbanística.** Porto Alegre: Prefeitura de Porto Alegre, 1992.

WHITE, Hayden. Teoria Literária e Escrita da História. In: **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1991, p. 21-48.

Meios eletrônicos:

<http://www.itaucultural.org.br>

Acessado em 20/06/2012

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=n=marcos_texto&cd_verbete=3967

Acessado em 20/10/2012

Rev. Econ. Polit. vol.30 no.2 São Paulo Apr./June 2010

<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-31572010000200002>

Acessado em 10/08/2013

Tendências Demográficas, Uma análise dos resultados da amostra do Censo Demográfico 2000. Vargas/**CPDOC**, 1991. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/tendencias_demograficas/tendencias.pdf. Acessado em 20/12/2013

<http://www.historiadamundo.com.br/idade-contemporanea/crisede29.htm>
Acessado em 30/12/2013